

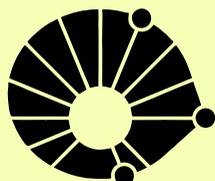
**Publicação do CESOP**

# **OPINIÃO PÚBLICA**

**Abril/96**

**V. 4 N°1**

**ISSN 0104-6276**



**CESOP**  
CENTRO  
DE ESTUDOS  
DE OPINIAO PUBLICA

# Universidade Estadual de Campinas

## UNICAMP

Reitor: José Martins Filho

Coordenador Geral da Universidade: André Maria Pompeu Villalobos

Pró- Reitor de Desenvolvimento Universitário: José Tadeu Jorge

### CENTRO DE ESTUDOS DE OPINIÃO PÚBLICA

#### CESOP

##### Conselho Orientador

**Presidente:** Bolívar Lamounier (IDESP/ PUC-SP)  
**Vice- presidente:** Plínio Dentzien (IFCH- UNICAMP)  
**Conselheiros:** Antônio Flávio Pierucci (FFLCH- USP), Carlos Eduardo Meirelles Matheus (Gallup), Mauro Francisco Paulino (Datafolha), José Álvaro Moisés (FFLCH- USP/CEDEC), José Ferreira de Carvalho (IMECC- UNICAMP), Leandro Piquet Carneiro (ISER), Márcia Cavallari Nunes (IBOPE), Marcus Figueiredo (IUPERJ), Ney Lima Figueiredo (CEPAC), Örjan Olsén (CBPA), Rachel Meneguello (IFCH- UNICAMP), Salvador Sandoval (FE- UNICAMP), Vilmar E. Faria (IFCH- UNICAMP).

##### Comitê Técnico-Científico

Fernando Antonio Lourenço  
José Ferreira de Carvalho  
Plínio Dentzien  
Vilmar E. Faria

##### Equipe Técnica

**Coordenação:** Rachel Meneguello  
**Pesquisadores:** Maria Teresa Gonzaga Alves, Paula Vanina Cencig, Vitor Barletta Machado  
**Secretária Geral:** Maria das Graças Plá Sanches

#### OPINIÃO PÚBLICA, Vol. IV, nº 1

**Conselho Editorial:** Amaury de Souza, Antônio Lavareda, Carlos Vogt, Charles Pessanha, Fábio Wanderley Reis, Hélgio Trindade, Juarez Rubens Brandão Lopes, Leôncio Martins Rodrigues, Lúcia Avelar, Nelly de Camargo, Nelson do Valle e Silva, Ruy Martins Altenfelder Silva.

**Coordenação geral:** Rachel Meneguello  
**Produção:** Equipe Técnica do CESOP e José Guilherme P. Brandt

##### Centro de Estudos de Opinião Pública

Universidade Estadual de Campinas Cidade Universitária  
"Zeferino Vaz"  
Caixa Postal: 6110  
Campinas - São Paulo  
13081-970  
Tel: (55-19)239-7093  
Fax: (55-19)239-4309  
Internet: CESOP@TURING.UNICAMP.BR  
Home page: <http://www.unicamp.br/cesop/cesop.htm>

**Opinião Pública** é uma publicação do CESOP e está aberta a propostas de artigos e colaborações que deverão ser submetidas ao Conselho Editorial. Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não expressando a opinião dos membros do Conselho Editorial ou dos órgãos que compõem o CESOP.

**ISSN 0104-6276**

**Abril de 1996**

REVISTA FINANCIADA COM RECURSOS DO

Programa de Apoio a Publicações Científicas

MCT

CNPq

FINEP

Publicação do CESOP

# OPINIÃO PÚBLICA

Abril 96

Vol. IV, nº 1

ISSN 0104-6276

## SUMÁRIO

|  | Pág.   |
|--|--------|
| <b>As culturas da cidade e os novos intermediários culturais</b><br>Derek Wynne, Justin O'Connor e Dianne Phillips | 01     |
| <b>Atitudes da classe trabalhadora e democracia no Brasil</b><br>Fabián Echegaray                                  | 23     |
| <b>TENDÊNCIAS</b><br>Encarte de Dados de Opinião Pública, Ano IV, nº 1   | Centro |
| <b>Televisão e voto: a eleição de 1992 para prefeito de São Paulo</b><br>Mauro Pereira Porto                       | 41     |

|                 |          |         |      |          |            |                |
|-----------------|----------|---------|------|----------|------------|----------------|
| Opinião Pública | Campinas | Vol. IV | nº 1 | P. 01-50 | Abril 1996 | ISSN 0104-6276 |
|-----------------|----------|---------|------|----------|------------|----------------|



**CESOP**  
CENTRO  
DE ESTUDOS  
DE OPINIÃO PÚBLICA

# *As culturas da cidade e os novos intermediários culturais (1)*

---

---

**Derek Wynne, Justin O'Connor  
e Dianne Phillips**

Department of Sociology  
Manchester Metropolitan University

---

## **Resumo**

Este artigo estuda o consumo de bens culturais na cidade de Manchester, Inglaterra, e através de resultados obtidos em survey, os autores mapeiam como a ocupação do centro da cidade por novos grupos de intermediários culturais redefine o uso espacial do antigo centro.

**Palavras-chave:** consumo cultural, estilos de vida, espaço urbano, intermediários culturais

## **Abstract**

This article studies the consumption of cultural goods in the city of Manchester (UK), and based on survey's results the authors present how the occupation of the city centre by new cultural intermediaries redefines the old city centre spatial uses,

**Keywords:** cultural consumption, lifestyle patterns, cultural intermediaries, urban space

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na Conferência Anual da British Sociology Association - "Contested Cities" - Universidade de Leicester, abril 1995.

## **Introdução**

Dois debates atuais nas ciências sociais são tratados por nós neste artigo: primeiro, aquele associado à regeneração urbana e ao papel mutável das cidades; segundo, aquele associado à construção e à desconstrução de identidades, sustentado por grande parte da teorização pós-moderna (FEATHERSTONE, 1991; HARVEY, 1990; LASH, 1990; SHIELDS, 1991; SMITH & WILLIAMS, 1986; ZUKIN, 1982 & 1992). Além disso, estamos particularmente preocupados em relacionar nossa pesquisa àquela realizada por Bourdieu (1984).

Dado o impacto do trabalho de Bourdieu na sociologia da cultura, e o débito que os debates acima delineados têm com ele, nossa pesquisa tentou incorporar algumas das preocupações de sua tese às nossas próprias investigações.

A última década viu uma produção crescente na área de mudança cultural e sobre os grupos que parecem ser centrais para a disseminação e promoção de tal mudança - os novos intermediários culturais (BETZ, 1992; BOURDIEU, 1984; FEATHERSTONE, 1991). Neste contexto, nossa pesquisa busca investigar as afirmações feitas por aqueles que utilizariam Bourdieu para caracterizar regenerações urbanas baseadas culturalmente, como sendo parte de uma estratégia de distinção desta fração da nova classe média, fração esta que pode ser identificada dentre os primeiros possuidores de estilos de vida pós-modernos<sup>2</sup>.

Examinamos estas afirmações através do estudo de uma população que havia recentemente se mudado para as novas e renovadas residências no centro da cidade de Manchester, com a hipótese de que ela se conformaria o mais proximamente ao modelo acima. Os empreendimentos residenciais estavam fortemente ligados a uma estratégia de regeneração urbana baseada culturalmente. A falta de qualquer tradição recente de vida no centro da cidade, a qualidade peculiar e o estilo dos empreendimentos residenciais, e o período de tempo relativamente condensado em que estes foram ocupados, sugeriam que nosso *survey* coletaria um grupo suficientemente homogêneo sobre o qual testar estas afirmações. Um outro objetivo foi utilizar o questionário de Bourdieu de La Distinction, porém consideravelmente retrabalhado e atualizado a fim de fornecer uma dimensão extra de troca comparativa. De forma semelhante foi feito o uso, assim como em La Distinction, de análises estatísticas multivariadas, utilizando análises de correspondência.

---

<sup>2</sup> Promovendo a atenção constante (e a preocupação) com o *eu* apresentado através do 'estilo de vida' (incluindo a trajetória da idade e as rotas sociais tradicionais); a indistinção das fronteiras culturais tradicionais, especialmente aquelas entre as formas culturais 'elevada' e 'mais popular'; e uma ênfase na diversão, no hedonismo e no espetáculo. Este crescimento de 'novos intermediários culturais', de 'para-intelectuais' é crucial para um entendimento do pós-modernismo.

Nossa pesquisa tentou uma comparação limitada entre a análise estrutural de Bourdieu e alguns de nossos próprios achados<sup>3</sup>. Ela incluiu:

- (a) a descrição da estrutura, estilo de vida e consumo cultural destes residentes do centro da cidade, obtida a partir de um questionário;
- (b) a análise das variáveis de capital cultural contra as variáveis estruturais para encontrar quaisquer barreiras estruturais dentro da própria amostragem;
- (c) a comparação entre níveis de competência cultural através de diferentes campos culturais tais como música, filme e arte, a fim de ter acesso aos níveis relativos de capital cultural e sua distribuição dentro de diferentes formas culturais;
- (d) a avaliação das afirmações dos teóricos da nova classe média à luz dos resultados de nosso *survey*.

Além disso tentamos investigar nossos entrevistados sob uma abordagem qualitativa, para estabelecer o que considerávamos um lado 'subjetivo' crucial para nossa análise. Além de conduzirmos entrevistas em profundidade, também nos dedicamos a uma etnografia dos 'novos espaços culturais' que emergiram recentemente na cidade.

Nossas entrevistas visaram revelar:

- (a) a extensão da reflexividade/ individuação e da preocupação com a apresentação do eu;
- (b) as práticas de sociabilidade e as preocupações com diversão, lazer e hedonismo;
- (c) como o uso do centro da cidade pode ou não fazer parte de um capital cultural; como o centro pode representar uma crucial escolha/rejeição em termos de uma construção de identidade, e como ele é usado enquanto espaço cultural.

Nossa etnografia investigou os usos mutáveis do centro da cidade tendo em vista as agências que tentam reestruturar estes usos; os grupos e agências que responderam a esta mudança, e as redes sociais que dela emergiram. Além disso estávamos preocupados com as transformações na imagem de lugar associadas ao centro da cidade e as conseqüentes práticas espaciais mutáveis a partir destas imagens transformadas.

---

<sup>3</sup> Reconhecemos aqui que o trabalho de Bourdieu fornece uma análise empírica da estrutura social da sociedade francesa. Nossa limitada investigação foi confinada a uma amostra dos novos residentes do 'centro da cidade'.

## **Métodos**

Os dados foram coletados por questionário (210 moradores), entrevistas em profundidade (50 moradores) e etnografia. O plano de pesquisa empregava abordagens quantitativas e qualitativas de maneira interativa e complementar.

Investigações preliminares indicaram que havia diferenças quanto ao preço entre os empreendimentos individuais. Para fornecer um elemento de controle, o procedimento inicial de amostragem adotado foi uma amostra aleatória por estratificação utilizando os locais dos empreendimentos como a variável para o agrupamento inicial. Listagens das habitações em cada empreendimento foram utilizadas para selecionar as unidades aleatoriamente. O questionário pediu aos entrevistados informações sobre 104 itens (incluindo a tabela de observação). Essencialmente nosso questionário é similar ao desenvolvido por Bourdieu, mas inclui também um número de questões 'desenvolvidas etnograficamente' quanto a preferências por bares, clubes, lojas, teatros e galerias e outros eventos no centro da cidade<sup>4</sup>.

Cinquenta entrevistas em profundidade (com uma duração média de 2 horas) foram conduzidas com auxílio de um roteiro, cuja produção baseou-se na análise de parte dos dados quantitativos juntamente com uma preocupação em conduzir entrevistas que revelassem informações associadas às práticas de usos e monitoração reflexiva que os métodos quantitativos são menos aptos a descobrir<sup>5</sup>. Deste modo nossas entrevistas em profundidade tentaram nos fornecer uma discussão ampliada sobre:

1. Biografia e Mobilidade
2. Objetivos e Estruturas de Vida
3. A vida na cidade
4. O uso da cidade
5. Os apartamentos
6. Os arranjos domésticos

Cada uma das entrevistas foi gravada em fita e transcrita<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> O procedimento HOMALS dentro de CATEGORIAS (SPSS) foi utilizado para análise de múltipla correspondência. Conforme o nome sugere, esta é a forma de análise de correspondência múltipla que usa análise de homogeneidade, isto é, ela busca otimizar a homogeneidade das variáveis. HOMALS foi usado para explorar as relações entre as sete variáveis de indicadores. Para uma discussão completa de análise de correspondência e seu uso neste projeto de pesquisa vide Phillips, D (1994).

<sup>5</sup> As respostas às seis questões abertas neste questionário foram colocadas no AskSam, uma base de dados formato livre. A análise preliminar das respostas dos arquivos do AskSam para as questões com final em aberto forneceram sugestões para temas e tópicos que foram incluídos na tabela para as entrevistas qualitativas.

<sup>6</sup> A análise das transcrições usou amplamente o software HypeResearch, um programa de software do Macintosh para a análise de dados qualitativos. Ele atua como um cartão de índice eletrônico para o cotejo e análise de materiais textuais.

Nossa etnografia teve início com um mapeamento dos recursos culturais e sociais do centro da cidade, o que também auxiliou no desenvolvimento do questionário. A tarefa de 'traduzir' o questionário de Bourdieu mostrou-se difícil e exigiu um amplo conhecimento dos recursos - conhecimento que consideramos ser relativamente pouco reconhecido em seu trabalho. Esta tarefa foi facilitada pelo amplo conhecimento, formal e informal, que o etnógrafo tinha da cidade; incluindo o envolvimento com a pesquisa e a implementação da política cultural, e os contatos formal e informal com proprietários, empregados, fornecedores (*designers*, artesãos de mobília, *disc-jockeys*, etc.) e usuários dos bares, cafés e clubes da cidade.

Além deste trabalho de campo, a etnografia preocupou-se também em revelar redes emergentes ao nível das políticas, e a relação entre estas e seus provedores.

## **Resultados do questionário**

### *1 - Características estruturais da população pesquisada*

Idade e Condição do Morador: o grupo foi composto predominantemente de jovens ou jovens adultos com uma idade média de 36 anos e uma idade modal de 27 anos (Gráfico 1). Apenas 17% da amostragem eram de casados atualmente vivendo juntos. O estado civil e a condição do morador estão apresentados nos Gráficos 2a e 2b.

Renda: embora tenha ocorrido um número de estudantes entre os entrevistados e moradores de baixa renda, fora desta categoria a renda do morador estava distribuída bem igualmente chegando a 50.000 libras esterlinas por ano.

Ocupação: um quarto (1/4) do grupo estava em ocupações profissionais e de gerência, outros 34% em ocupações onde os professores eram o maior grupo único. Em comparação aos dados de Bourdieu utilizando suas definições (incomuns na sociologia empírica inglesa), 59% de nossos entrevistados poderiam ser identificados como classe alta, 35% como classe média e menos de 10% como classe trabalhadora. No contexto das classificações inglesas-padrão, a classificação das ocupações está apresentada na Tabela 1.

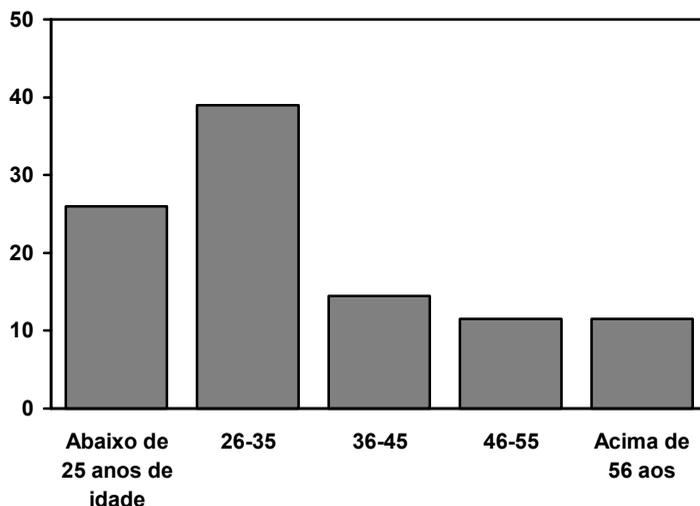
Mobilidade Social: os entrevistados possuíam mobilidade social variada. Alguns claramente originavam-se na classe média, outros tinham um passado que identificava uma mobilidade social substancial. Uma imediata identificação de mobilidade social, utilizando as classificações das ocupações dos entrevistados e de seus pais está fornecida na Tabela 2. Os níveis comuns de mobilidade em intervalos curtos são notáveis, mas, por exemplo, 12 pessoas em (1) estavam numa distância de dois *ranks* ou mais. Havia uma notável mobilidade descendente (6/12 em 4, por

exemplo) e estas observações são relevantes no que se refere à nossa comparação com Bourdieu<sup>7</sup>.

Educação: os entrevistados possuíam níveis relativamente altos de escolaridade: 52% possuíam o primeiro grau ou mais, e a maioria do restante havia sido educada além do grau de escolaridade mínimo.

Residência prévia: A maioria havia se mudado da Grande Manchester e de seus subúrbios, ou seja, haviam substituído viver em algum lugar dentro da área de Manchester para viver no centro da cidade propriamente. Conforme esperávamos, a maioria esmagadora era de novos residentes, lá estabelecidos há menos de três anos - vide Gráficos 4 e 5.

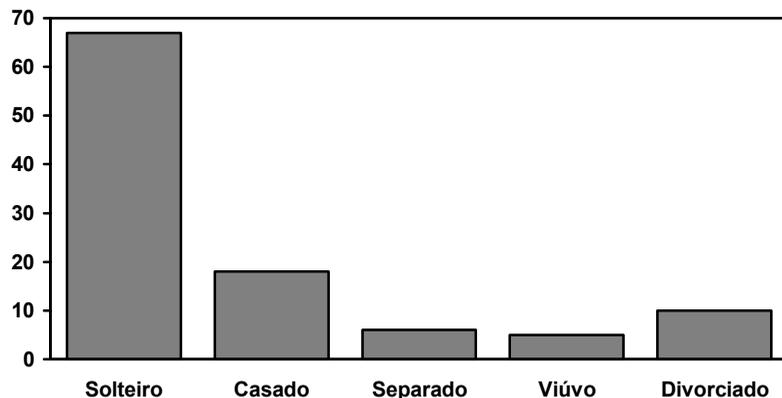
**Gráfico 1**  
**Grupos de idade (%)**



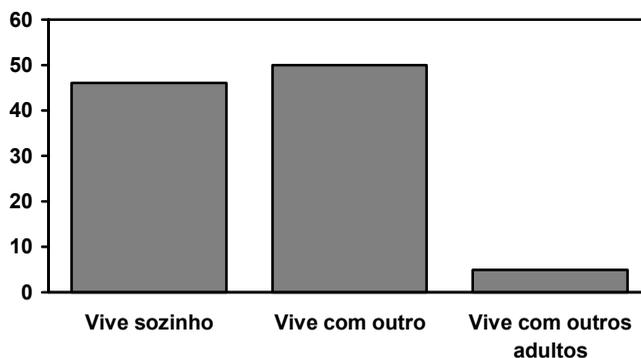
---

<sup>7</sup> Bourdieu estava interessado em frações que não aquelas de capital econômico e cultural substanciais e que mesmo assim tivessem aspirações ao consumo cultural. Uma aparente mobilidade descendente em termos econômicos poderia ser traçada por um status de 'irmão mais novo' em termos de capital cultural (por exemplo trabalhar em café ou galeria, ou voluntariamente em eventos culturais; profissões administrativas em instituições culturais de prestígio).

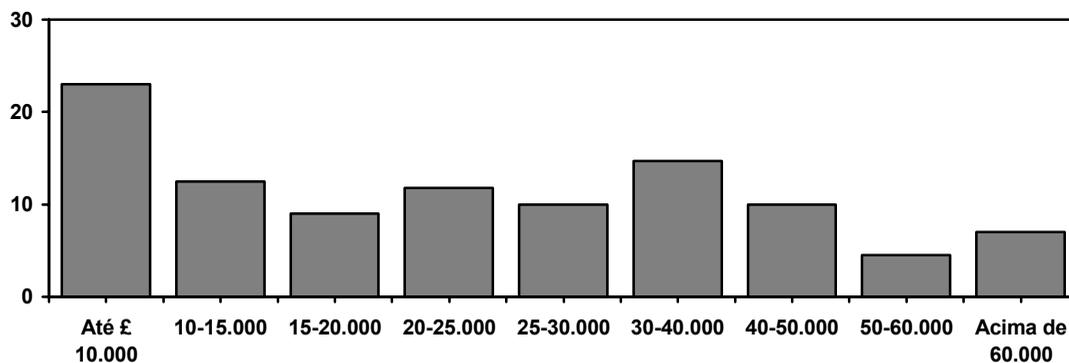
**Gráfico 2a**  
**Estado civil (%)**



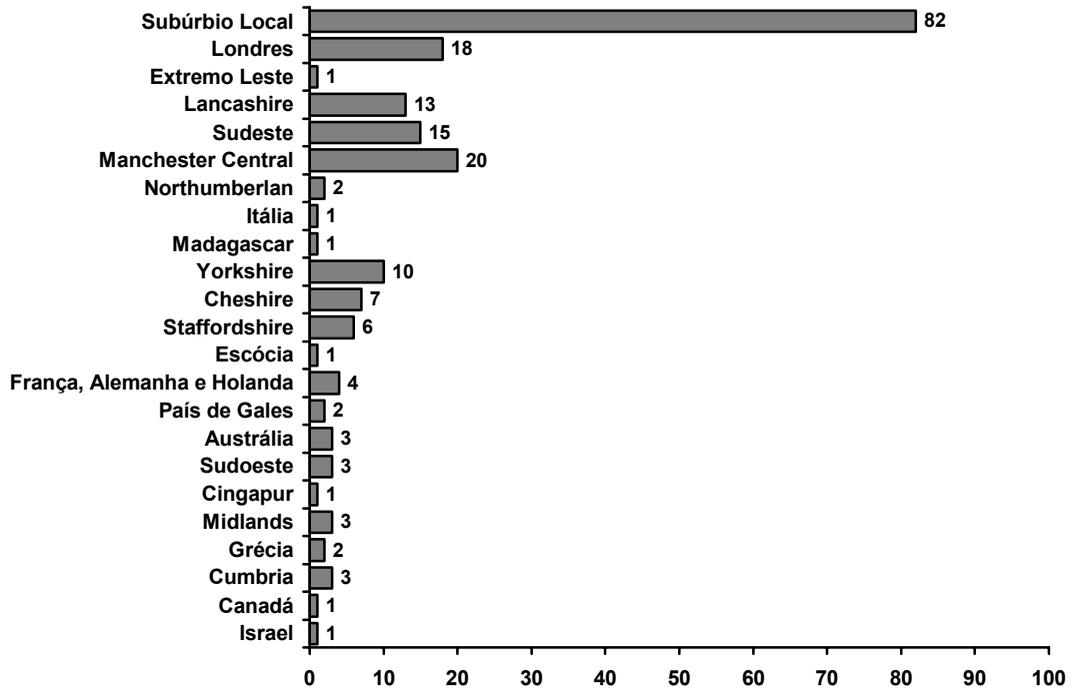
**Gráfico 2b**  
**Condição atual do morador (%)**



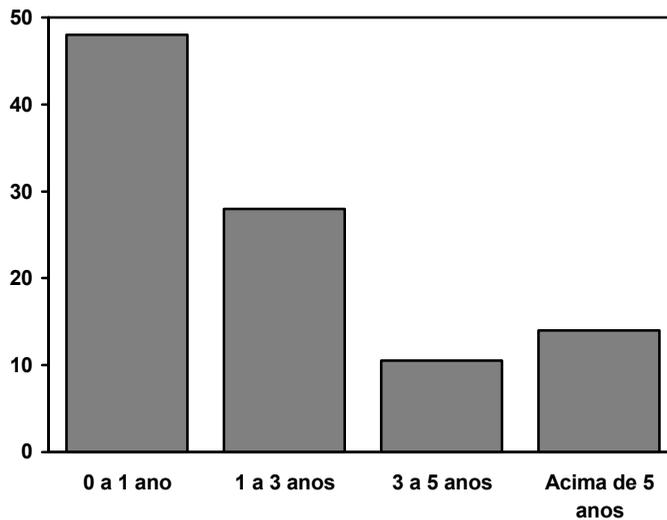
**Gráfico 3**  
**Renda familiar - em libras esterlinas - (%)**



**Gráfico 4**  
**Residência anterior (%)**



**Gráfico 5**  
**Tempo de residência (%)**



**Tabela 1**  
**Ocupações**

|       |   | n                                    | %     |     |
|-------|---|--------------------------------------|-------|-----|
| 1     | Gerentes Gerais / Administrativos de Grandes Organizações | 3                                    | 2,0   |     |
|       | Gerentes de Produção                                      | 5                                    | 3,4   |     |
|       | Gerentes Especialistas                                    | 12                                   | 8,1   |     |
|       | Gerentes e Executivos do Setor Financeiro                 | 1                                    | 0,7   |     |
|       | Gerentes do Setor de Transportes                          | 1                                    | 0,7   |     |
|       | Gerentes / Proprietários no Setor de Serviços Industriais | 10                                   | 6,8   |     |
| 2     | Cientistas Naturais                                       | 3                                    | 2,0   |     |
|       | Engenheiros e Tecnólogos                                  | 5                                    | 3,4   |     |
|       | Profissionais de Saúde                                    | 5                                    | 3,4   |     |
|       | Professores   | 16                                   | 10,8  |     |
|       | Profissionais da Lei                                      | 11                                   | 7,4   |     |
|       | Negócios e Finanças                                       | 4                                    | 2,7   |     |
|       | Arquitetos, Planejadores                                  | 3                                    | 2,0   |     |
|       | Outros  | 8                                    | 5,4   |     |
| 3     | Técnicos Científicos                                      | 1                                    | 0,7   |     |
|       | Programadores   | 7                                    | 4,7   |     |
|       | Controladores de Vôo / Navegação                          | 1                                    | 0,7   |     |
|       | Profissionais Associados à Saúde (Enfermeiros)            | 3                                    | 2,0   |     |
|       | Profissionais Associados às Finanças                      | 3                                    | 2,0   |     |
|       | Assistentes Sociais / Setor de Seguridade Social          | 2                                    | 1,4   |     |
|       | Esportes, Artes, Literatura                               | 11                                   | 7,4   |     |
| 4     | Funcionários Administrativos                              | 6                                    | 4,1   |     |
|       | Caixas e Balconistas                                      | 4                                    | 2,7   |     |
|       | Arquivistas   | 1                                    | 0,7   |     |
|       | Secretários   | 2                                    | 1,4   |     |
|       |   | Outros                               | 3     | 2,0 |
| 5     | Equipamentos Elétricos                                    | 4                                    | 2,7   |     |
|       | Equipamentos Têxteis                                      | 2                                    | 1,4   |     |
|       |   | Outros Setores Manufatureiros        | 1     | 0,7 |
| 6     |   | Relacionados ao Setor de Manufaturas | 1     | 0,7 |
| 7     |   | Representantes Comerciais            | 2     | 1,4 |
|       |   | Vendedores                           | 1     | 0,7 |
| 8     |   | Operadores de Máquinas               | 1     | 0,7 |
|       |   | Operadores Industriais               | 1     | 0,7 |
| 9     |   | Atendente de Hospital                | 1     | 0,7 |
|       |   | Outros                               | 4     | 2,7 |
| TOTAL |   | 149                                  | 100,0 |     |

**Tabela 2. Mobilidade**  
**Cruzamento entre ocupação do entrevistado e ocupação do pai**

| Ocupação do entrevistado | Ocupação do pai |            |           |          |            |           |           |          |           | TOTAL      |
|--------------------------|-----------------|------------|-----------|----------|------------|-----------|-----------|----------|-----------|------------|
|                          | 1               | 2          | 3         | 4        | 5          | 6         | 7         | 8        | 9         |            |
| <b>1</b>                 | 10<br>31,3      | 10<br>31,3 | 1<br>3,1  | 3<br>9,4 | 4<br>12,5  | 2<br>6,3  |           | 2<br>6,3 |           | 32<br>23,5 |
| <b>2</b>                 | 8<br>17,4       | 14<br>30,4 | 3<br>6,5  | 2<br>4,3 | 10<br>21,7 | 1<br>2,2  | 2<br>4,3  | 4<br>8,7 | 2<br>4,3  | 46<br>33,8 |
| <b>3</b>                 | 8<br>27,6       | 9<br>31,0  | 1<br>3,4  | 1<br>3,4 | 4<br>13,8  | 2<br>6,9  | 1<br>3,4  | 2<br>6,9 | 1<br>3,4  | 29<br>21,3 |
| <b>4</b>                 | 2<br>16,7       | 2<br>16,7  | 2<br>16,7 |          | 4<br>33,3  | 1<br>8,3  |           | 1<br>8,3 |           | 12<br>8,8  |
| <b>5</b>                 |                 |            |           |          |            | 4<br>51,1 |           |          | 3<br>42,9 | 7<br>5,1   |
| <b>6</b>                 |                 | 1<br>100,0 |           |          |            |           |           |          |           | 1<br>0,7   |
| <b>7</b>                 | 1<br>33,3       |            |           |          |            | 1<br>33,3 | 1<br>33,3 |          |           | 3<br>2,2   |
| <b>8</b>                 |                 |            |           |          | 2<br>100,0 |           |           |          |           | 2<br>1,5   |
| <b>9</b>                 | 1<br>25,0       |            |           |          |            | 1<br>25,0 | 1<br>25,0 |          | 1<br>25,0 | 4<br>2,9   |
| <b>TOTAL</b>             | 22,1            | 26,5       | 5,1       | 4,4      | 20,6       | 5,9       | 3,7       | 8,8      | 2,9       | 100,0      |

## 2 - Consumo cultural e padrões de estilos de vida

O grupo é composto, de modo geral, de entusiásticos usuários dos recursos do centro da cidade. Eles tendem a utilizar os cafés e bares da moda e os “pubs” mais populares dentre os tradicionais. De fato, o uso de bar e *pub* era o que eles mais tinham em comum. Um dos bares mais populares - The Cornerhouse - que foi visitado por mais de 50% do grupo, pode ser descrito como um bar de estilo *designer*, localizado no cinema/galeria independente da cidade. Outros bares visando uma nova moda de consumo de cervejas continentais engarrafadas e cafés-expresso tenderam a atrair 35% do grupo. O uso freqüente e regular de *nightclubs* ocupou cerca de 30% de nossa amostragem, e os outros 30% conheciam, ou já haviam usufruído dos *clubs*<sup>8</sup>. No entanto, 40% tinham um conhecimento limitado sobre estes, e haviam usufruído pouco ou nada deles. Em termos de conhecimento e uso dos *clubs*, o Hacienda se destacou - o que não é surpreendente dado sua reputação internacional no conjunto dos *clubs*<sup>9</sup>: quase 40% do grupo o haviam visitado, e 12% iam com freqüência.

Em comparação, a freqüência a concertos de música clássica foi limitada, mas ainda assim estava acima da média nacional: 15% haviam assistido a Orquestra Hallé, sediada em Manchester, durante os últimos seis meses, embora menos de 5% o fizessem regularmente. A relativa limitação do consumo de música clássica também se refletiu na pontuação na questão que envolvia conhecimento. Apenas 19 pessoas conheciam seis ou mais compositores de nossa lista de obras. Esta questão visava uma fácil comparação à pontuação de Bourdieu, que fora muito mais alta. Usuários assíduos de música estavam amplamente distribuídos através da estrutura ocupacional, com um número notável de professores e gerentes.

A freqüência a teatros foi muito maior. Em particular, o Royal Exchange, o principal teatro de produções da cidade, havia sido visitado por 50% do grupo nos últimos seis meses. A oferta popular e variada das produções visitantes dos teatros Palace e Opera House atraíram mais de 30% do grupo. Entretanto, a freqüência aos eventos menores e mais especializados foi menor: 14% para o Library Theatre e 7% para o Contact Theatre.

A freqüência a galerias foi similarmente alta: 44% haviam visitado a City Art Gallery, e 30% a galeria Whitworth; entre 10% e 20% eram usuários assíduos de galerias, um nível de freqüência também obtido pelas principais galerias privadas, assim como a Tate North (Liverpool) e as principais galerias de Londres. As respostas aos questionários sobre arte foram aquelas que Bourdieu consideraria como garantidas - mas devemos admitir que as oportunidades dentro do

---

<sup>8</sup> No sentido de ‘disco-club’. N.T.

<sup>9</sup> No original. Trata-se de listagem de eventos e locais acompanhada por críticas. N.T.

questionário para a exibição de um maior entusiasmo eram limitadas, o que caracterizou estas respostas poderia ser igualmente entendido como disponibilidade: eles estavam dispostos a ver, mas não exatamente a procurar o que ver. A frequência, por exemplo, ao Festival do Expressionismo que aconteceu na cidade em setembro de 1992 foi relativamente baixa, com 18%.

A audiência e a informação sobre filmes (incluindo certo grau de conhecimento) foi média ou alta para 50%, e alta para os usuais 10% a 20% de especialistas. Havia uma disponibilidade substancial para novos e variados tipos de cinema, com 13% expressando interesse por filmes experimentais, e 37% por cinema independente. A base do gosto por vídeos - horror - tinha pouco apelo, mas *thrillers* e comédias (40% a 50%) captaram o entusiasmo principal.

Podemos concluir que o grupo é de entusiásticos usuários dos recursos da cidade, embora grande parte de seu uso pode ser descrito como mediano. Onde o acesso era desconhecido, ou existia a ameaça de uma situação de aborrecimento, o uso caía muito. Embora seja correto afirmar que, de modo geral, eles são usuários entusiásticos, 25% fizeram pouco ou nenhum uso das facilidades culturais; por exemplo, não foram a galerias nem a teatros. Isso poderia sugerir certa continuidade dos laços sócio-culturais de uso do tipo tradicional e familiar.

### 3 - Indicadores da escolha de estilos de vida

Pelo menos 40% eram de leitores de jornais de qualidade, diários e dominicais. O *The Guardian* e o *Independent* lideram, com o *The Times* e o *Daily Telegraph* logo atrás. O *The Times* lidera aos domingos, mas é superado pela combinação do *Independent* e *Observer*. A revista mais lida é *City Life*, a "list and crit" de Manchester<sup>10</sup>. Dentre as nacionais, *Viz* (24%), *Cosmopolitan* (24%) e *Private Eye* (21%) estão logo acima de *Economist* (18%). Revistas especializadas como *The Face* e *I.D.* são para entusiastas. 'Q' é lida por 11%, 'ID' por 9%. A *New Musical Express* as supera com apenas 13%. A leitura de *City Life*, uma revista de listagens de eventos, é claramente notável, assim como a preferência geral por análises políticas e sociais.

As duas estações de rádio favoritas foram as *Radio 1* (43%) e *Radio 4* (44%). A *Radio 3* conseguiu 13% de 'entusiastas' (N.B. à frente da *Classic FM*). A estação de rádio pop comercial local obteve 33%, e a *BBC* local, 9%. Dado o caráter da questão que não limitava o número de respostas positivas, a pontuação dos tipos de programas de TV foi alta, com particular interesse por noticiários (71%), filmes (77%) e documentários (67%). As novelas atraíram metade da amostragem, assim como a comédia alternativa e o drama. Apenas os seriados clássicos e os dramas

---

<sup>10</sup> Movimento musical nativo à cidade de Manchester. N.T.

leves obtiveram um interesse relativamente pequeno respectivamente, em 35% e 25%. Noticiários, incluindo os de análise como *Panorama*, eram populares (mais de um terço assistia ao *Channel Four News* e *Panorama*), nos quais a vida selvagem, ciência e viagens eram as escolhas mais comuns.

Eles foram muito claros quanto à escolha de amigos. Eles devem ser animados (50%), sociáveis (63%) e divertidos (65%). A resposta foi mínima no que se refere a serem refinados (8%), de boa formação (8%) ou artísticos (15%), embora este último ainda deixe espaço para discussão. Há algum apoio para as virtudes puritanas, como consciencioso (22%) e equilibrado (24%). A característica “com estilo” obteve 12%.

O questionário não revelou gostos excepcionais por música popular. *Soul* foi a categoria mais popular. Curiosamente a música em voga naquele momento - música independente de Manchester e o estilo *House/Rave* - obtiveram apenas pontuação para ‘entusiastas’ - por volta de 18%. Este foi um questionário apresentado quando o “Madchester” estava em seu ápice<sup>11</sup>. Os artistas favoritos (escolhidos em lista) foram Madonna, Phil Collins e Prince.

Quanto ao esporte, 43% eram ativos, sendo os esportes aeróbicos de natação, ciclismo e corrida (21 %) os mais populares. Logo em seguida estavam o atletismo e exercícios para manter a forma (8%) e jogos de bola (15%). Dentre as outras atividades de lazer, diferentes das já mencionadas, a mais popular por uma larga margem foi caminhar, à qual 30% se dedicavam freqüentemente e outros 30%, de vez em quando. Atividades culturais como, aprender um instrumento ou pintura, ficaram na faixa dos ‘entusiastas’. A combinação não é desconhecida nem evidentemente nova.

No conjunto, as adesões a organizações foram mais notáveis. As que obtiveram apoio, mais passivo que ativo, foram as de políticas alternativas, a nova política do “por uma boa causa”. Organizações como *Greenpeace*, *Oxfam* e *Friends of the Earth* receberam alto grau de aprovação, de 70% para mais. Por 50% foi expresso claro apoio ao *Gay Liberation* e *Women's Liberation*. Partidos políticos ortodoxos conseguiram no total níveis de aprovação menores. A filiação foi, de modo geral, bem baixa: com 70% de apoio, o *Greenpeace* tinha apenas 4% de filiados; 41 % apoiariam o *Labour Party*, mas apenas 3% eram membros - a mais baixa filiação dentre os principais partidos. De modo similar, 58% apoiavam os *Verdes*, mas a filiação era abaixo de 2%. Os *Conservadores* eram apoiados por 24%, dos quais 5% eram membros.

Este grupo, em geral (embora lembrando o um quarto de partidários conservadores) não era classicamente político, mas de esquerda, expressando apoio massivo a novos movimentos políticos, mas não a participação nestes.

---

<sup>11</sup> Vide nota 3.

4 - *Análise de correspondência - fatores subjacentes ao consumo cultural*<sup>12</sup>

Central para nossas preocupações, conduzimos uma análise multivariada de homogeneidade numa tentativa de obter um mapa do consumo cultural dos residentes do centro da cidade, eficiente o bastante para indicar uma resposta às nossas questões. Neste procedimento, as relações entre as sete variáveis de “indicadores culturais” foram exploradas. Estas sete variáveis derivaram de discussões a partir de entrevista preliminar em profundidade, e dos resultados etnográficos. Elas foram as seguintes:

1. Música: Conhecimento de compositores, questão 19, escala de 1 a 4. Note que este é um teste razoavelmente ‘objetivo’ de compositores clássicos, diferente de outras questões. As respostas não derivam da frequência.
2. Filmes: Conhecimento de diretores de filmes na questão 32, escala de 1 a 3, conforme Bourdieu.
3. Teatro: Visitas regulares ao teatro, seções relevantes da questão 1, escala de 1 a 5. A variável reflete os pesos tanto para a frequência de comparecimento ao teatro quanto de comparecimento a eventos relativamente ‘sérios’ - por exemplo, uma visita ao Palace vale menos na escala do que uma visita ao Library Theatre.
4. Moda: Atitudes quanto à compra de roupas, questões 12 e 13, escala de 1 a 4. Para a mais alta pontuação, os entrevistados deveriam preferir roupas que refletissem a moda, ou que fossem ‘ousadas e fora do comum’. Além disso, deveriam comprar principalmente em pequenas boutiques de moda.
5. Galeria: Visitas a galerias de arte, seções relevantes da questão 1, escala de 1 a 4. Para pontuação mais alta, os entrevistados deveriam visitar galerias freqüentemente, inclusive as localizadas fora da cidade.
6. Política: Filiação a organizações políticas e voluntárias, questão 61, escala de 1 a 5. Dado o caráter emergente das organizações políticas da amostra, esta variável reflete o grau de envolvimento ou de oposição a ‘novos temas políticos’. Para pontuação igual a 4 um entrevistado deveria expressar um apoio bem geral a organizações ecológicas, de liberação e de caridade, juntamente com uma atitude política genericamente inclinada à esquerda. Para uma pontuação igual a 5 os entrevistados deveriam, além disso, ser membros de organizações relevantes. Para

---

<sup>12</sup> Isso surge como uma troca de informações reveladora a um interlocutor que sugere exatamente tal processo. “No meu modo de ver existem mercados mais elevados, locais nos quais os códigos dominantes permanecem absolutamente eficientes; e estes lugares são onde os principais jogos são jogados - ou seja, no sistema acadêmico (na França, no sistema das *Grandes Ecoles*, nos lugares onde são selecionados os executivos)”. Mas isso é se esquivar da questão sobre o que acontece com estes códigos se grandes seções do espectro social não mais aceitarem o sistema universal de classificação. Vide Bourdieu ‘*Doxa and common life*’, *New Left Review* 191 Jan/Feb 1992.

pontuação igual a 1 os entrevistados deveriam expressar uma oposição ativa a certos aspectos das novas políticas.

7. Clubs: Familiaridade com *clubs*/eventos, questão 3, escala de 1 a 3. Esta envolveu fatores de reconhecimento e 'informação' assim como a frequência.

Os resultados iniciais sugeriram que uma tentativa de reduzir as dimensões a apenas duas produziria uma representação pobre das relações. Os mapas apresentados são o resultado da escolha de uma solução 'tridimensional'.

O Gráfico 6 mapeia a pontuação do objeto em todas as variáveis apresentadas aos casos (entrevistados). Claramente, a massa dos pontos está bem agrupada, com uma pequena proporção distinta na 'franja'. Não há nenhuma parte separada óbvia. Isso sugere novamente que temos um grupo relativamente homogêneo, desta vez em termos de gosto cultural.

O mapa de medidas discriminatórias (Gráfico 7) sugere que a primeira dimensão no caso multivariado relaciona-se fortemente ao conhecimento de diretores de filme, e, em segundo lugar, de música. A moda é fraca como medida discriminatória nas duas primeiras dimensões. As visitas ao teatro, galerias e *clubs* e políticas estão no meio.

O efeito da influência de conhecimento de filmes e músicas é visto com clareza no mapa das quantificações de categorias (Gráfico 8). Este mapa junta as categorias nas quais o objeto teve a mesma pontuação. A primeira dimensão diferencia-se o mais claramente nas categorias de conhecimento de filme, a segunda em pontuação sobre música.

Partindo do lado esquerdo do *plot*, o baixo conhecimento de diretores de filme (f1) está fortemente associado à pequena pontuação em visitas a galerias (g1), em teatro (t1) e música (m1). Do lado direito, uma pontuação alta em conhecimento de filmes (f3) está associada à elevada pontuação em visitas a galerias e teatros (g4, t5). Pontuação elevada em políticas também está associada à pontuação elevada em conhecimentos de filmes.

Embora a segunda dimensão discrimine de forma mais clara em termos de conhecimentos musicais, ela também discrimina em todas as dimensões - exceto políticas - entre pontuação alta e pontuações média e baixa. Deve-se lembrar que uma pontuação igual a 1 em política indica um nível de oposição ativa, o que não é a característica das pontuações 2 e 3. Nestes indicadores tratamos as escolhas políticas como uma variável cultural. Isso justifica-se em nosso argumento e em termos da pontuação bruta. Esta última mostra uma clara 'tomada de posição' com um ativismo real muito menor. Teoricamente, acreditamos que nossa amostra define-se amplamente a si mesma por uma posição explícita com relação à 'novas políticas'.

Experimentalmente, dada a solução tridimensional, propomos que as dimensões sejam:

1. *Conhecimento Cultural* (de gosto 'baixo' a 'alto').
2. *Ativismo e Envolvimento*.
3. *Estilo*.

Portanto, lemos o mapa utilizando a primeira dimensão de níveis de conhecimento cultural. A segunda dimensão envolve níveis de envolvimento ativo. A mais alta pontuação para música (m4) é expressão de um profundo envolvimento com música. Uma pontuação p1 ou p5 em políticas indica ativismo e pensamento independente nas duas pontas do espectro político. Uma pontuação g4 em visitas a galerias indica um uso ativo de recursos de arte, local e nacionalmente. A pontuação F4 em moda põe uma preocupação com roupas e estilo no centro do envolvimento.

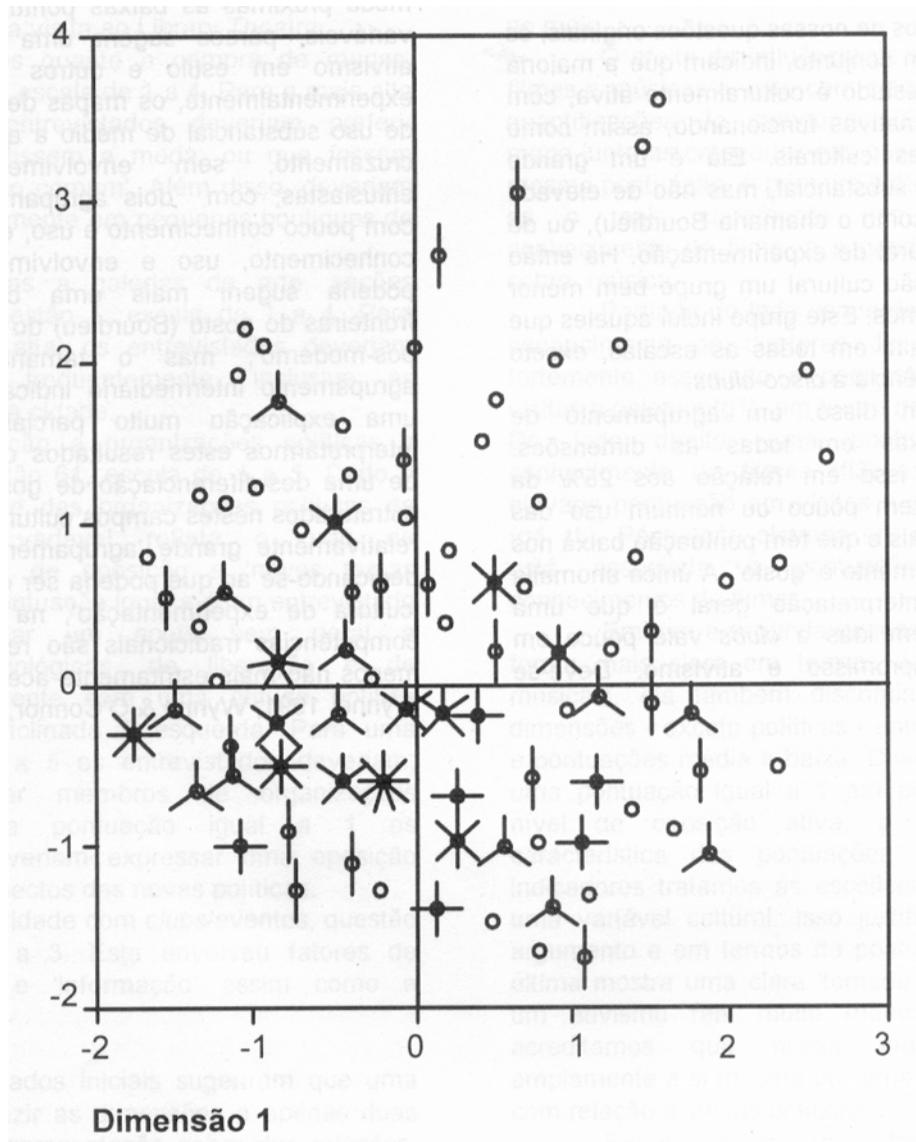
Em termos de nossas questões originais, os mapas, vistos em conjunto, indicam que a maioria da amostra em estudo é culturalmente ativa, com as políticas alternativas funcionando, assim como outras dimensões culturais. Ela é um grande 'centro' com uso substancial, mas não de elevado capital cultural (como o chamaria Bourdieu), ou de uma prática cultural de experimentação. Há então em cada dimensão cultural um grupo bem menor de entusiastas sérios. Este grupo inclui aqueles que têm pontuação alta em todas as escalas, exceto em moda e frequência a *disco-clubs*.

Há, além disso, um agrupamento de pontuações baixas em todas as dimensões. Interpretaríamos isso em relação aos 25% da amostra que fazem pouco ou nenhum uso das facilidades culturais e que têm pontuação baixa nos testes de conhecimento e 'gosto'. A única anomalia óbvia a esta interpretação geral é que uma pontuação alta em idas a *clubs* vale pouco em termos de compromisso e ativismo. Deve-se lembrar que esta questão remete tanto informação e reconhecimento, quanto as idas de fato aos *clubs*.

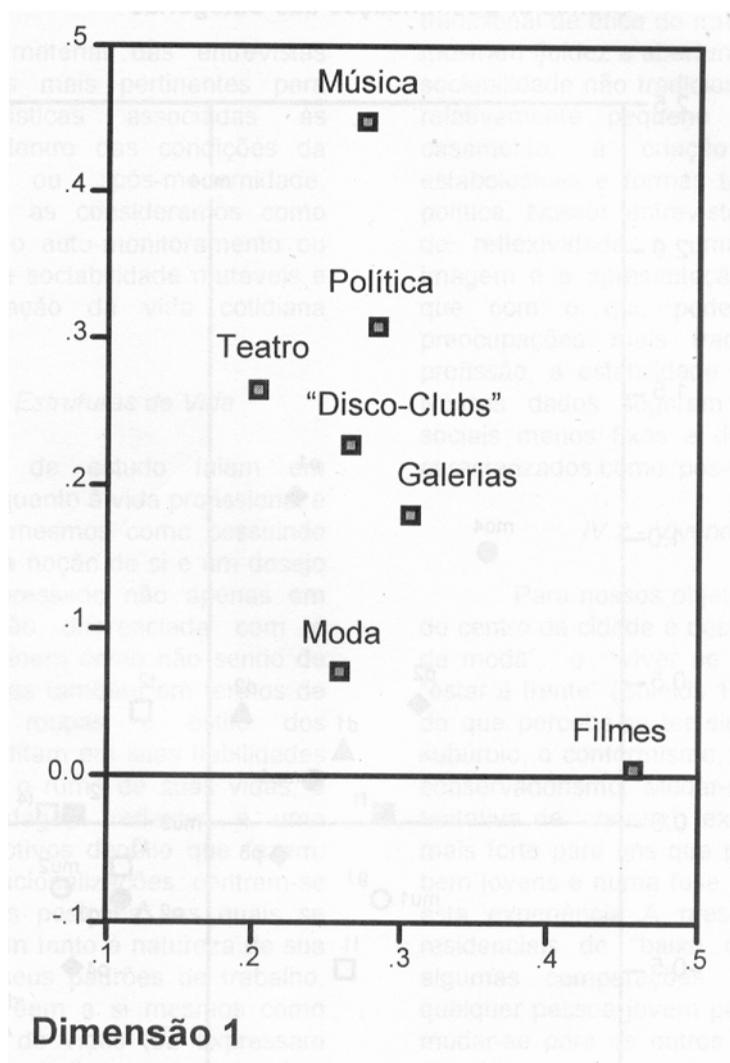
O posicionamento das altas pontuações em moda próximas às baixas pontuações nas outras variáveis, parece sugerir uma separação entre ativismo em estilo e outros ativismos. Muito experimentalmente, os mapas definem um quadro de uso substancial de médio a alto, e de um alto cruzamento, sem envolvimento geral de entusiastas; com dois agrupamentos separados com pouco conhecimento e uso, e de um de muito conhecimento, uso e envolvimento ativo. Isso poderia sugerir mais uma continuidade nas fronteiras do gosto (Bourdieu) do que um 'colapso pós-moderno'; mas o tamanho relativo do agrupamento intermediário indica que esta seria uma explicação muito parcial. Melhor seria interpretarmos estes resultados como indicadores de uma des-diferenciação de gostos previamente estruturados nestes campos culturais, com o nosso relativamente grande 'agrupamento intermediário' dedicando-se ao que poderia ser chamado de uma 'cultura de

experimentação', na qual práticas e competências tradicionais são rejeitadas ou pelo menos não mais estritamente aceitas (LASH, 1990; WYNNE, 1992; WYNNE & O'CONNOR, 1992).

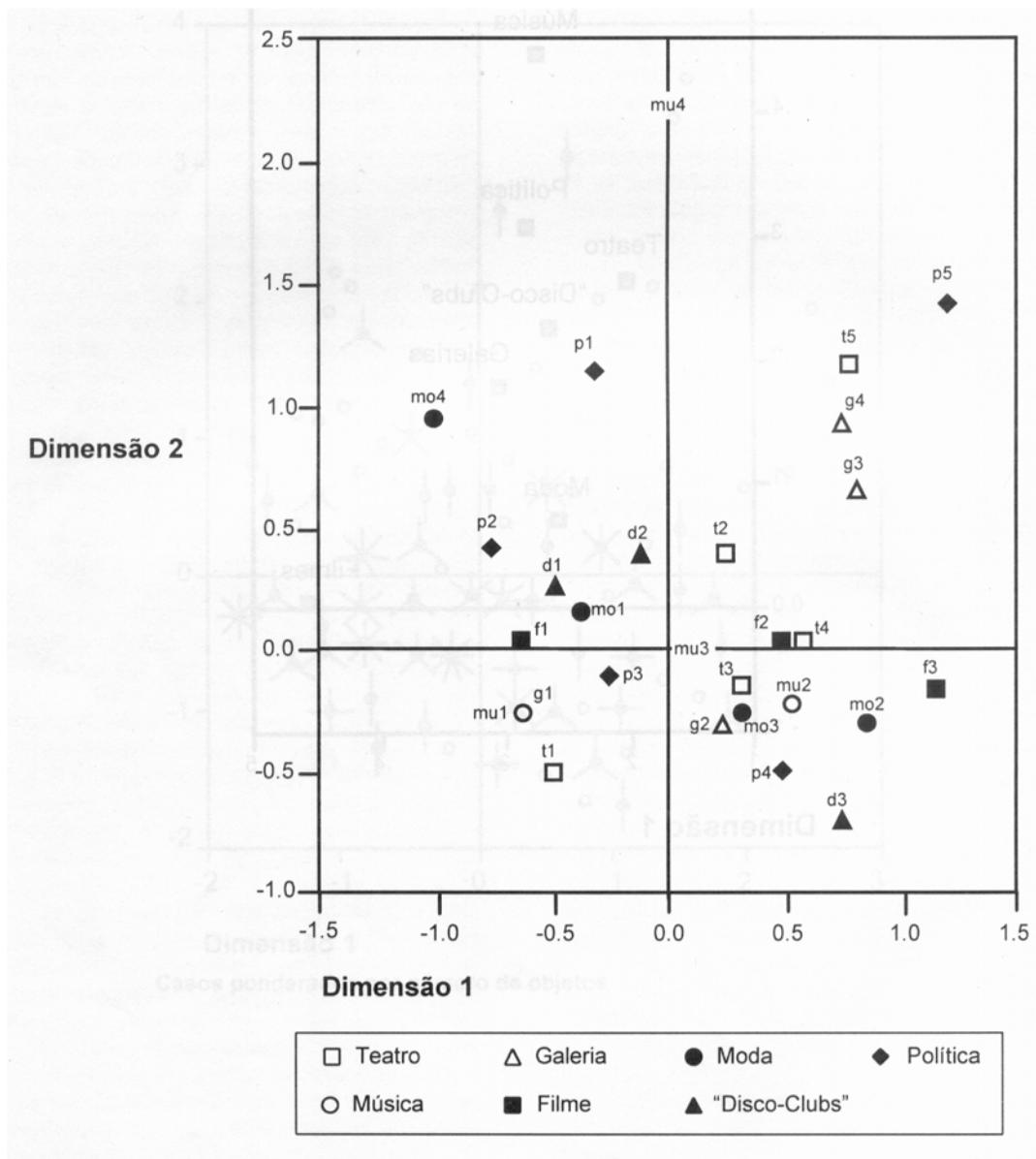
**Gráfico 6**  
**Pontuações**



**Gráfico 7**  
**Medidas de discriminação**



**Gráfico 8**  
**Quantificação das categorias**



## **Análise e etnografia das entrevistas**

Ao analisar o material das entrevistas enfocamos os aspectos mais pertinentes para explicar as características associadas às identidades mutáveis, dentro das condições da modernidade tardia ou pós-modernidade. Fundamentalmente, nós as consideramos como uma preocupação com o auto-monitoramento ou reflexividade, padrões de sociabilidade mutáveis e uma crescente estetização da vida cotidiana (FEATHERSTONE, 1991).

### *1 - Objetivos e estruturas de vida*

Nossos objetos de estudo falam em possuir futuros flexíveis quanto à vida profissional e social. Eles vêem a si mesmos como possuindo poucas raízes, uma forte noção de si e um desejo de ser 'diferente' - expressado não apenas em termos de uma relação diferenciada com o trabalho, que muitos definem como não sendo de importância primária, mas também em termos de atividades de lazer, roupas e estilo dos apartamentos. Eles acreditam em suas habilidades de fazer escolhas sobre o rumo de suas vidas, o que sugere uma abordagem reflexiva e uma preocupação com os motivos daquilo que fazem. Suas explicações ou racionalizações centram-se num 'ver o sentido' das posições nas quais se encontram - que associam tanto à natureza de sua sociabilidade quanto a seus padrões de trabalho. Números significativos vêem a si mesmos como dedicados à construção de vidas (ou expressam desejo de sê-lo), onde o trabalho e a vida social se interpenetram de tal maneira que se tornam progressivamente indistintos. Eles não vêem a si mesmos como pertencentes a algum lugar em particular - seus 'eus' são bem abrangentes e 'esparços' - e os pertences queridos podem ser 'colocados dentro de uma caixa' e levados com eles. Os sonhos e futuros não se relacionam especialmente com o fato de possuir profissões 'importantes' ou bem pagas. Pelo contrário, a preocupação parece ser a qualidade de vida e a incerteza sobre o futuro. Eles vêem o futuro como problemático - política, social e economicamente. É duvidoso que estes fatores possam ser facilmente separados.

Nossos entrevistados mostram um forte envolvimento com o uso dos recursos culturais e outras formas de lazer, e um envolvimento relativamente pequeno com qualquer forma tradicional de ética do trabalho. Os estilos de vidas mostram fluidez e abertura em relação a formas de sociabilidade não tradicionais, e um envolvimento relativamente pequeno com, por exemplo, o casamento, a criação de filhos, religiões estabelecidas e formas tradicionais de expressão política. Nossos entrevistados exibem altos graus de reflexividade e uma preocupação com a imagem e a apresentação do "eu" mais forte do que com o que poderia ser descrito como preocupações mais tradicionais, tais como a profissão, a estabilidade e os

rumos da carreira. Nossos dados sugerem a adoção de códigos sociais menos fixos e de valores que têm sido caracterizados como 'pós-68' (MARTIN, 1981).

## 2 - Vivendo na cidade

Para nossos objetos de estudo, a natureza do centro da cidade é descrita como sendo "a cena da moda", o "viver no coração das coisas" e o "estar à frente" (SHIELDS, 1993). Isso não se separa do que percebe-se ter sido deixado para trás - o subúrbio, o conformismo, a vida familiar isolada, o conservadorismo. Mudar-se para o centro é uma tentativa de 'abrir-se', 'explorar', embora isso seja mais forte para uns que para outros. Alguns eram bem jovens e numa fase em que estavam aptos a esta experiência. A presença de dois conjuntos residenciais de "baixo custo" nos lançou para algumas comparações interessantes. Enquanto qualquer pessoa jovem precisaria de dinheiro para mudar-se para os outros empreendimentos, estes dois últimos estavam abertos para qualquer um que fosse capaz, como um deles colocou, de 'forçar sua entrada' através de autoridades das associações de moradia e do conselho local. Nossos entrevistados usavam diferentes vias e capitais sociais (suspeitamos aqui de entusiastas) mas vieram pelas mesmas razões: a idéia de viver 'no centro/à frente/longe dos subúrbios' era forte.

Isto apontou também para as muitas possibilidades diferentes abertas pelo espaço do centro. Isso é mais pronunciado no grupo da faixa etária entre 25 e 35 anos, que tomou uma posição deliberada de se afastar do estilo de vida do subúrbio. Embora este grupo seja o alvo comum dos investigadores, neste estudo foi difícil vê-los como 'yuppies'. O centro é procurado no sentido de diversão, sociabilidade, hedonismo, mas não encaixado no *ethos yuppie* de 'trabalhar muito e divertir-se muito'.

Grande parte da atração do centro, além de sua capacidade de representar uma 'vanguarda', era sua função enquanto palco. Sentia-se que a apresentação do "eu" era muito mais teatral aqui que em outras áreas. Esta é uma caracterização comum de cidades grandes, embora não necessariamente de cidades industriais. O debate sobre globalização geralmente tem se centrado em fluxos de informação e bens, e em como estes têm impacto sobre o sentido de lugar. Muito menor tem sido o trabalho feito sobre como as culturas locais da cidade respondem a isso. Os agentes envolvidos em 'recriar a imagem' das cidades são múltiplos e de efeitos complexos. Em Manchester, o centro da cidade como palco abriu espaço para um reino de experimentação e negociação da identidade, que pode ter envolvido visitantes uma noite por semana, mas que foi amplamente sentido por seus residentes. Dentre os mais fortes destes grupos estava a população gay que avistou um dos residenciais como seguro e conveniente para acesso aos eventos da 'vila gay'. Este sentido de centro da cidade como palco e vanguarda também poderia ser

encontrado nos café-bares nos quais os entrevistados sentiam que um distanciamento dos *pubs* tradicionais faziam Manchester parecer mais 'européia'. Esta palavra operou em um número de níveis diferentes, mas para os residentes foi sentida como uma fonte de abertura e mudança freqüentemente lida como paralela àquela de suas próprias vidas. Ao mudar-se para o centro eles se abriram para estas novas possibilidades, enquanto consumiam a distinção cultural em oferta (a imagem dos empreendedores) de maneiras não pretendidas pelos incentivadores dos empreendimentos residenciais (O'CONNOR & WYNNE, 1997).

O trabalho anterior feito pela Central Manchester Development Corporation e outros (DERBYSHIRE, 1989; JOHNSON, 1989) sugeriu que as mudanças de residência para o centro da cidade poderiam ser explicadas igualmente pela vantagem econômica e pela conveniência para o trabalho e lazer. Através de nossos entrevistados descobrimos que as razões para sua mudança tinham principalmente a ver com a atração de se viver no centro. Foi sobre esta atração percebida que nos concentramos. Estudos anteriores sobre gentrificação enfatizaram os aspectos econômicos e culturais do deslocamento de residentes existentes (classe baixa) e o estabelecimento de lugares 'da moda', como parte do *habitus* de uma nova fração de classe ou grupo. Apontamos anteriormente para as dificuldades deste debate e para as ambigüidades de tal grupo. Neste estudo não houve este deslocamento, e a viabilidade dos novos apartamentos enquanto 'investimentos' é incerta dado o mercado recente das cidades provinciais britânicas. Compreender este deslocamento para o centro tornou-se parte importante de nossa investigação - de que maneira isso representa um 'investimento cultural', ou seja, viver na cidade como sendo uma estratégia de distinção, conforme caracterizado por autores como Zukin?

Conforme sugerido acima, nossos entrevistados estão dispostos a abrir mão de certas coisas para se dedicar a prazeres sociais e culturais, com um certo sentido de 'pioneiro urbano', mas discretamente e mais ligados ao desenvolvimento do próprio "eu" do que em se anexar à vizinhança em busca de valor econômico. No debate da gentrificação, o valor cultural de uma boêmia e o desenvolvimento do "eu" através de experimentação cultural são vistos como cruciais, mas isso é mais descrição e preconceito do que evidência convincente. Para muitos que entrevistamos, suas escolhas refletem menos as estratégias acima - que estão presentes até certo ponto - do que um estilo de vida particular como resposta à insegurança, às mudanças nas expectativas do curso da vida, rupturas conjugais, conhecimento de identidades sexuais 'alternativas', e um compromisso com a exploração da fluidez das possibilidades de vida, freqüentemente (embora não sempre) forçada sobre eles. Novamente, o fio político os liga não a um 'yuppismo', mas a uma cultura 'pós-68, verde e politicamente correta' (BETZ, 1992; BRAMHAM, 1993; KENNEDY & PURKIS, 1993).

### 3 - Centralidade: distinção - identidade - palco

Além do exame de alguns espaços culturais usados por nossos objetos, a etnografia também examinou alguns dos atores e agentes envolvidos com a reestruturação do centro. Descobrimos que a suposta unificação do capital cultural e econômico, conforme argumentado por certos teóricos da gentrificação (ZUKIN, 1992), e da cidade pós-moderna (COOKE, 1988; HARVEY, 1989a & b), era muito mais complexa. A necessidade de lidar com as competências específicas daqueles envolvidos com a produção e distribuição de cultura, e a necessidade de manter a atividade cultural distante da identificação direta com as demandas do capital econômico apontou serem relativamente autônomas as crescentes redes entre agências de desenvolvimento, o conselho da cidade, os empreendedores e os intermediários culturais associados (O'CONNOR & WYNNE, 1997).

Aqueles 'intermediários culturais' associados ao novo centro cada vez mais eram um grupo diverso. Se suas redes se originaram no mundo cultural da arte elevada, eles gradualmente se espalharam para o mundo da música pop, para as indústrias culturais e de entretenimento. Assim os intermediários culturais tinham um papel ativo crescente na definição da imagem cultural a ser apresentada. O modelo da 'alta cultura' progressivamente deu lugar a uma ênfase na sociabilidade e na vibração da vida cotidiana que tendia à cena 'pop'. Embora os números de nossa amostra não mostrem um 'entusiasmo' por música pop e por ir a *clubs*, a etnografia e nossas entrevistas continuamente ressaltam a atração do centro como o lugar 'da cena da moda' e ligado diretamente à vibração desta.

Como tal, a importância do centro como uma (possível) fonte de capital cultural surge associada à sua vibração. Em Manchester isso é diferente daquele processo descrito por Zukin; Manchester está apostando em ser uma cidade de cultura tanto para o mundo anteriormente marginal da cultura pop, quanto para os dominantes mundos da arte. Pode-se dizer coisas semelhantes sobre o papel da cultura gay nos últimos anos e a disposição do Conselho Municipal e do Central Manchester Development Corporation em promover isso como um dado cultural "a mais". Tal resposta deve ser entendida como ligada tanto aos problemas econômicos de Manchester quanto à sua necessidade/desejo de se promover como uma cidade 'internacional'. Neste contexto, a regeneração cultural liga-se à distinção de classe e é feita via uma recriação da imagem da identidade da cidade como uma Cidade de Classe Operária no Norte Industrial, cuja reivindicação por um *status* na produção mundial desapareceu. Assim, a regeneração cultural é explicitamente relacionada pelos entrevistados e usuários do centro a uma recriação da imagem de lugar.

Isto é complexo como uma questão de agência, mas é também complexo em seus efeitos. Poder-se-ia argumentar que a imagem do lugar foi crucial para a adição de capital econômico e cultural daqueles grupos que surgem para ganhar de forma direta com a posição internacional de Manchester (embora a amplitude deste grupo traga seus próprios problemas). Mas isso seria ignorar a renegociação de identidade envolvida. Um novo modo de criação do centro como central, ligado à “alta cultura” e à vibração cultural enquanto vida cotidiana, atraiu grupos que usariam esta centralidade de modos diferentes criando um estilo de vida e um *habitus* que nossa etnografia não pode localizar como sendo de fração de classe.

As práticas diárias fora do trabalho de nossos objetos de estudo no centro também refletem a renegociação de lugar, em nível regional e nacional, e, de forma importante, também relacionam-se com uma renegociação de identidade - ‘o que é ser do Norte’ (SHIELDS, 1991), e o que demarca uma ‘qualidade de vida’. Isso relaciona-se a achados particulares em nossa amostra e ajuda a explicar o que chamamos de cultura ‘média’. Este grupo tem um papel para a cultura, mas seu significado deve ser encontrado nas práticas sociais mais amplas e nos padrões de sociabilidade e diversão, e menos numa adição de capital cultural. O padrão tradicional de um grupo social ascendente aspirando a ter o capital cultural de um grupo mais elevado, seja através de imitação ou de superação não é mais para nós um modelo viável. O autodidata transformou-se em *flaneur* e *bricoleur*.

### **Conclusão: teorizando os novos intermediários culturais**

Examinamos a hipótese segundo a qual os objetos de nosso estudo representariam parte de uma nova classe média associada à promoção de estilos de vida pós-modernos, e que isso poderia ser visto como parte de uma estratégia de distinção que pretendia subverter as hierarquias existentes, e permitir a inserção/ocupação de uma nova posição de poder em um campo cultural modificado. Em relação a nossos achados gostaríamos de apresentar quatro pontos.

Primeiro, quanto a serem uma nova classe média de intermediários culturais indicada por ocupação na esfera da cultura/mídia: eles geralmente não pertencem a tais setores ocupacionais - embora a maioria tenha base nos setores de conhecimento / indústrias de serviço / e setor público.

Segundo, a maioria de nossos objetos de estudo não é particularmente rica em elevado capital cultural, nem parece dedicar-se a adquiri-lo; se há uma fração ‘ascendente’, então o capital de ‘alta cultura’ não parece ser um modo fundamental de garantir essa trajetória. Tampouco poderiam ser vistos como sendo vanguarda em suas preferências culturais, ou criadores do gosto nos campos de moda e estilo

de vida. Há entusiasmos na amostra, mas estes não entrecruzam com outros entusiasmos. Muitos tendem em direção ao capital cultural de nível 'mediano' e mostram uma desconfiança da vanguarda se ela é vista como 'pretensiosa'. Podemos sugerir que para esta amostra os bens da cultura elevada eram importantes, mas não se estava aspirando a modelos culturais de uma classe mais alta, nem tentando renegociar o campo cultural através do uso de formas vanguardistas. Isso enfatizaria bem as dificuldades que a noção de economia simbólica de Bourdieu possui, face a uma possível proliferação ou enfraquecimento de códigos culturais<sup>13</sup>.

Terceiro, as divisões óbvias entre 'alta cultura' e 'cultura *pop*' não fornecem qualquer demarcador estrutural dentro da amostra. A pontuação em filmes indica isso, embora tenha há bastante tempo deixado de ser um "outsider" cultural. Conhecimento e gosto no campo da música *pop* pareciam refletir as separações gerais entre entusiasmo e agrupamento médio, o que somente confirma que não apenas a música *pop* deixou de significar 'baixa' cultura dentro da classe média educada, e como tampouco representa particularmente um 'movimento de vanguarda'. O impacto da cultura 'popular' no campo cultural é algo que Bourdieu parece não desejar reconhecer<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Vide a nota anterior. Naquela troca ele vê a valoração da 'cultura de massa, cultura popular e etc.' como parte de um 'chique dominante' entre intelectuais cuja valoração positiva de algo tal como *rap* é de fato uma forma de distinção, dizendo 'você não enxerga isso, mas eu sim e sou o primeiro a enxergá-lo'. Qualquer valoração assim positiva da música *pop* 'superestima a capacidade destas novas coisas mudarem a estrutura da distribuição do capital simbólico... Você mistifica as pessoas quando diz 'Veja, *rap* é legal'. A questão 13: esta música realmente muda a estrutura da cultura? Argumentaríamos que a própria natureza retórica da questão enfatiza a impropriedade desta resposta. A questão separada da cultura da classe trabalhadora é crucial aqui, mas está além do escopo deste estudo.

<sup>14</sup> Para uma visão geral da bibliografia e da discutida definição da palavra 'Yuppie' vide Whimster (1992). O papel desta palavra como uma expressão 'vale-tudo' é revelada no último parágrafo onde Whimster faz as contradições da vida do *yuppie* carregarem o peso das contradições da própria modernidade: 'Se o jovem profissional criará uma redenção, expressiva e secular (a la Habermas) ou uma salvação através do consumo (Bourdieu), ou se ele ou ela estará, enfim, simplesmente além da redenção são questões e direções que deveriam valer uma futura investigação'.

Isso fornece uma base bem instável para uma investigação em regeneração urbana - nossa pesquisa tem suas premissas na necessidade absoluta de começar a embasar este tipo de afirmações sobre mudanças culturais contemporâneas em alguma forma de investigação empírica.

Dois artigos recentes enfatizam isso. Betz (1992) mostrou que muitos dos 'nova classe média' são de fato politicamente ativos de maneira raramente reconhecida em discussões neste tema. Isto é sustentado por nossa pesquisa e pela feita por Bramham et al (1993) em Leeds. Vide também Bonner, F. & Du Gay, P. (1992). Eles tentaram fundamental uma descrição do posicionamento ético e político desta 'nova classe média' baseados puramente na leitura do programa de televisão *Thirtysomething*.

Para uma visão mais ampla da mudança cultural na Inglaterra na metade deste século ver Martin (1991). Seu trabalho precede os detalhes atuais mas oferece um bom referencial para boa parte do que foi tratado.

Finalmente, o divórcio entre ativismo em estilo e ativismo cultural é ambíguo. Ele poderia apontar para uma preocupação com a moda entre ‘as que tiveram pontuação menor’, ou uma desconfiança quanto à noção de ‘estar na moda’ dada pela questão. Esta última poderia indicar um ascetismo ligado ao capital cultural, uma qualidade ‘do Norte’ discutida acima, ou uma recusa da ‘moda’ dentro da valorização da espontaneidade e do individualismo, uma autenticidade que é forte dentro da cultura ‘pop’. Também pode ligar-se à política cultural do grupo, que tende a uma valorização da diferença e recusa o jogo de diferenças mais estruturado da moda.

Nossos objetos não representam, assim, nada que pudesse ser estruturalmente entendido como uma ‘fração de classe ascendente’. Isso poderia ocorrer devido ao fato de nosso grupo ser pequeno demais ou de não haver nenhum aspecto comparativo construído dentro de nossa pesquisa. Entretanto, a partir dos dados que examinamos, concordaríamos que esta forma de análise de classes é um instrumento muito limitado para compreender o que está ocorrendo.

No entanto, tal análise tem reforçado muitas afirmativas sobre a natureza da gentrificação/regeneração cultural (ZUKIN, 1982; 1992; BERKING & NECKEL, 1993; LEY, 1992; WHIMSTER, 1992; BEAUREGARD, 1986; HARVEY, 1989). Acreditamos que os modelos teóricos empregados precisam ser novamente abordados. A bibliografia sobre gentrificação e a bibliografia mais ampla em estilos de vida na cidade apontam para grupos cujos contornos são vagos, ambíguos e freqüentemente contraditórios. Através das várias figuras do *Yuppie*, dos novos moradores, das novas classes metropolitanas, da boêmia do centro da cidade, das ‘gerações perdidas’, da Geração X (COUPLAND, 1991), e da coorte ‘pós-68’ - encontramos uma dificuldade real em uma confirmação estrutural destes grupos<sup>15</sup>.

Em um primeiro nível, nossa conclusão é que os ‘intermediários culturais / nova classe média’ de Bourdieu parecem não ajudar, e que qualquer análise de intermediários culturais deve ser dissociada de seu papel em qualquer tese de ‘fração de classe ascendente’. Tal análise explica através da classe uma tendência a construir a identidade separada da classe (ou seja através de estilo de vida). Se este grupo realmente promove um ‘estilo de vida pós-moderno’ então ele terá um impacto geral no modo pelo qual a distinção através do estilo de vida é obtida. Todos nós fazemos hoje opções por estilos de vida. A questão é se esta classe pode, de algum modo, encerrar o campo de modo a monopolizar o resultado da distinção, ou se o fato dele explodir para além de qualquer campo singular é algo que demanda mais investigações específicas (FEATHERSTONE, 1991; O’CONNOR & WYNNE, 1992). Sustentariamos que os debates associados a nossos objetos têm a

---

<sup>15</sup> Note a dificuldade em traduzir Debussy, a quem Bourdieu vê como a quinta-essência do francês, para um equivalente - Elgar?!

ver com a multiplicação de escolhas, de certas recusas (subúrbios, carreiras tradicionais, casamento, sexo 'heterossexual'), com uma administração da fluidez e da incerteza e com um desejo de participar ou 'experimentar' diferentes mundos sociais e culturais.

Situar o que dissemos acima dentro de uma estratégia de 'distinção', requereria uma expansão considerável do modelo de Bourdieu no contexto de: primeiro, formações nacionais/culturais distintas; segundo, a oposição províncias/capital e norte/sul conforme ela opera na Inglaterra; terceiro, o impacto das mudanças no campo cultural ocorridas desde quando o estudo original de Bourdieu foi realizado.

Uma compreensão das diferenças tradicionais no papel da cultura dentro das formações nacionais, e especialmente o papel que ela exerce ao assegurar a coesão e/ou a distinção das frações de classe média dentro dela, exigiria um trabalho histórico amplo. Enfatizaríamos especialmente o papel diferente da cultura de vanguarda, que funciona como uma estratégia de 'superação' na França de forma muito mais poderosa que na Inglaterra, e que pode manter-se como uma articulação da 'França-como-cultura' de um modo impensável na Inglaterra<sup>16</sup>.

No que se refere às divisões Província/Capital e Norte/Sul sugeriríamos que a relutância em propagandar a competência cultural e a resistência às afirmações que apontam para uma atitude de vanguarda podem representar uma recusa do modelo cultural associado a Londres e uma resistência à pretensão, dados que marcam a cultura do Norte. Enquanto encontramos uma abertura para novas formas culturais, e para superação de fronteiras, também resta uma consciência da 'preciosidade' que possui velhas raízes na cultura (Inglesa) do Norte.

Embora a reestruturação do campo cultural desde os anos 1960 esteja além do escopo deste estudo, o próprio debate sobre a nova classe média é em si uma maneira de explicar parte desta reestruturação. Este *survey* encontrou uma alta frequência desta classe média a uma série de formas de vanguarda, com a clara exceção da música. Música foi a forma com a qual a maioria das pessoas tinha uma maior dificuldade. De fato, aqueles que compareciam a eventos musicais eram relativamente auto-suficientes, pouco freqüentando outros eventos. Isto, associado ao trabalho mostrando o marketing e a organização do Festival, em si indicaram um modelo de participação cultural que enfatizava diversão, espetáculo, facilidade de acesso e um cruzamento de gêneros, todos ressaltados por um cruzamento da participação cultural dentro de uma participação geral na sociabilidade e no reino mais amplo da vida e lazer diários. Poderíamos interpretar isso em conjunção com as noções de 'estetização da vida cotidiana' que pode ser entendida como uma

---

<sup>16</sup> O festival foi um dos primeiros a integrar eventos tradicionais de arte a espaços mais novos (livrarias, centros de *design*) e espaços de cultura *pop* como bares, *pubs*, clubes de *jazz* e cafés. Houve também uma excursão a *pubs* e um coquetel expressionista (*The Scream!*).

apresentação do “eu” através de consumo cultural e uma penetração de bens culturais dentro da vida cotidiana - uma das exigências para um estilo de vida pós-moderno. Entretanto, isso não deve ser interpretado somente em termos de estratégias de distinção. Preferencialmente, poderia ser parte de uma alteração geral que não pode ser facilmente monopolizada por uma fração de classe (MAFFESOLI, 1988; 1993).

Nessas circunstâncias o papel da cultura enquanto capital cultural pode se alterar. A relutância em se perseguir a via do capital cultural para além das limitadas áreas do entusiasmo, exceto pelo meio geral do uso cultural, poderia apontar para um modelo alterado, ou para a proliferação dos modelos de como uma pessoa ‘aculturada’ deve ser. Isso pode acomodar-se menos aos termos da competência e mais a um teste de abertura para estilos de vida, habilidade de romper barreiras, desejo de mergulhar nas coisas, e um grau de integração da fruição da cultura contido num estilo de vida sociável. Se este estilo de vida está estruturado em torno de ‘estilo’ enquanto unidade estética, ou enquanto unidade ética mais fluida, é algo que acreditamos não poder-se afirmar ao nível geral, mas estabelecer-se pela referência a grupos e contextos empíricos. A ambigüidade da ‘moda’ a que nos referimos acima representa esta dificuldade, freqüentemente usada para articular posturas éticas - assim como as políticas poderiam ser freqüentemente vistas como articuladoras de escolhas estéticas (LASH, 1990).

Acreditamos difícil explicar o que dissemos acima quanto às estratégias de distinção nos termos estritos do esquema de Bourdieu. Acreditamos que uma abordagem mais fértil envolveria a consideração do seguinte:

- primeiro, o grau no qual os deslocamentos culturais subjacentes podem ser compreendidos, possuindo implicações mais amplas ou mais permanentes. Que chamemos isso de modernidade tardia ou pós-modernidade, ou reflexividade, ou des-traditionalização, parece-nos que a tentativa de Bourdieu de descrever a mudança cultural como a luta por bens de posição está, entre outras coisas, restrita por limitar-se a uma problemática de ‘escassez’ (BECK, 1992). Precisamos olhar para o campo cultural como múltiplo e não como único; como se torcendo e deslizando para dentro e para fora da regulação e da legitimação (BAUMAN, 1992; STANLEY, 1993); como proliferação e não como soma zero; como marcado pela ambigüidade e não pela coesão estrutural; em suma, como movendo-se para além da problemática kantiana do estabelecimento de um sistema universal de gosto baseado no poder de juízo de uma classe e estado particulares (CAYGILL, 1989).

- segundo, uma tentativa de se ter acesso às recentes transformações no estilo de vida e nas mais tradicionais culturas de classe nos termos das alterações gerais dentro das quais diferentes grupos (dentre os quais ‘frações de classe’) são forçados a se posicionar. A distribuição das posições será fluida, ambígua e complexa. Não precisamos aceitar completamente Maffesoli se reconhecermos a

ascensão de novas formas 'soltas' e de formas intensas mas transitórias de sociabilidade. De maneira similar, precisamos reconhecer nestes novos grupos com estilos de vida tendências em direção à compreensão de algumas das implicações do trabalho de Beck sobre as escolhas das mulheres e o impacto do mercado de trabalho na família, ou do peso colocado sobre o grupo familiar tradicional, parte da 'transformação da intimidade' discutida por Giddens (1992).

Finalmente, uma tentativa de fundamentar relatos de grupos com estilos de vida emergentes quanto a lugar e espaço. A transformação das culturas da cidade é complexa e exige contexto. Este, deve-se ressaltar, também exige um relato mais histórico. Sentimos que o debate sobre a 'cidade pós-moderna' precisa reconhecer que, assim como o espaço, o lugar 'faz diferença'.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Intimations of postmodernity*. London: Routledge, 1992.

BEAUREGARD, S. The chaos and complexity of gentrification. In: SMITH, N.; WILLIAMS, P. *Gentrification of the city*. Boston, Mass: Allen and Unwin, 1986.

BECK, U. *Risk society: towards a new modernity*. London: SAGE, 1992.

BERKING, H.; NECKEL, S. Urban marathon: the staging of individuality as an urban event. *Theory, Culture and Society*, v. 10, n. 4, november 1993.

BETZ, H. Postmodernism and the new middle class. *Theory, Culture and Society*, v. 9, n. 2, 1992.

BIANCHINI, F. Urban renaissance? The arts and the urban regeneration process. In: PIMLOTT, B.; MACGREGOR, S. (ed.). *Tackling the inner cities: the 1980s reviewed, prospects for the 1990s*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

BIANCHINI, F.; SCHWENGEL, H. Reimagining the city. In: CORNER, J.; HARVEY, S. (ed.). *Enterprise and heritage*. London: Routledge, 1991.

BONNER, F.; DU GAY, P. Representing the enterprises self: thirtysomething and contemporary consumer culture. *Theory, Culture and Society*, v. 9, n. 2, 1992.

BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1984.

BRAMHAM, P. et al. *Unpublished paper given at the Manchester Institute for Popular Culture*, Manchester Metropolitan University, March, 1993.

CALHOUN, C. et al. *Bourdieu: critical perspectives*. Cambridge: Polity Press, 1993.

CAYGILL, H. *The art of judgment*. Oxford: Blackwell, 1990.

COOKE, P. Modernity, post modernity and the city. *Theory, Culture and Society*, v. 5, 2-3, 1988.

COUPLAND, D. *Generation X: tales of an accelerated culture*. New York: St. Martins Press, 1991.

DERBYSHIRE, C. *Report for central Manchester Development Corporation*. 1989.

FEATHERSTONE, M. *Consumer culture and postmodernism*. London: Sage, 1991.

HAIDER, D. Marketing places; the state of the art. *Commentary*, spring 1989.

\_\_\_\_\_. Making marketing choices. *Commentary*, summer 1989.

HAMMOND, J.; WILLIAMS, P. Yuppies. *Public Opinion Quarterly*, 50, 1988.

HARVEY, D. *The urbanization of capital*. Oxford: Blackwell, 1986.

\_\_\_\_\_. *The condition of post modernity*. Oxford: Blackwell, 1989a.

\_\_\_\_\_. Voodoo Cities. *New Statesman and Society*, 30, september 1989b.

HITTERS, E. Culture capital in the 1990's. *Built Environment*, v. 18, n. 2, 1993.

JOHNSON, N. *City centre living in Manchester*. Dissertation Manchester Victoria University, 1989.

KELLNER, H.; HEUBERGER, F. *Hidden technocrats: the new class and the new capitalism*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1991.

KENNEDY, P.; PURKIS, J. *Green consumers in Manchester*. 1993.

LASH, S. *The sociology of postmodernism*. London: Routledge, 1990.

LEWIS, J. *Art, culture and enterprise – the politics of art and the cultural industries*. London: Routledge, 1990.

LEY, D. *Gentrification and the politics of the new middle class*. 1992. Paper presented to Dept. of Geography, University of British, Colombia, august 1992.

MAFFESOLI, M. *Le temps des tribus. Le déclin de l'individualisme dans les sociétés de masse*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

\_\_\_\_\_. *The shadow of Dionysus: a contribution to the sociology of orgy*. Albany: SUNY Press, 1993.

MARTIN, B. *A sociology of contemporary culture change*. Oxford: Blackwell, 1981.

\_\_\_\_\_. Symbolic knowledge and market forces at the frontiers of postmodernism: qualitative market researchers. In: KELLNER, H.; HEUBERGER, F. *Hidden technocrats: the new class and the new capitalism*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1991.

MULGAN, G.; WORPOLE, K. *Saturday night or sunday morning?*. London: Comedia, 1988.

O'CONNOR, J.; WYNNE, D. From the margins to the centre: post-industrial city cultures. In: SULKUNEN, P. et al. *Constructing the new consumer society*. New York: St. Martin's Press, 1997.

PHILLIPS, D. Correspondence analysis. In: GLIBERT, N. (ed.). *Social Research Update*, n. 7. University of Surrey, winter 1994.

REDHEAD, S. Disappearing youth in theory. *Culture and Society*, v. 10, n. 3, august 1993.

ROBINS, K. Prisoners of the city: whatever could a postmodern city be? *New Formations*, n. 15, winter 1991.

ROSE, D. Rethinking gentrification: beyond the uneven development of marxist urban theory. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 2, 1984.

SASSEN, S. *The global city: New York, London, Tokyo*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cities in a global economy*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge Press, 1994.

SHIELDS, R. *Places on the margin: alternative geographies of modernity*. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. The individual, consumption cultures and the fate of community. In: SHIELDS, R. (ed.). *Lifestyle shopping: the subject of consumption*. London: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. A truant proximity: presence and absence in the space of modernity. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 10, 1992.

SMITH, N. Of yuppies and housing: gentrification, social restructuring and the urban dream. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 5, 1987.

STANLEY, C. Repression and resistance: problems of regulation in contemporary urban culture (Part I: towards definition). *International Journal of the Sociology of Law*, v. 21, p. 23-47, 1993.

STOCKER, G. Creating a local government for a post-fordist society: the Thatcherite Project. In: STEWART, J.; STOKER, G. (ed.). *The future of local government*. London: Macmillan, 1989.

THRIFT, N. An urban impasse? *Theory, Culture and Society*, v. 10, 1993.

WHIMSTER, S. Yuppies: a keyword of the 1980s. In: BUDD, L.; WHIMSTER, S. (ed.). *Global finance and urban living*. London: Routledge, 1992.

WYNNE, D. (ed.). *The culture industry: the arts in urban regeneration*. Aldershot: Avebury, 1992.

WYNNE, D.; O'CONNOR, J. Tourists, hamburgers and street musicians. In: REICHARDT, R. H.; MUSKENS, G. (ed.). *Postcomunism, the market and the arts: first sociological assessments*. New York: P. Lang, 1992.

ZUKIN, S. *Loft living: culture and capital in urban change*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. Gentrification: Culture and capital in the urban core. *Annual Review of Sociology*. v. 13, 1987.

\_\_\_\_\_. The postmodern debate over urban form. *Theory, Culture and Society*, v. 5, p. 2-3, 1988.

\_\_\_\_\_. *Landscapes of power: from Detroit to Disney World*. Berkeley: University of California Press, 1991.

\_\_\_\_\_. Postmodern urban landscapes: mapping culture and power. In: LASH, S.; FRIEDMAN, J. (ed.). *Modernity and identity*. Oxford: Blackwell, 1992.

*Tradução do original em inglês: Cristina Meneguello.*

*Recebido para publicação em Janeiro de 1996.*

# *Atitudes da classe trabalhadora e democracia no Brasil (1)*

---

**Fabian Echegaray**  
Trinity College  
University of Connecticut

---

## **Resumo**

Este artigo aborda os aspectos da cultura política das classes trabalhadoras no Brasil, com base em resultados de survey realizado em 1990.

Contrariando uma tese corrente, o autor sustenta que o aspecto dominante no conjunto de opiniões e atitudes políticas da classe trabalhadora e o apoio à democracia.

**Palavras-chave:** cultura política; democracia; comportamento político; classe trabalhadora.

## **Abstract**

This article studies some aspects of the political culture of the Brazilian working class, based on the results of a 1990 survey.

Contrary to a current thesis, the author affirms that the prevalent aspect in the worker's opinions and political attitudes is the support to democracy.

**Keywords:** political culture; democracy; political behavior; working class.

---

<sup>1</sup> Paper apresentado na Reunião Anual da Latin American Studies Association - LASA, Atlanta, Georgia, 12 de março de 1994.

## **Introdução**

As relações entre a cultura política das classes trabalhadoras e a democracia política não são imediatas. Isto acontece particularmente no caso da América Latina desde o período pós-guerra, no qual a instabilidade e a mudança de regime, bem como as formas de intermediação de interesses e de representação, externos à matriz clássica do pluralismo, deixam espaço para interpretações diferentes e freqüentemente contraditórias. De forma freqüente, as explicações para os colapsos autoritários e democráticos, assim como para estabilidade política, se baseavam na culpa ou na valorização das orientações políticas da classe trabalhadora<sup>2</sup>. Da mesma forma, debates sobre a origem de fenômenos como o corporativismo de Estado e o populismo, freqüentemente procuraram tornar-se mais claros ao buscar as respostas em nível individual do proletariado latino-americano quanto ao contexto político (KIRKPATRICK, 1971; SCHMITTER, 1971). Por outro lado, análises em alguns países revelaram, de maneira consistente, não haver congruência entre as atitudes políticas dos trabalhadores e o grupo de valores e regras políticas que caracterizam o regime (BOOTH e SELGSON, 1984; TIANO, 1986), o que, à luz das afirmações anteriores, deixou um enigma ainda maior a ser resolvido.

Com certeza o Brasil não foi exceção nesta confusão acadêmica sobre as relações entre trabalhadores e democracia. De fato, o caso brasileiro pode servir para ilustrar como argumentos contraditórios encontraram terreno fértil sob o mesmo teto. Minha intenção com este artigo é focar a questão das bases atitudinais de apoio de classe à ordem política do Brasil nos anos 1990<sup>3</sup>. Assim, implica questionar as fontes da democracia, mais especificamente sobre: 1) a distribuição geral de opiniões sobre questões-chave na mensuração do apoio à democracia; 2) os níveis de consistência deste apoio; e 3) a estrutura atitudinal e social deste apoio.

---

<sup>2</sup> Sobre o papel das atitudes da classe trabalhadora em colapsos democráticos ver Kickpatrick (1971); sobre seu papel em colapsos autoritários, ver Keck (1989). Para um exame sobre o papel das orientações dos trabalhadores favoráveis à estabilidade autoritária, ver Cohen (1982) e favoráveis a estabilidade democrática, ver Rueschemeyer et al. (1992).

<sup>3</sup> A seguinte análise baseia-se sobre uma das pesquisas mais amplas ocorridas no Brasil, realizada pelo Consórcio Datafolha-CEDEC nos dias 3 e 4 de março de 1990, com uma amostra aleatória de 145 municípios, incluindo todas as capitais de estado com um número total de 2.480 entrevistas efetivas. A amostra é baseada em múltiplos estudos, desenho probabilístico aleatório com uma margem de erro registrada de  $\pm 2,3$  por cento. A pesquisa pertence ao Banco de Dados do Centro de Estudos de Opinião Pública da Universidade de Campinas. As questões por extenso utilizadas nesta análise encontram-se no Apêndice.

### **Reexaminando a hipótese do autoritarismo da classe trabalhadora**

As teorias sobre as orientações da classe trabalhadora com relação à democracia tem tradicionalmente retratado um cenário sinistro. De um lado, a noção do autoritarismo da classe trabalhadora (KORNHAUSER, 1959; LIPSET, 1960) tem sido bem poderosa a este respeito, atuando como um incentivo direto para alguns dos mais abrangentes estudos baseados em *surveys* em certos países latino-americanos (RANIS, 1991; TIANO, 1984). Isso também implicou, em grande parte, um contraste interclasses, com outras categorias ocupacionais (empregadores) ou classes sociais (classe média e alta), inicialmente vistos como hipoteticamente menos autoritários. Por outro lado, a noção de coerência entre valores de grupo e formas de autoridade política (ECKSTEIN, 1966), e a noção dos efeitos de socialização de instituições sobre orientações de grupos, também adotou uma série de estudos de base empírica na área (COHEN, 1982; BOOTH e SELIGSON, 1984).

A evidência empírica revelou uma classe trabalhadora:

1) que está, inequívoca e conscientemente, longe de ser oposta às formas, regras e atores democráticos; 2) não mais autoritária que outros grupos sociais; 3) e não necessariamente coerente com o contexto político (seja democrático ou autoritário).

Os dados de 1990 mostram que o apoio ao regime, em nível geral e abstrato, conta com uma maioria de respondentes da classe trabalhadora que favorecem a democracia em relação à ditadura (veja Tabelas 1a e 1b). Com ligeiras variações, este apoio permanece muito inalterado quanto a princípios e normas específicos à democracia, a saber, o tipo de governo, o sistema partidário, a extensão do direito de voto, e o equilíbrio entre as regras da maioria e os direitos da minoria: a opinião pró-democrática nestes quatro itens é em média de 51,8%, o que está muito próximo da preferência pró-democrática em nível geral. Contudo, as opiniões divergem significativamente no que se refere às opções não-democráticas: em média, 31,8% dos trabalhadores favorecem restrições quanto à natureza civil, pluralista, universalista e cívica do regime político, em contraste com menos de 19% que escolheram uma ditadura. A diferença aumenta de forma clara com as respostas de meio termo (exceto pelo último item de direitos da maioria\minoría), o que indica uma importante polarização atitudinal nas regras políticas básicas que regulam os regimes políticos em um nível mais familiar e cotidiano. Obviamente, há uma lacuna parcial entre o nível abstrato e o nível concreto de apoio à democracia<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Este achado combina com os resultados de análises de apoio à democracia originais, entre públicos americanos, feitas por Prothro e Grigg (1960) e McClosky (1964).

O quanto estes padrões de respostas são típicos da classe trabalhadora? Um olhar sobre a distribuição de opinião dos empregadores auxiliará o tratamento desta questão e a colocar em perspectiva as preferências dos trabalhadores. Conforme as Tabelas 1a e 1b mostram, os empregadores têm uma atitude mais positiva em relação à democracia, embora apresentem um índice de aprovação do regime autoritário ainda maior. Em um nível específico, os empregadores parecem também mais democráticos do que autoritários (exceto por sua atitude quanto ao voto universal)<sup>5</sup>, o que aparentemente reforçaria o “autoritarismo da classe trabalhadora”, hipótese originalmente desenvolvida por Lipset e outros. Igualmente, a média aritmética entre-itens também revela os empregadores como um grupo mais fortemente comprometido com a democracia e menos com o autoritarismo do que os trabalhadores, já que 55,5% deles escolheram a opção democrática *versus* 29,2%, que escolheram a opção oposta.

Entretanto, a diferença entre-classes torna-se falsa quando sua significância estatística é testada. Isso é revelado por uma diferença *standardizada* do teste de proporções, aplicado para a preferência pela democracia ao nível geral, após o contraste de ambas as sub-amostras<sup>6</sup>. De acordo com ele, as diferenças são resultado do acaso. Não raramente, estudos sobre as não-semelhanças entre-classes referentes a atitudes políticas têm ignorado este teste preliminar.

De fato, uma reação tipicamente acadêmica quando confrontada a diversidade atitudinal entre-classes tem procurado indicar a natureza ilegítima de tais diferenças, mesmo antes de testar seu significado estatístico real. O argumento sobre a ilegitimidade enfatizaria, assim, a natureza não-relacionada das diferenças aparentes, e traria a atenção para o impacto que as desigualdades prévias na educação, renda ou interação social podem ter na visão política de cada grupo (veja por exemplo MULLER et al., 1987). Assim, mesmo após o nosso teste de diferenças de proporções parecer descartar a noção de variação entre grupos, podemos considerar checar as diferenças percentuais entre-classes num teste secundário.

Educação e participação têm sido “os suspeitos usuais” a este respeito, pela suposição de que as diferenças entre-classes apenas refletiriam diferenças em escolaridade, interesse e/ou participação política. A este respeito, o argumento estabeleceu que menores oportunidades cognitivas e/ou de envolvimento disponíveis aos membros da classe trabalhadora, comparadas com as dos empregadores, explicavam a variação entre ambos os grupos. Menos frequente-

---

<sup>5</sup> Esta exceção se encaixa bem a achados empíricos anteriores por McDonough (1981) e Rochon e Mitchell (1989), assim como afirmações teóricas sobre o elitismo da classe alta e média alta de Weffort (1989).

<sup>6</sup> A pontuação Z é igual a 1,27 o que é significativo apenas ao nível de 0,10 para testes de 1 cauda. Isso chama a atenção para o tamanho do “n” de cada grupo, como responsável pelas diferenças aparentes. A estatística foi obtida através do cálculo da raiz quadrada da seguinte soma:  $P^*Q/n1 + P^*Q/n2$  onde  $P=[p1*n1 + p2*n2]/n1+n2$  e  $Q=1-P$

mente, dados demográficos como gênero, idade, e/ou renda, e atitudes básicas, como ideologia e/ou níveis de satisfação também entraram em consideração. Com certeza, a existência de diferenças entre os grupos para essas variáveis ajuda a manter parte da força deste argumento<sup>7</sup>.

Um olhar inicial sobre as diferenças entre-classes nos níveis médios de todas estas variáveis pareceria endossar a hipótese da ilegitimidade, ou seja, que a lacuna entre trabalhadores e empregadores em relação a seu apoio democrático depende não tanto da divergência real baseada em posições de classe, mas das limitações estruturais em que cada grupo vive. Entretanto, maior evidência empírica sugere que aquela ilegitimidade pode não ser todo o problema (veja Tabela 2). Uma análise da covariância testando a influência específica exercida por cada uma destas variáveis sobre a relação entre *status* profissional e preferência por regime político revela que seus efeitos são desprezíveis. Exceto por diferenças de idade, nenhuma outra covariante usada aqui contribui de maneira significativa para explicar a variação no apoio à democracia<sup>8</sup>. Além disso, o efeito do *status* de classe (dicotomizado em trabalhadores e empregadores) quanto às orientações democráticas, após serem ajustados para o efeito individual de cada covariante, é também não-significante estatisticamente, o que combina com as descobertas anteriores pelo teste de diferença de proporções. Esta evidência revela que, sobretudo, ser membro da classe trabalhadora não envolve diferença significativa em relação a preferências democráticas ou antidemocráticas. Como uma conclusão preliminar pode-se dizer que: 1) uma grande maioria dos membros da classe trabalhadora apóia uma política democrática, regulada por leis e princípios democráticos; 2) trabalhadores, em nível geral, não manifestam orientações de regime realmente diferentes das de seus empregadores; e 3) apesar de diferenças

---

<sup>7</sup> As médias para cada grupo foram as seguintes:

|                           | Trabalhadores | Empregadores |
|---------------------------|---------------|--------------|
| Educação                  | 3,32          | 4,41         |
| Idade                     | 33,00         | 39,40        |
| Satisfação com a vida     | 4,28          | 5,53         |
| Ideologia                 | 4,30          | 4,37         |
| Interesse político        | - 0,02        | - 0,19       |
| Participação Convencional | 0,12          | - 0,10       |

Interpretando estes valores médios deve-se considerar que a educação é medida numa escala de oito graus (onde valor 1 refere-se a nenhuma educação e 8 para nível universitário), idade é medida em anos, satisfação com a vida vai de 1 a 9 (onde o valor mais baixo significa grande insatisfação), ideologia é medida numa escala de sete graus (com valor 1 medindo inclinações de extrema esquerda e 7, extrema direita), e interesse e participação são índices compostos (com valores negativos implicando comportamento ativo e valores positivos implicando passividade; quanto maiores os valores, mais ativas ou passivas as posturas de cada grupo - veja páginas 9 e 10 e a tabela 5).

<sup>8</sup> Estes achados não coincidem portanto com evidências anteriores reportadas por Tiano (1986), que encontra pequena correlação com educação, mas grande com participação.

na formação social e política, estas não têm um papel relevante para explicar a variação do compromisso dos trabalhadores com a democracia.

### **Comparando crenças democráticas: padrões de consistência**

A lacuna parcial entre orientações com relação aos itens democráticos, aos níveis geral e específico, lida com a questão da consistência de opinião dos respondentes. Este é um tópico importante geralmente desconsiderado, já que as opiniões mudam com o tempo, e os comportamentos incongruentes usualmente podem ser compreendidos mais como resultado de um baixo controle entre atitudes, do que de uma instabilidade valorativa, um repentino desencanto político, ou comportamentos sociais movidos pelo conformismo<sup>9</sup>.

A bibliografia sobre consistência de atitudes demonstrou há muito que as orientações das massas são pouco controladas, sem esperança real de encontrar algo como um consenso bem estruturado em questões políticas (MCCLOSKEY, 1964; CONVERSE, 1964; MANN, 1970). Ainda assim, a idéia de consenso - como uma extensão do conceito de conciliação - tem sido tão central para análises da cultura política brasileira, que permanece uma suposição básica de muitas pesquisas (SCHMITTER, 1971; DA MATTA, 1991).

A técnica mais familiar para abordar a consistência, em nível agregado, tem sido a correlação entre-itens, entre diferentes pares de indicadores: quanto maior e mais homogênea a correlação, quanto maior a coação de atitude, mais estruturado o consenso. A Tabela 3 mostra as matrizes de correlação para trabalhadores e empregadores. Um olhar sobre ambas revela que 1) a consistência total é pequena; e 2) os empregadores têm correlações entre-itens mais altas (de oito em dez); todavia, apenas uma destas é estatisticamente significativa, tornando a maior consistência dos empregadores apenas aparente.

Ao nível individual, as atitudes apresentam um aspecto similar. Começando com aqueles que no item de nível geral escolhem a opção democrática, e acompanhando suas respostas pró-democráticas ao longo de todos os itens em nível específico, encontrei apenas um em sete trabalhadores totalmente consistente, enquanto a proporção entre empregadores é de um em cinco. A Figura 1 ilustra este padrão. Aqui novamente, uma espécie de clivagem de classe parece apontar para algumas diferenças no valor. Mas, conforme os critérios são levemente afrouxados (adicionando o considerado "consistente" - todos os que escolhem

---

<sup>9</sup> Este tipo de argumento que enfatiza os movimentos de opinião em nível superficial ao longo do tempo, sem considerar os graus de consistência da opinião em diferentes momentos em que as opiniões foram pesquisadas são encontrados nas primeiras análises de opinião pública durante o período da Nova República. Ver, por exemplo, Moisés (1989), Muszynski e Teixeira Mendes (1990), e Lamounier e Hubner (1992).

respostas pró-democráticas em todos os itens - aos que assim agem em todos os itens, exceto em um, e escolhendo portanto a resposta “meio-termo”), as proporções para ambas as classes coincidem em 28%. Isso significa que, mesmo quando adotada uma estrutura menos exigente e mais realista para a análise da consistência de atitude, apenas pouco mais de um quarto daqueles que se alinham com a democracia revelam orientações democráticas totalmente controladas, ou o que pode ser chamado de uma ideologia democrática. Para todos os outros que misturam crenças inconsistentes, a preferência pela democracia ao nível geral pode ser compreendida de duas maneiras: 1) como resultado de uma subconceituação da democracia, devido a valores nominais positivos que a palavra “democracia” adquiriu universalmente, embora desprezada no que se refere a outras implicações conceituais (ou seja, mantendo democracia como um “conceito-no-vácuo”), ou, 2) como resultado de uma conceituação incorreta de democracia, na forma de uma reificação popular do regime democrático ao lado de valores políticos tradicionais, como, por exemplo, elitismo e populismo.

### **Medindo crenças democráticas**

Essa subconceituação dominante ou conceituação errada de democracia em termos abstratos gerais poderia prejudicar qualquer tentativa de analisar as bases reais das atitudes da classe trabalhadora (e dos empregadores) quanto à democracia. Neste sentido, há uma necessidade de extrair uma outra dimensão, embora claramente política, de democracia; ou seja, uma variável abrangendo um sentido significativo de democracia. Minha escolha é por uma variável que articule a noção de anti-autoritarismo. Primariamente, isso acompanha a tendência internacional naquelas sociedades que recentemente passaram de uma ordem autoritária para uma democrática, onde um padrão de opiniões negativas com relação às práticas e rotinas do regime anterior destaca-se como o mais claro e reconhecível padrão atitudinal<sup>10</sup>. A este respeito, a suposição é que o anti-autoritarismo reflete uma base de julgamento democrático mais familiar e significativo para a massa do que qualquer opção abstrata por um regime político. Finalmente, o reconhecimento de uma segunda dimensão válida para analisar orientações democráticas e paralela a ênfase dada a multidimensionalidade de sentidos e percepções da democracia postulada, por estudos anteriores sobre a opinião pública brasileira (MCDONOUGH, 1981; ROCHON e MITCHELL, 1989).

---

<sup>10</sup> Estudos na Espanha (MCDONOUGH et al., 1986), Argentina (CATTERBERG, 1991; ECHEGARAY, 1989) e Chile (FLISFISCH, 1988) e mais recentemente na Europa Oriental (TIMES MIRROR, 1991) revelaram de maneira consistente que as atitudes negativas em relação ao regime pré-democrático são mais rapidamente desenvolvidas pela massa do que noções estruturadas como republicanismo e liberalismo político.

Esta segunda variável dependente origina-se como um índice composto de três indicadores, derivados da análise dos principais componentes. Os três indicadores referem a: 1) aceitação ou rejeição do uso político da violência; 2) concordância ou discordância com a política de partido único; e 3) apoio ou oposição a um novo governo militar. Os três evocam um componente único, o *eigenvalue* é 1,42, responsável por 47,5% da variação dos itens. Os fatores são, respectivamente, 0,68, 0,75 e 0,70 em números arredondados. A ligação desta nova variável com a preferência por regime político é expressa pela correlação ( $r=0,23$  para trabalhadores e  $r=0,45$  para empregadores, ambos significantes em  $p < 0,01$ ), o que reflete uma relação importante entre duas variáveis dependentes fazendo sua existência redundante. Neste sentido, não tomarei o anti-autoritarismo como um substituto de escolha de regime, mas como um substituto de valores democráticos. Minha intenção não é substituir um pelo outro, mas focar com mais detalhe o anti-autoritarismo, dadas as insuficiências da variável de preferência por regime já debatidas.

### **Explorando as fontes das crenças democráticas**

O estudo dos determinantes das atitudes da classe trabalhadora em relação à democracia tem alternativamente enfatizado as variáveis atitudinais e demográficas. Entre as atitudes, foram vistos como os principais efeitos as orientações instrumentais, seja na forma das relações precisadas pelo ambiente político (DAVIS e SPEER, 1991) ou da aquiescência a um estado paternalista e provedor (um “Leviatã benevolente” como chamado por COHEN, 1982). De maneira similar, considerou-se como principais preditores as orientações expressivas na forma de crenças normativas e liberalismo político, atitudes em relação ao conflito (COHEN, 1982), auto-identificação ideológica e pós-materialismo (INGLEHART, 1990). Fortemente relacionados a este grupo, os níveis de interesse político, de participação convencional e de satisfação de vida também foram considerados fundamentais (KAASE e BARNES, 1979; INGLEHART, 1990). Além disso, conforme parcialmente discutido na primeira parte, as diferenças de educação e idade foram encaradas como grandes determinantes.

Meu enfoque aqui é atingir a importância relativa da maior parte destes grupos de variáveis considerando seus efeitos simultâneos (assim como captando os modelos teóricos subjacentes) moldando tanto as atitudes anti-autoritárias dos trabalhadores quanto seu contraste com as atitudes dos empregadores.

*Argumentos instrumentais*

Os argumentos instrumentais pressupõem que a utilidade percebida e/ou o real equilíbrio de custo-benefício determinam o grau de compromisso democrático da classe trabalhadora. Em suma, a extensão da recompensa ou da privação material sob o regime existente anterior tende a moldar a base do apoio político. Uma versão ligeiramente diferente coloca a ênfase sobre o comportamento econômico do estado nas atitudes políticas dos indivíduos, em vez de no impacto do desempenho do regime, o que pode levar a uma “despolitização” da análise (devido a sua natureza econômica inerente) mas traz uma visão mais realista da relação entre orientações instrumentalmente motivadas e resultados macropolíticos. De qualquer forma, a evidência não é conclusiva. Davis e Speer (1991), por exemplo, em seu estudo sobre as atitudes dos trabalhadores no México e Venezuela, encontraram que a segurança econômica pessoal direciona pouco as atitudes políticas. Por outro lado, o estudo de Cohen (1982) sobre os trabalhadores brasileiros relaciona empiricamente as opiniões não-democráticas e as atitudes acomodadas em relação à ordem autoritária como resultado da eficácia do estado como provedor; para ele, a dependência econômica para com o estado explica a preferência dos trabalhadores pelo regime e normas políticas.

Curiosamente, a noção de Cohen de um “Leviatã benevolente” não estabelece um tipo específico de regime político, embora historicamente, precise estar ligado no caso do Brasil ao regime autoritário<sup>11</sup>. O que sua noção prescreve com certeza é a relação paternalista do estado com as classes baixas, baseada no assistencialismo e na segurança econômica. A partir da perspectiva da motivação instrumental das atitudes, um significado central a esta noção é o grau de protecionismo atribuído ao Estado. Desta maneira, um índice de “protecionismo de Estado” é criado para testar o efeito da hipótese instrumental em atitudes democráticas. A variação entre trabalhadores (e empregadores) assegura a confiança estatística desta medida (ver Tabela 4). Além disso, as distribuições se encaixam em expectativas intuitivas e teóricas da classe trabalhadora, aceitando melhor o governo paternalista, se comparadas aos empregadores.

Admitindo as orientações do “Leviatã benevolente” entre os trabalhadores, e considerando os esforços movidos pela justiça social, para a mobilização da classe trabalhadora durante o final da década de 1970, que também auxiliaram a acelerar o caminho da democratização (KECK, 1989), espera-se encontrar um impacto forte

---

<sup>11</sup> Basicamente, estou me referindo ao “Estado Novo” de Getúlio Vargas de 1937 a 1945, e a notável manutenção de sua estrutura corporativista, hierárquica e protetora durante os governos militares que sucederam o movimento de 1964 (SCMITTER, 1971; LAMOUNIER, 1989; SCHNEIDER, 1991). É claro, esta referência coincide com os dados de Cohen que datam de 1973-74, ou seja, o auge do período autoritário.

e positivo do protecionismo de Estado e das atitudes democráticas. Entre os empregadores, por outro lado, esta relação deveria ser mais fraca mas também positiva, dado o padrão histórico das vantagens econômicas conseguidas pela comunidade empresarial depois das maiores intervenções sociais do setor público.

#### *Argumentos expressivos*

Os argumentos expressivos são basicamente construídos a partir da suposição de que as atitudes políticas são melhor explicadas por outras atitudes políticas, do que por variáveis não estritamente políticas ou não estritamente atitudinais<sup>12</sup>. O problema aqui é posto pela multidimensionalidade virtual das atitudes políticas. Davis e Speer (1991), por exemplo, operacionalizam orientações expressivas para a política com base na apreciação individual da equidade distributiva e estrutural, assim como da auto-definição ideológica. Booth e Seligson (1984) usam indicadores de tolerância e participação políticas. Tiano (1986) escolhe trabalhar com índices de alienação e envolvimento políticos. Ranis (1991) escolhe a auto-identificação ideológica, preferência partidária, aspirações sócio-políticas, e o grau de compreensão cívica da democracia. Cohen (1982), pelo contrário, refere-se a tolerância política, aos níveis de conhecimento e interesse político, e as atitudes perante o conflito e a responsabilidade do governo.

Com certeza, cada fator tem um diferente papel em termos de sua força relativa e efeito na determinação de atitudes democráticas básicas para os diferentes dados. Além disso, alguns determinantes, tais como a ideologia, constituem em si uma dimensão particular de orientação expressiva, encorajando seu tratamento em separado daquelas variáveis que lidam com um significado mais amplo e mais atitudinal. Outros determinantes, tais como interesse e participação política, podem ser considerados mais como pré-requisitos semi-estruturais de orientações democráticas, merecendo um lugar distinto.

A escolha de determinantes deste tipo é conduzida em grande medida, pela relativa convergência de indicadores utilizados por diferentes estudiosos. Estes são: tolerância política, ação de protesto, interesse político, participação convencional e auto-definição ideológica. Conforme dito no parágrafo anterior, suponho que embora todas estas variáveis relacionem-se à categoria das orientações expressivas para a política, elas desenvolvem-se como dimensões relativamente independentes. Enquanto tais, sugerem diferentes sub-modelos quanto às bases subjacentes às atitudes democráticas, as quais - por sua vez - pedem uma análise separada do impacto de cada variável.

---

<sup>12</sup> Uma importante afirmação desta posição encontra-se originalmente no trabalho de Campbell et al. (1960). Mais recentemente, o trabalho de Inglehart (1990) sobre pós-materialismo tornou-se uma referência central.

### *Tolerância política*

A tolerância política refere-se ao grau de aceitação de expressões de inconformismo político. Evidência anterior sugere um difundido apoio à censura, predisposições anti-contestação (anti-greve) majoritárias e um apoio minoritário à autonomia de organização dos trabalhadores dentre os membros desta classe (COHEN, 1982)<sup>13</sup>, todos resultados claramente relacionados com orientações não-liberais e não-democráticas. Assim, um teste do impacto real da tolerância nas atitudes democráticas parece particularmente relevante. Este preditor é derivado de uma análise de componente principal com base em quatro itens<sup>14</sup>, o que traz uma dimensão única (eigenvalue = 2,36). Como um índice composto, sua distribuição entre-classes é medida de forma mais significativa através de médias. Os trabalhadores obtêm uma média de -0,09, versus -0,14 para os empregadores. Esta diferença na pontuação implica uma variação insignificante nos níveis de tolerância política entre ambos os grupos, com o primeiro sendo levemente menos tolerante que o segundo. Curiosamente, nenhum grupo registra perdas (missing cases), o que define estas questões como bem compreensíveis a estes grupos.

### *Ação política*

A ação de protesto refere-se ao registro individual de envolvimento em ação nãoconvencional. Ela envolve principalmente uma forma conflitante de interação, que torna esta variável de extremo interesse dada a suposição, há muito vigente, de que atitudes políticas brasileiras são movidas por uma busca de conciliação em vez de conflito (DA MATTA, 1990). A evidência de Cohen, já discutida no parágrafo anterior, encaixa-se nesta suposição, tal como ilustra a disposição anti-contestação, sendo sua interpretação a de que trabalhadores tendem a concordar com a busca do governo pela harmonia e paz social, em vez de se oporem a ele. Relacionados a esta variável estão a participação convencional e o interesse político, tradicionalmente utilizados na bibliografia acadêmica como preditores cruciais das orientações democráticas (BOOTH e SELIGSON, 1984; TIANO, 1986; GEDDES e

---

<sup>13</sup> Assim como para o início dos anos 1970, 70% dos membros da classe trabalhadora eram favoráveis à restrições à imprensa, também 70% concordavam que “mesmo que haja uma boa razão, a greve não deveria ser permitida aos trabalhadores” e 67,5% condenavam qualquer ação grevista. Finalmente, apenas 7,4% eram favoráveis à diminuição do controle do estado sobre as sindicatos (ver Cohen, 1982).

<sup>14</sup> A questão “Você concorda ou discorda que o governo (ITEM 1) use a polícia contra as demonstrações de rua; (ITEM 2) processe aqueles que se opõem à sua autoridade; (ITEM 3) indicié legalmente os manifestantes; (ITEM 4) use tropas para por um fim às greves? Concorda, Discorda, Depende, Não Sabe”. As categorias são registradas numa escala indo de discordância (tolerância política) para concordância (intolerância política). Os *factor loadings* para cada item são 0,77, 0,76, 0,80 e 0,73 respectivamente.

ZALLER, 1989). Mas, pelo menos no caso brasileiro, a suposição dos estudiosos de que há uma apatia e falta de conhecimento da classe trabalhadora levou a enfatizar uma direção negativa destas relações<sup>15</sup>. Com certeza, esta evidência mista torna particularmente interessante testar os efeitos destas variáveis.

As variáveis são derivadas de uma análise de componentes principais realizada através de oito itens diferentes. Três fatores emergem explicando 59,5% da variação dos itens, cada um sobre *eigenvalue* maior que 1. Respectivamente, elas referem-se à ação de protesto, participação convencional e interesse político. Uma análise fatorial de rotação oblíqua mostra a clara independência entre eles, com a maior inter-relação entre-fatores igual a 0,28. Conforme previamente realizado para índices compostos independentes, eles fazem mais sentido se lidos em termos de médias através das classes. A Tabela 5 resume todas as informações relevantes a este respeito.

Os dados revelam diferenças notáveis entre as classes. Enquanto os membros da classe trabalhadora expressam uma maior vontade de seguir ações informais que seus empregadores, eles mostram menores níveis de interesse político e de participação convencional. Isso significa que, em 1990, apenas parte do que havia sido a visão tradicional sobre as atitudes dos trabalhadores podia ainda encontrar apoio. Certamente, o divisor de águas quanto à organização dos membros da classe trabalhadora que seguiram os anos de “descompressão” do regime, através da sindicalização de massas e da emergência do Partido dos Trabalhadores, teve de fato um efeito poderoso na disposição deste grupo quanto à política. Dadas estas diferenças significativas entre ambas as classes, deveríamos esperar que estas três variáveis tivessem um importante papel como preditor de orientações democráticas.

#### *Argumentos ideológicos*

Uma última variável inclusa no grupo de argumentos ideológicos expressivos é a ideologia, e ela obedece, como já dito, à difundida noção segundo a qual a posição de alguém no espectro político é um determinante importante das preferências por regime, assim como de inclinações autoritárias e anti-autoritárias (DABIS e SPEER, 1991). Neste caso, a variável é operacionalizada como a auto-definição do respondente numa escala de 7 graus em que o valor mais baixo significa “extrema esquerda” e o mais alto “extrema direita”. A moderação

---

<sup>15</sup> A noção de “amorfismo político” como caracterizadora de atitudes de massa em relação à política tem permeado boa parte da bibliografia (MARTINS, 1979). o estudo de Cohen sobre as atitudes da classe trabalhadora também revela que 80% de sua sub-amostra não expressava nenhum interesse em política, enquanto 89% não conheciam os Atos Institucionais decretados pelo governo militar, e 66% ignorava que partido político estava na oposição.

ideológica dos brasileiros, apelidada de “centrismo invertebrado”<sup>16</sup> é notável, independente de classe: a média dos trabalhadores é igual a 4,30, enquanto a dos empregadores é igual a 4,37, revelando quase nenhuma diferença.

#### *Argumentos psicológicos*

Em algum lugar entre as atitudes econômicas e as políticas está a variável de satisfação de vida. Embora ausente daquelas análises empíricas aqui utilizadas como referência, os principais estudos internacionais apontaram firmemente para isso como um preditor central das inclinações democráticas (INGLEHART, 1990). Em termos teóricos, esta variável pressupõe que os estados psicológicos individuais são as principais determinantes de atitudes políticas. Por isso, ela deveria ser incluída sob a expectativa de que diferentes níveis de satisfação de vida moldariam de forma importante as orientações dos membros do grupo perante regimes e valores políticos. Medida numa escala de 9 pontos, onde a ponta inferior significa níveis extremamente baixos de satisfação, as diferenças de classe parecem ser relativamente importantes, com média de 4,28 para trabalhadores e de 5,53 para empregadores; conseqüentemente, pode-se esperar um efeito mais positivo no apoio democrático para o segundo grupo.

#### *Argumentos sócio-demográficos*

Finalmente, variáveis demográficas tais como educação e idade estão consideradas aqui, seguindo não apenas suposições teóricas mas também evidência empírica (entre estudos internacionais relevantes para esta discussão, ver ALMOND e VERBA, 1963; MULLER et al., 1987; INGLEHART, 1990; BOOTH e SELIGSON, 1992). Elas são parte do modelo que estabelece as características da formação social como as determinantes mais relevantes e estáveis das atitudes políticas, a saber, que altos níveis de educação encorajam mobilização cognitiva, valores liberais e expectativas participativas; enquanto diferenças de idade sob circunstâncias históricas de mudança no regime (como no Brasil) poderiam traduzir-se em clivagens de geração resultantes de diferentes efeitos de socialização, com as coortes mais jovens (expostas ao ambiente de liberação e democratização do final dos anos 1970 e anos 1980) apoiando as práticas democráticas mais que as coortes mais velhas. Embora um exame prévio de ambos não tenha revelado nenhum efeito significativo sobre preferência por regime, é necessário considerar seu impacto no anti-autoritarismo. As distribuições por

---

<sup>16</sup> Maria do Carmo C. de Souza, “Nova República Brasileira: sob a espada de Dâmocles”. In: Stepan (org.). *Redemocratizando o Brasil*, SP: Paz e Terra, 1989.

classes mostram os trabalhadores como mais jovens e com menor escolaridade que os empregadores. A média de idade do primeiro grupo é de 33 anos com uma escolaridade média levemente superior que o primeiro completo (3,32), enquanto as médias para o segundo grupo são 39,4 anos de idade e nível de escolaridade próximo a superior completo (4,41)<sup>17</sup>. De acordo com as relações teóricas já apresentadas, deveria-se esperar por um cancelamento mútuo de efeitos, com a contribuição de uma coorte mais jovem, sendo invertido por um baixo nível de alfabetização entre respondentes da classe trabalhadora e o equilíbrio oposto para os empregadores.

#### *Modelos de anti-autoritarismo e apoio à democracia*

Para determinar as bases do anti-autoritarismo e a preferência pelo regime democrático entre trabalhadores, é necessário avaliar, primeiramente, o grau em que as variáveis consideradas como preditores são independentes umas das outras. A natureza dos preditores pode levar a se pensar em alguns problemas de colinearidade entre hábitos expressivos (por exemplo, tolerância política refletindo clivagens ideológicas), ou entre atitudes e dados demográficos (por exemplo, interesse político refletindo diferenças de idade ou educacionais). A Tabela 6 mostra que os problemas de colinearidade não afetam os dados de forma dramática. No total, o índice Pearson de correlação inter-variáveis entre trabalhadores atinge 0,13 (ela chega a 0,19 considerando-se apenas as correlações estatisticamente significativas), indo de um mínimo de 0,02 (como entre tolerância política e satisfação de vida, por exemplo) até um máximo de -0,39 (entre interesse político e escolaridade). Para empregadores, a média global de correlação é igual a 0,17 (chega a 0,39 considerando-se apenas as três correlações estatisticamente significantes) com um mínimo de 0,00 (entre ação de protesto e escolaridade) e um máximo de -0,42 (entre ideologia e escolaridade). Neste sentido, é bem clara a ausência de dependência problemática entre preditores; além disso, se for verdade que, por exemplo, a escolaridade está substancialmente relacionada aos níveis de interesse e de participação, ela está ainda longe de tornar-se um substituto destes.

---

<sup>17</sup> A escolaridade é medida por uma escala de 8 pontos, com a categoria 1 aplicada àqueles sem nenhuma escolaridade (5,3% dos trabalhadores e 2,2% dos empregadores), categoria 2 para escola primária incompleta (43,4% para trabalhadores e 31,4% para empregadores), categoria 3 para primário completo (13,8% de trabalhadores e 6,0% de empregadores), categoria 4 para ginásial incompleto (9,5% para trabalhadores e 7,1% de empregadores), categoria 5 para ginásial completo (14,4% trabalhadores e 15,4% empregadores), categoria 6 para colegial incompleto (6,9% trabalhadores e 19,5% empregadores), categoria 7 para colegial completo (6,1 % trabalhadores e 11,8% empregadores) e categoria 8 para grau universitário (0,6% de trabalhadores e 6,6% empregadores). Não houve “missing cases”.

O próximo passo, então, é estimar a força relativa de cada variável independente na formação das orientações dos trabalhadores (e empregadores) perante a democracia. Uma abordagem de análise multivariada e portanto necessária. Apenas por estes meios é possível avaliar os vários modelos subjacentes às variáveis acima descritas.

#### *Modelos instrumentais e expressivos*

A Tabela 7 resume os resultados da análise de regressão múltipla para os diferentes modelos. A coluna 1 apresenta os resultados para o modelo instrumental de orientações, no qual apenas o índice atitudinal relativo a protecionismo de Estado está incluído. Ela revela que costumes instrumentais exercem, sozinhos, um efeito significativo e relativamente importante sobre o anti-autoritarismo, seguindo a direção na qual tendências pró-paternalistas estão ligadas a uma instância anti-autoritária. O coeficiente não-estandardizado diz que, para cada trabalhador extra que acolhe as atitudes de bem-estar, ao invés de uma escolha completamente individualista (ou seja, um salto de 1 para 5, veja Tabela 4), é possível esperar um aumento médio de opiniões anti-autoritárias de 1%. Contudo, o poder total de explicação deste preditor é bem fraco, responsável por apenas 2% da variação da variável dependente, e com uma contribuição desprezível para a redução no erro médio do preditor<sup>18</sup>.

Isso certamente desafia a duradoura suposição (baseada na teoria da modernização) que liga as orientações de responsabilidade individual às tendências anti-autoritárias, e que encaixam de forma mais apropriada a experiência da classe trabalhadora sul-americana de inclusão política e compromisso democrático nas bases de uma mobilização dirigida pelo Estado e por garantias de bem-estar. Assim, também está desafiada a hipótese “conformista” apresentada por Cohen para as classes trabalhadoras brasileiras nos anos 1970. Nos anos 1990, os trabalhadores se tornaram politicamente menos autoritários na medida em que vêm se mantendo vinculados a uma visão mais paternalista do Estado. Assim, a condição para orientações democráticas crescentes não foi a erosão da atitude do “Leviatã benevolente” enquanto tal, mas seu deslocamento para um governo novo, eleito democraticamente.

A coluna 2 da Tabela 7 traz os resultados da dimensão liberal de orientações expressivas em política. Seu efeito é tanto estatisticamente significativo, quanto de notável importância, revelando a tolerância política como uma pré-condição chave para o desenvolvimento de valores anti-autoritários entre trabalhadores. Todavia, a

---

<sup>18</sup> O desvio-padrão original da escala de anti-autoritarismo é de 1,04. No mais, o protecionismo de Estado apenas auxilia a reduzir o *error spread* em cerca de 1 por cento.

adequabilidade da curva permanece pequena, explicando 8% da variação da variável dependente e reduzindo o erro padrão desta em apenas 5%. Este quadro certamente coincide com as expectativas teóricas que vinculam o liberalismo político às preferências democráticas, mostrando que apesar de algumas armadilhas ao nível de limites atitudinais, como já discutido, algumas relações básicas permanecem teórica e intuitivamente perfeitas. De acordo com isso, a valoração da ordem democrática entre trabalhadores alimenta-se da rejeição de formas de governismo radical e do ideal de uma harmonia social radical, desde que impliquem uma imposição de restrições (legais ou físicas) à livre expressão política.

#### *Modelos de ação política*

O terceiro modelo é ilustrado pela coluna 3. Ela mostra a extensão na qual atitudes em relação ao Estado e à tolerância política afetam o anti-autoritarismo, controlando cada efeito de preditor pelo outro. Conforme esperado, os coeficientes de regressão não registram qualquer mudança dramática, mantendo sua significância estatística, seu sinal, e seus valores similares. Comparando o seu efeito dentro de valores padronizados, a tolerância política mais do que dobra o impacto do protecionismo de estado, com um valor beta de 0,29 para o primeiro e 0,12 para o segundo. Isso significa que considerações liberais são menos importantes que interpretações do papel social do Estado para estimular um consenso democrático. Portanto, a dominação de fatores políticos sobre econômicos deve ser clara. Finalmente, este teste também mostra a contribuição conjunta de ambas as variáveis independentes para explicar diferentes graus de envolvimento anti-autoritário entre trabalhadores, que chega a 10%.

A Coluna 4 apresenta um modelo mais complexo, no qual os comportamentos são incluídos como parte dos preditores. A adição de mais três variáveis é válida por aumentar a proporção da variação explicada até 17% e por reduzir o erro médio inicial do preditor em quase 10%. O modelo mostra, portanto, que a dimensão participativa das orientações expressivas fazem diferença na compreensão das bases do anti-autoritarismo.

Todas as três variáveis têm um efeito significativo, que também ajuda a diminuir a influência da tolerância e do protecionismo. Conforme esperado, maior interesse político e experiência em ações de contestação se relacionam positivamente com inclinações democráticas. Entretanto, o valor negativo do coeficiente de regressão para a participação convencional apresenta uma relação intrigante. Ela simplesmente desassocia a experiência do engajamento individual em negócios públicos locais, interpessoais e na maioria das vezes não conflitantes, de seu efeito socializador democrático. Não encontro explicação convincente para esta relação negativa, a não ser a distribuição desigual de respostas para esta

variável. Uma segunda possível interpretação teria de iniciar por um enfoque na natureza do trabalho comunitário e das campanhas, os níveis de liderança vertical e interações clientelistas presentes etc., que certamente desviariam a discussão. Por outro lado, a incidência positiva de participação não-convencional do anti-autoritarismo conforme a atividade pública como uma dimensão saliente. Ela também custeia qualquer ligação entre comportamentos voltados ao conflito e instâncias anti-democráticas.

Vista em termos mais amplos, este modelo indica que o envolvimento tem um papel na formação de atitudes democráticas. Comparando os efeitos nos valores *standardizados*, ele reforça a prevalência das orientações políticas sobre as econômicas<sup>19</sup>.

#### *Modelos ideológicos e psicológicos*

A Coluna 5 apresenta o modelo completo de orientações expressivas e instrumentais para política ao incluir a ideologia dentro da análise. Conforme mostra esta tabela, esta variável não tem qualquer efeito significativo, substancial ou estatístico. Isso deve ser interpretado à luz da forte auto-identificação centrista dos trabalhadores, o que reduz em muito a possível contribuição deste preditor. Curiosamente, isso também reflete o limitado impacto de socialização da competição multipartidária na criação de identidades ideológicas, apesar de algumas destacadas diferenças filosóficas entre as principais forças políticas e os alinhamentos de massa terem ocorrido no momento do *survey*<sup>20</sup>.

No total, o Modelo 5 chama a atenção para dois achados: 1) o mais alto impacto entre os trabalhadores de expressiva orientação para o anti-autoritarismo, comparadas às instrumentais, o que sugere razões políticas e pós-materiais para apoiar a democracia em vez de cálculos movidos por cálculos materiais, de curto prazo e de custo-benefício, ou ainda razões relacionadas a manutenção de mecanismos clientelistas; e 2) o impacto heterogêneo de expressivas orientações, com certas atitudes mais determinantes que certos comportamentos e percepções, o que também reflete o papel principal das dimensões do liberalismo político comparadas às dimensões participativas e ideológicas.

Adicionar satisfação de vida à equação (Modelo 6) não traz grandes melhorias em termos de capacidade explicativa (que aumenta em apenas 1%) ou de erro de predição absoluto (que é reduzido em um extra de 1,5%). Para cada novo membro da classe trabalhadora que expressa grande satisfação (valor 1), em vez de

---

<sup>19</sup> Os valores beta são os seguintes: protecionismo, 0,10; tolerância, 0,22; interesse, 0,21; participação, -0,09; e ação de protesto, 0,13.

<sup>20</sup> Estou me referindo à patente polarização ideológica que ocorreu na eleição final para a Presidência da República em Novembro-Dezembro de 1989, poucos meses antes da realização do *survey*.

muita insatisfação (valor 9), a projeção de apresentar atitudes anti-autoritárias aumenta em 1%. Embora estatisticamente significativa, e com o sinal esperado, este preditor parece estar longe de exercer um papel proeminente na formação do apoio a valores democráticos, conforme afirmado pela evidência internacional (INGLEHART, 1990). Isso reflete um limite no potencial das questões privadas na politização das orientações individuais em relação ao regime. Em grande medida, as esferas pública e privada não parecem estar altamente entrelaçadas dentro do proletariado brasileiro. Ainda assim, se se levar em conta sua importância relativa em termos comparativos, a satisfação de vida não tem um desempenho muito pior que o protecionismo e a participação, e claramente supera a ideologia<sup>21</sup>. Isso sugere que, quando ajustado por outras variáveis, as orientações psicológicas, instrumentais e de envolvimento convencionais surgem como efeitos secundários na manutenção de atitudes anti-autoritárias, pelo menos entre membros da classe trabalhadora.

#### *O modelo geral*

O modelo final adiciona dados demográficos, sob a suposição de que as diferenças na formação social especificariam de maneira mais clara os determinantes das orientações democráticas dos trabalhadores. Isso prova ser verdadeiro, embora apenas devido ao grau de escolaridade, que auxilia o aumento de variação explicada da variável dependente em até 22 pontos percentuais e a diminuir o erro em até cerca de 15 pontos percentuais. Isso faz da educação o mais forte preditor entre os trabalhadores, conforme mostrado pelos coeficientes estandardizados na coluna 8. Do mesmo modo, níveis mais altos de escolaridade contribuem para níveis mais altos de anti-autoritarismo, uma conclusão que se encaixa com a maior parte da evidência a este respeito<sup>22</sup>. Por outro lado, diferenças de idade permanecem irrelevantes para mudanças na variável dependente. Com certeza, as descontinuidades atitudinais que surgem da evidência apresentada aqui, com relação ao estudo de Cohen sobre trabalhadores, dificilmente podem ser imputados a efeitos de geração.

A Tabela 7 também mostra que o melhor modelo explicativo para as predisposições anti-autoritárias dos empregadores diverge, embora não radicalmente, do dos trabalhadores (veja coluna 9). Entre os empregadores, as atitudes liberais, as orientações em relação ao Estado, e os níveis de escolaridade

---

<sup>21</sup> Em valores beta, a satisfação de vida equivale a -0,10, enquanto o protecionismo de estado chega a -0,09, a participação convencional -0,08, e a ideologia 0,03.

<sup>22</sup> O coeficiente não padronizado pode ser lido conforme se segue: para cada trabalhador movendo-se do analfabetismo para escolaridade colegial, é possível esperar um aumento médio de 1 por cento em sentimentos anti-autoritários.

fazem grande diferença; a propósito, estas são as únicas três variáveis que alcançam significância estatística em toda a equação (e isso, após se aceitar uma significância para educação de  $p < 0,06$ ). A maior contribuição é dada pelos níveis de tolerância política, sob as mesmas linhas que para trabalhadores embora numa intensidade bem maior. No entanto, quando se trata do efeito das orientações instrumentais, o sinal da relação muda. Isso implica que, entre os empregadores, as expectativas individualistas, mais do que as paternalistas, alimentam os valores democráticos. Assim, um padrão mais clássico liberal parece ser subjacente ao desenvolvimento do anti-autoritarismo deste grupo. E este padrão parece encaixar muito bem; acima de tudo, ele responde por 40% da variação da variável dependente, quase duas vezes tanto quanto a dos trabalhadores, enquanto também ajuda a reduzir o erro médio de predição em mais de um quarto do valor original.

Em um contraste notável a esse quadro, a estrutura de determinantes que afetam o apoio à democracia *qua* regime político, diverge amplamente daquela subjacente ao anti-autoritarismo. Não há preditor que alcance significância estatística, exceto por idade do grupo de trabalhadores, enquanto o quadro permanece muito semelhante em termos de significância substantiva, com quase todos os preditores mostrando um impacto extremamente fraco. Além disso, há uma intrigante contradição na maneira pela qual os preditores afetam a escolha do regime, em contraste ao apoio a valores anti-autoritários: de maneira surpreendente, desta vez os mais interessados e alfabetizados estão menos inclinados a apoiar a democracia em nível abstrato. Estes resultados contra-intuitivos deveriam ser lidos levando-se em conta algumas advertências:

a) os baixos coeficientes, sejam negativos ou positivos, dizem principalmente que as relações são inconcludentes; b) a falta de significância estatística adverte sobre a natureza aleatória destas relações; c) problemas de não-normalidade afetam a variável dependente assumindo a forma de assimetria positiva<sup>23</sup>; e d) a natureza não-intervalar da variável dependente a prejudica para a análise de regressão ao acentuar os problemas de não-linearidade. Outras razões tais como a ordinalidade parcial da questão da preferência por regime, resultante da questão completa, e as inconsistências conceituais inerentes (já revistas) resultantes de sua abstração, alerta para que não se enfatize a atenção sobre esta variável e enfoca de forma mais confiante o índice que mede o anti-autoritarismo.

---

<sup>23</sup> Transformações de raiz quadrada e logarítmicas na variável dependente não melhoraram o coeficiente de nenhuma maneira substantiva.

Além disso, os dados mostram que a preferência por regime político baseia-se fortemente nas atitudes anti-autoritárias do público. Entre trabalhadores, este dado e a idade são os únicos preditores significativos na equação, responsáveis por poucos 6 pontos percentuais da variação total nas opiniões, e reduzindo desvios de um preditor acurado em apenas 1%. Entre empregadores, as orientações anti-autoritárias são o único preditor a alcançar significância, com uma contribuição comparativamente muito maior na explicação da variação da variável dependente (18%) e diminuindo seu erro padrão inicial (próximo a 10%). Sob essas circunstâncias, então, parece mais atraente concentrar nas condições que explicam as diferenças nos níveis de anti-autoritarismo - que parecem não apenas como os determinantes mais notáveis da escolha por regime político, mas também como uma variável mais inteligível conceitualmente, mais acurada metodologicamente e mais significativa empiricamente, com a qual se trabalhar.

## **Conclusões**

O quão politicamente autoritários são os trabalhadores no Brasil hoje? O quanto seu apoio à democracia é dependente do paternalismo do governo? Em que medida a base da opinião pró-democrática e política por natureza? Em que medida as clivagens de classe permeiam esta opinião e se traduzem em idéias diferentes de democracia?

Os dados analisados neste artigo ajudam a abordar, pelo menos em termos gerais, as respostas básicas a estas questões. Ao fazê-lo, o artigo mostra que 1) os trabalhadores apóiam majoritariamente a democracia; 2) a minoria autoritária dos trabalhadores não é significativamente maior que entre outras classes sociais como a dos empregadores; 3) a idéia de democracia dos trabalhadores é avaliada de forma mais significativa como um valor composto relacionado a opções básicas da política cotidiana (isto é, anti-autoritarismo), do que como uma escolha abstrata entre nomes macropolíticos (ou seja, democracia ou ditadura) - conforme ilustrado pelos níveis de inconsistência entre-itens e pela capacidade de encaixe dos modelos de regressão; 4) as atitudes dos trabalhadores são muito mais centrais para explicar as orientações para a política do que comportamentos ou percepções; 5) quanto mais politicamente específicas são as atitudes, diferentes das atitudes econômicas ou psicológicas, maiores são seus efeitos nas orientações democráticas dos trabalhadores; e 6) o padrão geral das orientações democráticas dos trabalhadores não se apóia numa base extremamente diferente daquela dos empregadores.

O último ponto, entretanto, pede uma reconsideração do quadro das clivagens culturais baseadas na estrutura de classe tal como tradicionalmente retratada no Brasil. Mais importante, permite avançar uma interpretação da

sustentabilidade da democracia brasileira nos tempos difíceis no período pós-85, enquanto fundada na convergência relativa das atitudes políticas entre trabalhadores e empregadores, e na indeterminação das polarizações políticas de base de classe. Ainda assim, há um ponto de oposição entre-classes que pode encerrar de certa maneira as diferenças cruciais em relação à democracia, e este é apresentado pelo efeito distintivo das orientações instrumentais. Isso pode envolver um conflito de significados (e expectativas) associado a práticas democráticas. Felizmente, sua baixa correlação com a tolerância política, e a significância substantiva da tolerância na explicação do desenvolvimento de opinião favorável à democracia, descarta qualquer processo de polarização de classe, pelo menos com relação à cultura política.

Estes achados também deixam algumas questões parcialmente respondidas. Em princípio, há ainda muita variância a ser analisada, 80% entre trabalhadores, e 60% entre empregadores. Outra questão concerne a outros procedimentos-chave, normas, e práticas de democracia não inclusos na construção do índice de anti-autoritarismo, que poderiam ser encarados como fontes de clivagens culturais cruciais entre as classes<sup>24</sup>. Outra questão relaciona-se ao grau de robustez e à possível inferência destes achados, dada a pequena amostra representado pelos empregadores. Uma questão final (mas certamente não a uma última questão) diz respeito ao grau de homogeneidade destes achados através de diferentes seções de cada classe (por exemplo, em que medida é ainda possível supor que a fração da alta-burguesia não se divorcia radicalmente da maior parte da classe trabalhadora; ou em que medida trabalhadores sem qualificação compartilham uma estrutura idêntica de orientações democráticas com trabalhadores altamente qualificados). Neste sentido, a pesquisa futura precisa escolher tais questões para completar o cenário da base real da escolha democrática.

**Tabela 1a**  
**Apoio ao regime político**

|                          | REGIME POLÍTICO - Nível geral |                       |
|--------------------------|-------------------------------|-----------------------|
|                          | Classe trabalhadora (n= 853)  | Empregadores (n = 64) |
| A democracia é melhor    | 53,2%                         | 61,4%                 |
| Depende                  | 18,7%                         | 10,8%                 |
| A ditadura é melhor      | 18,9%                         | 22,1%                 |
| Não sabe - não respondeu | 9,1%                          | 5,7%                  |

\*coeficientes com asterisco são significantes em  $p < 0,05$ . Outros são não-significantes.

---

<sup>24</sup> Rochon e Mitchell (1989), por exemplo, enfatizam diferentes respostas ligadas à classes associadas para apoiar as instituições civis e o sufrágio universal.

**Tabela 1b**  
**Apoio a normas**

|                     |                             | REGIME Político - Normas específicas |                       |
|---------------------|-----------------------------|--------------------------------------|-----------------------|
|                     |                             | Classe trabalhadora (n = 853)        | Empregadores (n = 64) |
| Tipo de Governo*    | Permanecer civil            | 58,8%                                | 61,4%                 |
|                     | Meio termo                  | 5,0%                                 | 12,4%                 |
|                     | Voltar a ser militar        | 29,5%                                | 23,2%                 |
|                     | Não sabe - não respondeu    | 6,7%                                 | 2,9%                  |
| Sistema Partidário* | Mais que um partido         | 49,9%                                | 67,4%                 |
|                     | Meio termo                  | 1,6%                                 | 1,5%                  |
|                     | Apenas um partido           | 44,9%                                | 29,8%                 |
|                     | Não sabe - não respondeu    | 3,6%                                 | 1,4%                  |
| Direito de Voto*    | Sem restrições ao voto      | 54,5%                                | 45,6%                 |
|                     | Meio termo                  | 2,6%                                 | 4,9%                  |
|                     | Só alfabetizados votam      | 41,0%                                | 49,5%                 |
|                     | Não sabe - não respondeu    | 1,9%                                 | 0,0%                  |
| Maioria/Minoria*    | Direitos totais à minoria   | 43,9%                                | 47,7%                 |
|                     | Direitos parciais à minoria | 38,8%                                | 33,6%                 |
|                     | Tirania da maioria          | 12,0%                                | 14,4%                 |
|                     | Não sabe - não respondeu    | 5,2%                                 | 4,3%                  |

\*coeficientes com asterisco são significantes em  $p < 0,05$ . Outros são não-significantes.

**Tabela 2**  
**O efeito das variáveis de formação na relação entre classe e apoio ao regime político (análise de classificação múltipla)**

Covariada

|              | F-test Global | F-test Classe | N   |
|--------------|---------------|---------------|-----|
| Educação     | 2,08          | 0,01          | 835 |
| Interesse    | 0,77          | 0,16          | 809 |
| Participação | 0,15          | 0,17          | 809 |
| Idade        | 4,78*         | 0,02          | 834 |
| Ideologia    | 0,57          | 0,08          | 748 |
| Satisfação   | 0,79          | 0,00          | 761 |

\*coeficientes com asterisco são significantes em  $p < 0,05$ . Outros são não-significantes.

**Tabela 3**  
**Níveis de consistência entre os itens de democracia ao nível geral e específico, entre trabalhadores e empregadores, ao nível agregado (1)**

|                    | Regime político |      | Sistema partidário |      | Tipo de governo |       | Direito de voto |        | Maioria/Minoria |        |
|--------------------|-----------------|------|--------------------|------|-----------------|-------|-----------------|--------|-----------------|--------|
|                    | Trab.           | Emp. | Trab.              | Emp. | Trab.           | Emp.  | Trab.           | Emp.   | Trab.           | Emp.   |
| Regime político    | -               | -    | 0,13*              | 0,21 | 0,23*           | 0,35* | 0,12*           | - 0,17 | 0,06            | - 0,03 |
| Sistema Partidário |                 |      | -                  | -    | 0,34*           | 0,26  | 0,09*           | 0,21   | 0,01            | - 0,08 |
| Tipo de governo    |                 |      |                    |      | -               | -     | 0,13*           | - 0,15 | 0,09*           | - 0,26 |
| Direito de voto    |                 |      |                    |      |                 |       | -               | -      | 0,03            | - 0,16 |
| Maioria/Minoria    |                 |      |                    |      |                 |       |                 |        | -               | -      |

(1) Coeficientes r de Pearson. Cada item está baseado numa escala de 3 pontos, com o valor 1 para resposta pró-democrática e valor 3 para resposta não-democrática;

\*coeficientes com asterisco são significantes em  $p < 0,05$ . Outros são não-significantes;

Trab.: Trabalhadores (n = 720)

Emp.: Empregadores (n = 59)

**Tabela 4**  
**Atitudes dos trabalhadores e empregadores em relação ao papel paternalista do Estado**

|              |    | Trabalhadores | Empregadores |
|--------------|----|---------------|--------------|
| Apóiam pouco | 1. | 0,5%          | 0,0%         |
|              | 2. | 7,5%          | 14,2%        |
|              | 3. | 38,5%         | 39,7%        |
|              | 4. | 44,2%         | 34,2%        |
| Apóiam mais  | 5. | 3,0%          | 3,1%         |
| NS/NR        |    | 6,4%          | 8,8%         |
| Total        |    | 100,0%        | 100,0%       |
| N            |    | (853)         | (64)         |

**Tabela 5**  
**Orientações com relação ao interesse político, participação convencional e ação de protesto entre trabalhadores e empregadores**

| Hábitos                         | Variável     | Fator | Média Trabalhadores | Média Empregados |
|---------------------------------|--------------|-------|---------------------|------------------|
| Assistência/Leitura de notícias | Interesse    | 0,84  |                     |                  |
| Discussão política              | Interesse    | 0,78  |                     |                  |
| INTERESSE POLÍTICO              |              |       | - 0,2               | - 0,19           |
| Persuasão política              | Participação | 0,67  |                     |                  |
| Participação em política        | Participação | 0,80  |                     |                  |
| Trabalho comunitário            | Participação | 0,68  |                     |                  |
| PARTICIPAÇÃO CONVENCIONAL       |              |       | 0,12                | - 0,10           |
| Petições/ protestos             | Protesto     | 0,76  |                     |                  |
| Manifestações                   | Protesto     | 0,76  |                     |                  |
| Atividades de Greve             | Protesto     | 0,79  |                     |                  |
| AÇÃO DE PROTESTO                |              |       | - 0,06              | 0,18             |

Pergunta completa: “Você costuma...(ITEM 1) Ler ou assistir a noticiários políticos; (ITEM 2) Discutir política com outros; (ITEM 3) Tentar persuadir outros como votar (ITEM 4) Tomar parte de manifestações políticas tais como ajudar um candidato, participar da campanha. comparecer a reuniões do partido, etc (ITEM 5) Comparecer a associações comunitárias/clubes para trabalhar sobre problemas locais; (ITEM 6) Assinar petições ou abaixo-assinados; (ITEM 7) Tomar parte de manifestações anti ou pró-governo; (ITEM 8) Participar de greves. Costuma, não costuma, raramente”. As categorias foram registradas e postas em escala com o mais baixo valor representando comportamento ativo e o mais alto valor representando comportamento passivo. Acompanhando as variáveis compostas com valores médios negativos se referem a comportamento ativo, enquanto as com valores médios positivos se referem a comportamento passivo. Em relação ao item 7, a ausência de manifestações pró-governo durante os anos imediatamente anteriores ao *survey* (o mais próximo no tempo sendo as ações individuais dos “fiscais do Sarney” no início do Plano Cruzado no início de 1986), resguarda qualquer problema em considerar como uma contribuição ao fator “ação de protesto”.

**Tabela 6**  
**Relações entre orientações instrumentais, orientações expressivas e características democráticas entre trabalhadores e empregadores.**

|                           | Protecionismo de Estado | Tolerância Política | Interesse político | Participação convencional | Ação de protesto | Ideologia | Satisfação de vida | Educação | Idade  |
|---------------------------|-------------------------|---------------------|--------------------|---------------------------|------------------|-----------|--------------------|----------|--------|
| Protecionismo de Estado   | -                       | - 0,06              | - 0,06             | 0,03                      | - 0,03           | 0,08      | 0,08               | 0,02     | 0,07   |
| Tolerância Política       | - 0,05                  | -                   | 0,14*              | - 0,14*                   | - 0,14*          | 0,21*     | - 0,02             | - 0,22   | 0,18*  |
| Interesse político        | - 0,22                  | 0,12                | -                  | - 0,15                    | - 0,24*          | 0,05      | - 0,11*            | - 0,39*  | - 0,08 |
| Participação convencional | 0,20                    | - 0,13              | 0,09               | -                         | - 0,29*          | - 0,03    | 0,04               | 0,20*    | - 0,07 |
| Ação de protesto          | - 0,03                  | 0,12                | - 0,31             | - 0,12                    | -                | 0,22*     | 0,07               | - 0,13*  | 0,18*  |
| Ideologia                 | - 0,21                  | 0,20                | 0,34               | - 0,20                    | 0,15             | -         | 0,09               | - 0,20*  | 0,16*  |
| Satisfação de vida        | - 0,04                  | 0,12                | - 0,07             | - 0,15                    | 0,29             | - 0,05    | -                  | 0,20*    | 0,10*  |
| Educação                  | 0,18                    | - 0,21              | - 0,32             | - 0,15                    | 0,00             | - 0,42*   | 0,12               | -        | - 0,12 |
| Idade                     | - 0,27                  | - 0,03              | 0,13               | - 0,36*                   | 0,31             | 0,18      | 0,38*              | 0,01     | -      |

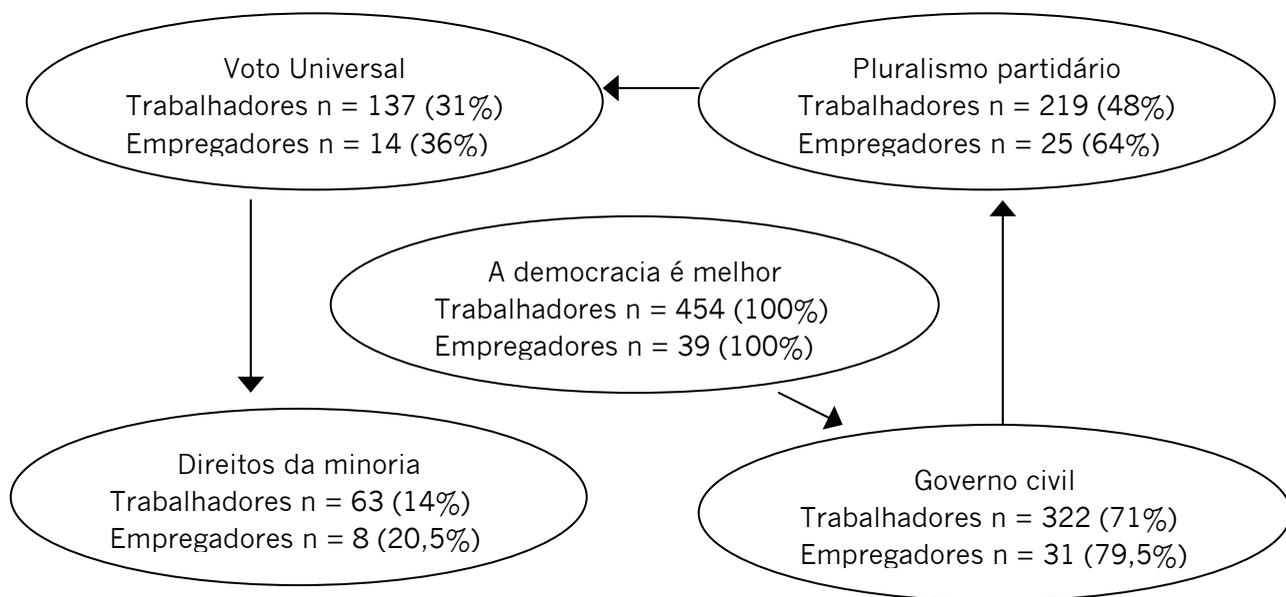
\* Coeficientes em asterisco são significantes a  $P < 0,1$  (teste de 1 cauda). Os coeficientes acima da diagonal correspondem aos trabalhadores ( $n = 562$ ). Os coeficientes abaixo da diagonal correspondem aos empregadores ( $n = 44$ ).

**Tabela 7**  
**Resultados da regressão OLS para anti-autoritarismo e apoio ao regime democrático**

|                           | Anti-autoritarismo |                 |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                 | Apoio ao Regime |        |
|---------------------------|--------------------|-----------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-----------------|-----------------|--------|
|                           | 1                  | 2               | 3                 | 4                 | 5                 | 6                 | 7                 | 8                 | 9               | 10              | 11     |
| Protecionismo Estadual    | - 0,20*<br>(0,05)  |                 | - 0,18*<br>(0,05) | - 0,15*<br>(0,05) | - 0,13*<br>(0,05) | - 0,13*<br>(0,05) | - 0,14*<br>(0,05) | - 0,09*<br>(0,05) | 0,29*<br>(0,05) | - 0,03          | - 0,09 |
| Tolerância Política       |                    | 0,41*<br>(0,05) | 0,43<br>(0,05)    | 0,34<br>(0,05)    | 0,37*<br>(0,06)   | 0,38*<br>(0,06)   | ,32*<br>(0,06)    | 0,19*<br>(0,06)   | 0,49*<br>(0,06) | 0,01            | - 0,20 |
| Interesse Político        |                    |                 |                   | 0,22*<br>(0,04)   | 0,21*<br>(0,04)   | 0,20*<br>(0,04)   | 0,11*<br>(,04)    | 0,11*<br>(0,04)   | 0,07            | - 0,33          | - 0,18 |
| Participação Convencional |                    |                 |                   | - 0,09*<br>(0,04) | - 0,08*<br>(0,04) | - 0,08*<br>(0,04) | - 0,06<br>(0,04)  | - 0,07<br>(0,04)  | 0,15            | 0,03            | - 0,11 |
| Protesto de Ação          |                    |                 |                   | 0,12*<br>(0,03)   | 0,11*<br>(0,03)   | 0,12*<br>(0,04)   | 0,07*<br>(0,03)   | 0,09*<br>(0,03)   | - 0,15          | 0,02            | - 0,09 |
| ideologia                 |                    |                 |                   |                   | 0,02<br>(0,02)    | 0,02<br>(0,02)    | - 0,00<br>(0,02)  | - 0,01<br>(0,02)  | 0,13            | - 0,02          | 0,02   |
| Satisfação                |                    |                 |                   |                   |                   | - 0,05*<br>(0,02) | - 0,03<br>(0,02)  | - 0,05<br>(0,02)  | 0,14            | 0,04            | 0,04   |
| Educação                  |                    |                 |                   |                   |                   |                   | - 0,14*<br>(0,02) | - 0,25*<br>(0,02) | - 0,26+         | 0,06            | 0,22   |
| Idade                     |                    |                 |                   |                   |                   |                   | 0,00<br>(0,00)    | 0,05              | 0,04            | - 0,11*         | - 0,05 |
| Anti-autoritarismo        |                    |                 |                   |                   |                   |                   |                   |                   |                 | 0,24*           | 0,45*  |
| INTERCPT                  | 0,65*<br>(0,19)    | 0,03<br>(0,04)  | 0,65*<br>(0,18)   | 0,57*<br>(0,18)   | 0,43*<br>(0,20)   | 0,65*<br>(0,22)   | 10,02*<br>(0,24)  |                   |                 |                 |        |
| N                         | 741                | 768             | 741               | 721               | 657               | 593               | 591               | 591               | 44              | 562             | 43     |
| R (2) Ajustado            | 0,02               | 0,08            | 0,10              | 0,17              | 0,17              | 0,18              | 0,22              | 0,22              | 0,40            | 0,06            | 0,18   |
| SEE                       | 10,03              | 0,99            | 0,99              | 0,95              | 0,94              | 0,92              | 0,90              | 0,90              | 0,65            | 0,80            | 0,78   |

Os dados das colunas 1 a 7 são coeficientes de regressão não-estandardizados com erros-padrão nos parênteses. Dados das colunas 8 a 11 são pesos-betas. Os coeficientes em asterisco são significantes a  $P < 0,05$ ; (+) a  $P < 0,06$

**Figura 1**  
**Níveis de consistência para itens gerais e específicos sobre democracia entre trabalhadores e empregadores, ao nível individual +.**



## APÊNDICE

As questões completas seguintes são aquelas para as variáveis utilizadas na análise, não apresentadas no artigo (segundo minha tradução).

### *Regime político*

“Eu gostaria que você me dissesse com qual das seguintes sentenças você concorda mais... 1) Democracia é sempre melhor que qualquer outra forma de governo; 2) Sob certas circunstâncias, a ditadura é melhor que um regime democrático; 3) É a mesma coisa o governo ser democrático ou ditatorial”.

“Vou ler algumas afirmações e gostaria que você me dissesse se concorda ou discorda com eles... 1) Concorda; 2) discorda; 3) Concorda/ Discorda em parte.

### *Ordem civil*

“O país estaria muito melhor se os militares estivessem de novo no poder.”

*Violência*

“Apenas com violência haverá uma mudança real no Brasil.”

*Pluralismo*

“O país estaria muito melhor se houvesse apenas um partido político.”

*Direito de voto*

“No Brasil, o voto só deveria ser permitido aos não analfabetos.”

*Protecionismo*

“Quando o governo protege os mais pobres, prejudica aqueles que tiveram sucesso com seus próprios esforços.”

*Assistencialismo*

“A melhor maneira de resolver problemas do pobre é com a ajuda do governo.”

*Governo da maioria/ direitos da minoria*

“Em vários lugares, há pessoas que têm idéias diferentes daquelas da maioria da população. Em sua opinião, estas pessoas ... 1) Deveriam obedecer ao que a maioria quer, deixando suas idéias de lado; 2) Deveriam ter suas próprias idéias, desde que não tentem convencer os outros; 3) Podem ter suas próprias idéias e tentar convencer os outros?”

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOOTH, J.; SELIGSON, M. The political culture of authoritarianism in Mexico: a reexamination. *Latin American Research Review*, v. 19, n. 1, 1984.

CAMPBELL, A. et al. *The american voter*. John Wiley, 1960.

CATTERBERG, E. *Argentina confronts politics*. Boulder: Lynne Rienner, 1991.

COHEN, Y. The benevolent Leviathan. *American Political Science Review*, 1982.

CONVERSE, P. The nature of belief systems among mass publics. In: APTER, D. (ed.). *Ideology and discontent*. New York: Free Press, 1964.

DA MATTA, R. *Carnivals, rogues, and heroes: an interpretation of the brazilian dilemma*. Notre Dame, 1991.

DAVIS, C.; SPEER, J. The psychological bases of regime support among urban workers in Venezuela and Mexico. *Comparative Political Studies*, v. 24, n. 3, 1991.

ECHEGARAY, F. Impavidos ante la democracia. La subjetividad politica en la Argentina. *Nueva Sociedad*, 101, 1989.

ECKSTEIN, H. *Division and cohesion in democracy*. Princeton University Press, 1966.

FLISFISCH, A. Consenso democratico en el chile autoritario. In: LECHNER, N. (ed.). *Cultura politica y democratización*. Santiago: FLACSO, 1988.

GEDDES, B.; ZALLER, J. Sources of popular support for authoritarian regimes. *American Journal of Political Science*, v. 33, n. 2, may 1989.

INGLEHART, R. *Culture shift in advanced industrial societies*. Princeton University Press, 1990.

KAASE, M.; BARNES, S. *Political action*. Beverly Hills: Sage, 1979.

KECH, M. The new unionism in the brazilian transition. In: STEPAN, A. (ed.). *Democratizing Brazil*. Oxford University Press, 1989.

KIRKPATRICK, J. *Leader and vanguard in mass society: a study of Peronist Argentina*. Cambridge: MIT Press, 1971.

KORNHAUSER, W. *The politics of mass society*. Glencoe: Free Press, 1959.

LAMOUNIER, B. Brazil: inequality against democracy. In: DIAMOND, L. et al. (ed.). *Democracy in developing countries. Latin America*. Boulder: Lynne Rienner, 1989.

LAMOUNIER, B.; MARQUES, H. A democracia brasileira no final da década perdida. In: LAMOUNIER, B. (ed.). *Ouvindo o Brasil*. São Paulo: IDESP/IRS, 1992.

LIPSET, S. M. *Political man: the social bases of politics*. Garden City: Anchor Books, 1960.

LIPSITZ, L. Working class authoritarianism: a reevaluation. *American Sociological Review*, v. 30, 1965.

MANN, M. The social cohesion of liberal democracy. *American Sociological Review*, june 1970.

MARTINS, L. A geração AI-5. Um ensaio sobre autoritarismo e alienação. *Ensaio de Opinião*, p. 2-9, 1979.

McDONOUGH, P. *Power and ideology in Brazil*. Princeton University Press, 1981.

\_\_\_\_\_ et al. The growth of democratic legitimacy in Spain. *American Political Science Review*, v. 80, 1986.

McCLOSKEY, H. Consensus and ideology in american politics. *American Political Science Review*, v. 58, 1964.

MOISÉS, J. Dilemas da consolidação democrática no Brasil. *Lua Nova*, v. 16, 1989.

MULLER, E. et al. Education, participation, and support for democratic norms. *Comparative Politics*. october 1987.

MUSZYNSKI, J.; TEIXEIRA MENDES, A. Democratização e opinião pública no Brasil. In: LAMOUNIER, B. (ed.). *De Geisel a Collor: o balanço de transição*. São Paulo: IDESP, 1990.

PROTHRO, J.; GRIGG, C. Fundamental principles of democracy: bases of agreement and disagreement. *Journal of Politics*, v. 22, 1960.

RANIS, P. View from below: working-class consciousness in Argentina. *Latin American Research Review*, v. 26, n. 2, 1991.

ROCHON, T.; MITCHELL, M. Social bases of the transition to democracy in Brazil. *Comparative Politics*, april 1989.

RUESCHEMEYER, D. et al. *Capitalist development and democracy*. University of Chicago Press, 1992.

SCHMITTER, P. *Interest conflict and political change in Brazil*. Stanford University Press, 1971.

SCHNEIDER, R. *Order and progress*. Boulder: Westview, 1991.

SELIGSON, M.;BOOTH, J. Political culture and regime type: evidence from Nicaragua and Costa Rica. *Journal of Politics*, v. 55, n. 3, august 1993.

TIANO, S. Authoritarianism and political culture in Argentina and Chile in the mid-1960s. *Latin American Research Review*, v. 21, n. 1, 1986.

TIMES-MIRROR CENTER. *The pulse of Europe*. 1991. Press release.

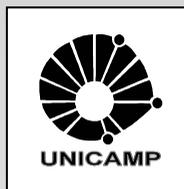
WEFFORT, F. Incertezas da transição na América Latina. *Lua Nova*, v. 17, 1989.

*Tradução do original inglês: Cristina Meneguello.  
Recebido para publicação em julho de 1995.*

# TENDÊNCIAS

Ano 4, nº 1

ENCARTE  
DA  
REVISTA  
DO  
CESOP



*Este encarte **Tendências** destaca o tema da Reforma Agrária através de pesquisas de opinião pública realizadas nas décadas de 1960, 1970, 1980 e no ano de 1995.*

*Apesar dos dados disponíveis representarem opiniões setORIZADAS, de públicos específicos, é notável a regularidade do apoio à reforma agrária verificada em todo o período.*

*Em 1962, os dados de opinião pública mostram que a reforma agrária já despontava como um dos problemas internos mais urgentes no país. Naquele ano houve eleições para governadores e este era um tema obrigatório dos discursos políticos. Um dos resultados da pesquisa então realizada aponta que a abordagem deste tema pelos candidatos aos governos não era um fato gerador de rejeição ao candidato. Uma outra questão apontava que o líder das Ligas Camponesas, Francisco Julião, era uma personalidade muito conhecida que despertava opiniões muito divergentes.*

*Os dados de 1963 fazem parte do acervo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) depositado no AEL (Arquivo Edgar Leuenroth do IFCH/Unicamp). É interessante notar que as opiniões gerais continuavam muito favoráveis à reforma agrária, mas que eram sensivelmente maiores entre os entrevistados com nível de escolaridade maior, um indicador do grau de esclarecimento sobre o tema. Os dados, no entanto, não permitem se esta era uma questão que mobilizava apenas as elites da época, pois a mesma regularidade não era verificada quanto aos níveis sócio-econômicos.*

*Em 1972, no auge do regime militar, os dados de opinião pública dos brasileiros em geral e do segmento de sindicalizados mostram que pouca coisa havia mudado após 10 anos. A tendência geral, sobretudo entre os sindicalizados, era extremamente favorável à necessidade e à urgência da reforma agrária.*

*As pesquisas da década de 1980, realizadas logo após o início da democratização em 1985, abordam a questão da utilização de terras improdutivas para fins de reforma agrária. Tanto as opiniões coletadas pelo IDESP (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo) no município de São Paulo, em 1986, quanto os dados do IBOPE, de 1987, para todo o país mostram que quanto à problemática sobre as extensões de terra improdutivas o apoio à função social da terra prevalece sobre o direito de propriedade. Em 1988, a pesquisa Datafolha mostra que havia uma grande aceitação do texto elaborado pelo Congresso Constituinte prevendo a reforma agrária apenas em propriedades improdutivas.*

*A pesquisa mais recente é um estudo realizado pela ABRA (Associação Brasileira para a Reforma Agrária) e apresenta opiniões colhidas no município de Campinas - SP, em 1995. Apesar da pequena amostra pesquisada, as opiniões coletadas indicam a presença de uma significativa tendência à priorização no meio urbano à realização da reforma agrária. Um aspecto interessante que destacamos nessa pesquisa é o conjunto de opiniões que indica a reforma agrária como uma questão de importância nacional e não apenas um problema setORIZADO do campo.*

*Na segunda parte do encarte são apresentadas opiniões sobre os governos em vários níveis. Para o governo federal está mostrada a evolução da avaliação do presidente Fernando Henrique Cardoso desde antes da sua posse em 1º de janeiro de 1995, até o fim do primeiro ano de governo, e uma comparação com seus antecessores, também ao final do primeiro ano de mandato.*

*Ao nível geral, as avaliações sobre Fernando Henrique se apresentam favoráveis para a maioria relativa. Apesar da decepção inicial com o novo governo, indicada pela queda da expectativa de 70% dos entrevistados aferida antes da posse, para um faixa de apoio entre 36% e 42% em comparação com seus antecessores, o primeiro ano de mandato de Fernando Henrique termina com uma avaliação bem mais favorável que os obtidos por Fernando Collor e Itamar Franco.*

*A avaliação do Plano Real completa o quadro de opiniões sobre o governo federal. O Plano tem conseguido uma estabilidade da maioria absoluta de opiniões mais favoráveis quanto aos benefícios que ele traz para o país. É interessante notar que essas opiniões mais favoráveis voltam-se para uma dimensão nacional, enquanto que as opiniões específicas, sobre as expectativas inflacionárias, o poder de compra e sobretudo o desemprego não têm a mesma tendência predominantemente positiva.*

*As demais avaliações contemplam onze estados da federação e o Distrito Federal, além das evoluções específicas no primeiro ano dos governos dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.*

*São apresentadas, ainda, as avaliações de prefeitos de onze capitais, nas quais destacamos a prefeitura de São Paulo com o acompanhamento das avaliações dos três anos de mandato do prefeito Paulo Maluf.*

1962

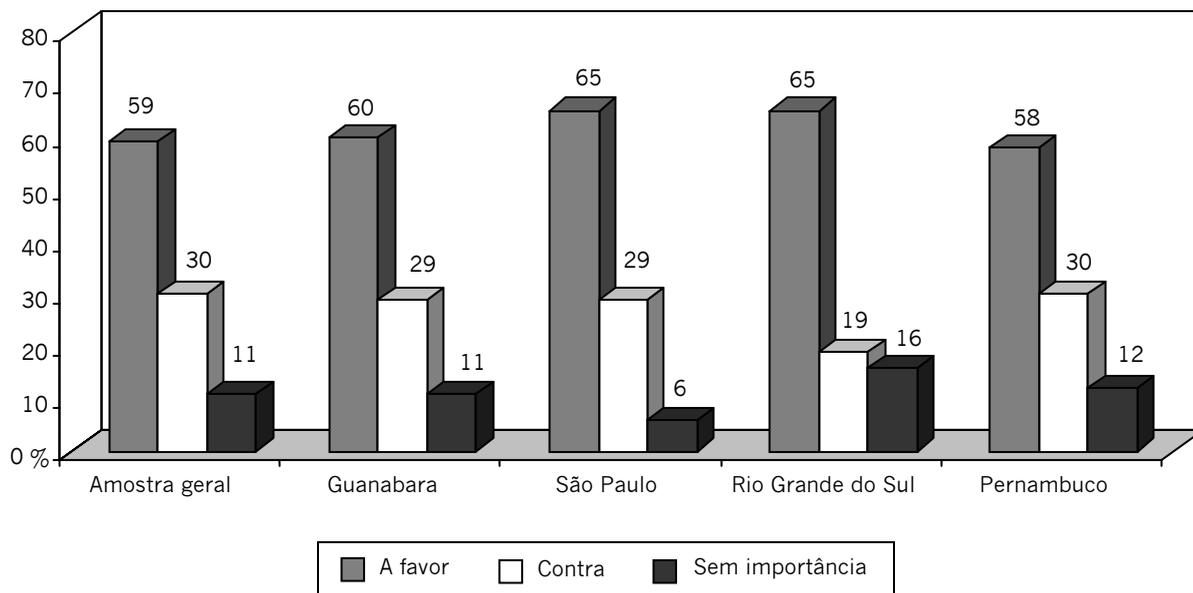
**26%**  
dos entrevistados  
consideravam a reforma agrária como o 1º ou o 2º problema interno mais importante do Brasil

Fonte: IPOM, 1962

Pergunta: “Aqui está uma lista de problemas internos que o Brasil enfrenta no momento. Destes, na sua opinião, qual é o mais importante? E qual o segundo mais importante?”

OBS: Os problemas internos que obtiveram mais indicações que a reforma agrária foram o “controle de preços”, com 45%, e a “educação”, com 39%.

*Em 1962, houve eleições para os governadores estaduais. A maioria dos entrevistados era “a favor” de um candidato que defendesse a reforma agrária*

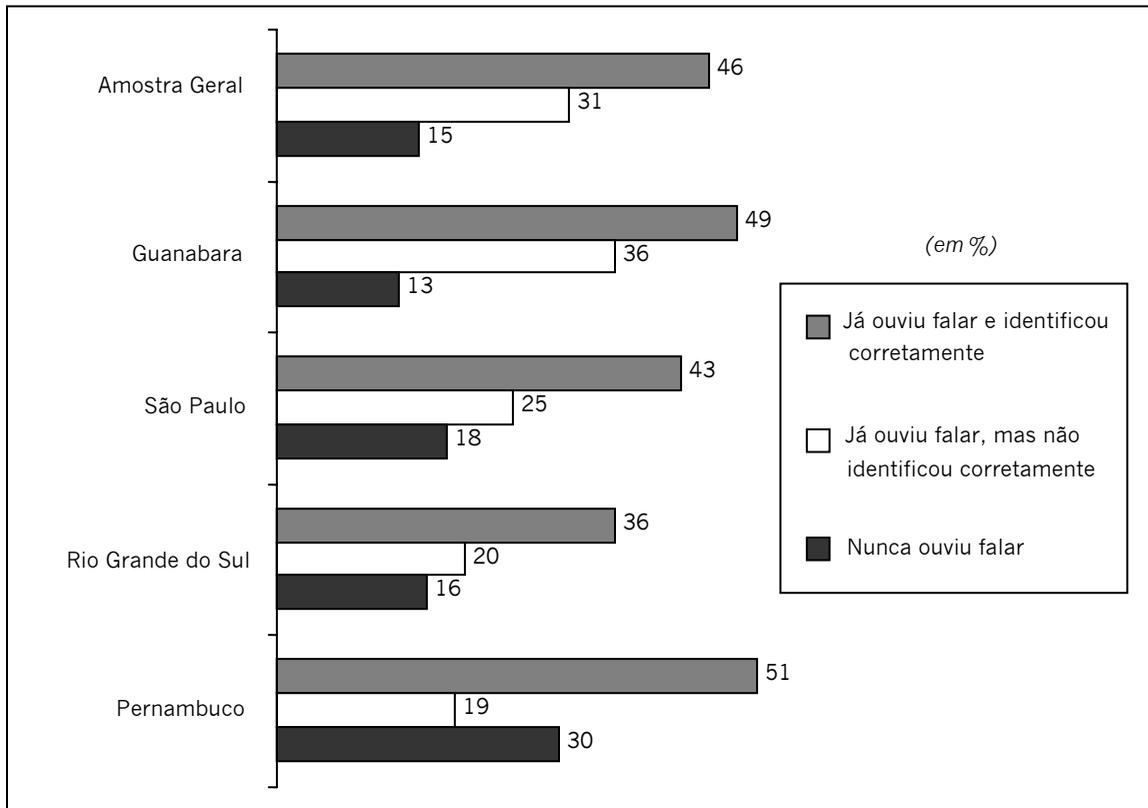


Fonte: IPOM, 1962

Pergunta: “Você seria a favor ou contra um candidato que: apóia a desapropriação de terras particulares para redistribuição para os agricultores sem terra?”

\* Amostra geral inclui os Estados: Pernambuco, Paraíba, Bahia, Guanabara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

### O conhecimento sobre Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas



Fonte: IPOM, 1962

Pergunta: "O Sr. Conhece ou já ouviu falar alguma coisa sobre Francisco Julião?"

### Opiniões sobre as contribuições ou realizações mais importantes de Francisco Julião

|   | Amostra geral |
|---|---------------|
| <b>Promove a união dos trabalhadores rurais do Nordeste; desenvolve um senso de união entre trabalhadores através das associações de camponeses</b> | <b>14%</b>    |
| <b>Promoção de reforma agrária no Nordeste; distribuição de terras entre camponeses</b>   | <b>13%</b>    |
| <b>Outras respostas favoráveis</b>  | <b>9%</b>     |
| <b>Nenhuma contribuição (inclusive opiniões contrárias à Julião)</b>  | <b>35%</b>    |
| <b>Não sabe</b>   | <b>29%</b>    |

Fonte: IPOM, 1962 – Amostra Geral

Pergunta: "(Entre os que conhecem Francisco Julião) Na sua opinião, qual tem sido a mais importante realização ou contribuição de Francisco Julião?"

As principais críticas a Francisco Julião

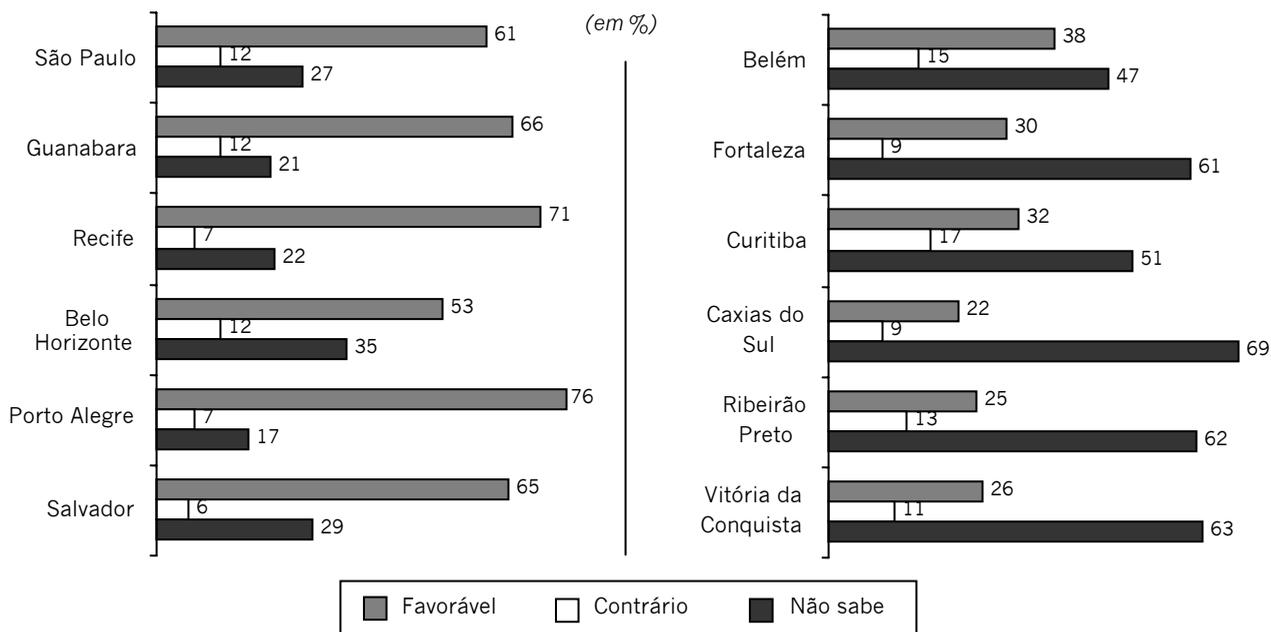
|   | Amostra geral |
|---|---------------|
| Sua tendência comunista; infiltração comunista perigosa no Brasil   | 23%           |
| Ele promove agitação entre os trabalhadores rurais; desperta descontentamento entre os pobres               | 11%           |
| Ele instiga os camponeses a usarem a força para resolver seus problemas; perigos de uma revolução camponesa | 7%            |
| Desapropriação de terras  | 5%            |
| Outras respostas negativas (ideológicas)  | 11%           |
| Outras respostas negativas pessoais (analfabetismo, demagogia)  | 8%            |
| Nenhuma crítica   | 16%           |
| Não sabe  | 19%           |

Fonte: IPOM, 1962 – Amostra Geral

Pergunta: “(Entre os que conhecem Francisco Julião) Na sua opinião, qual o aspecto mais importante pelo qual ele poderia ser criticado?”

1963

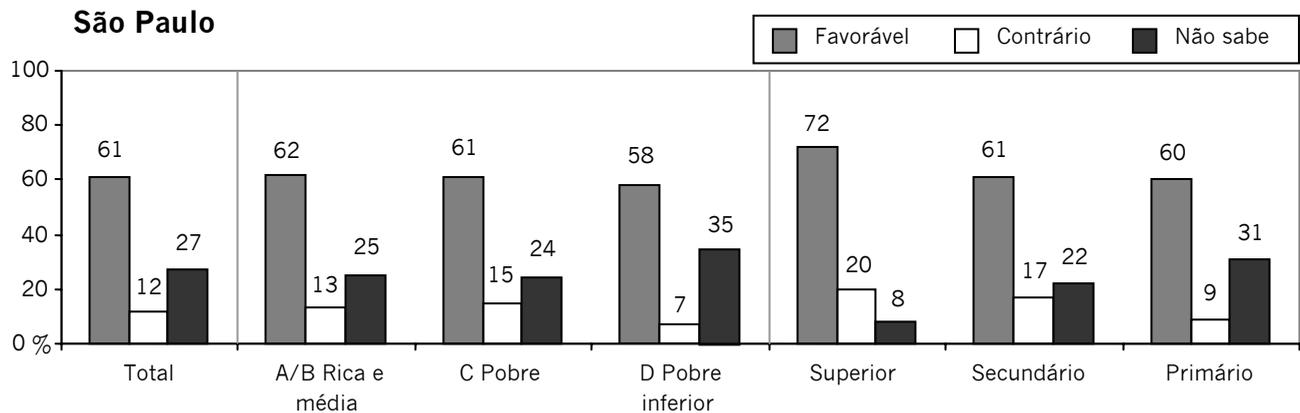
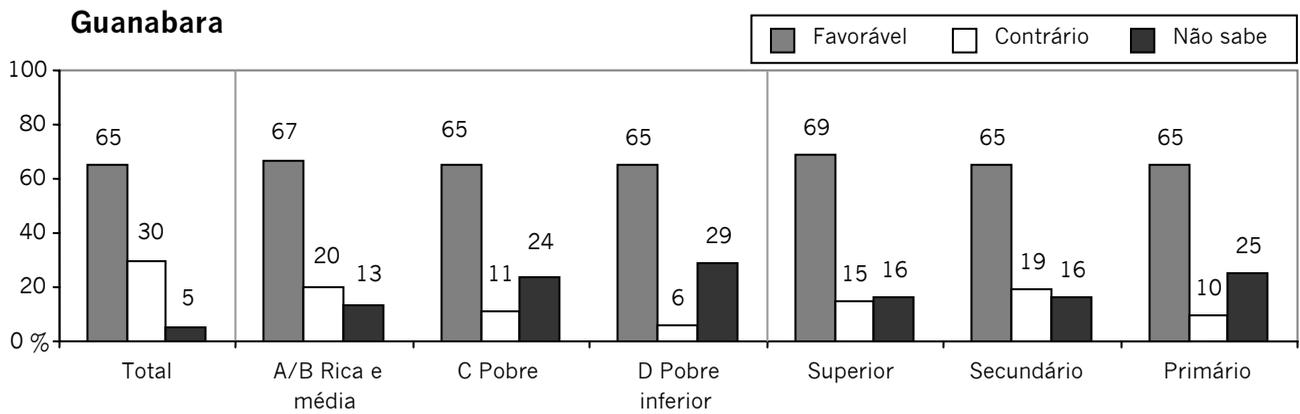
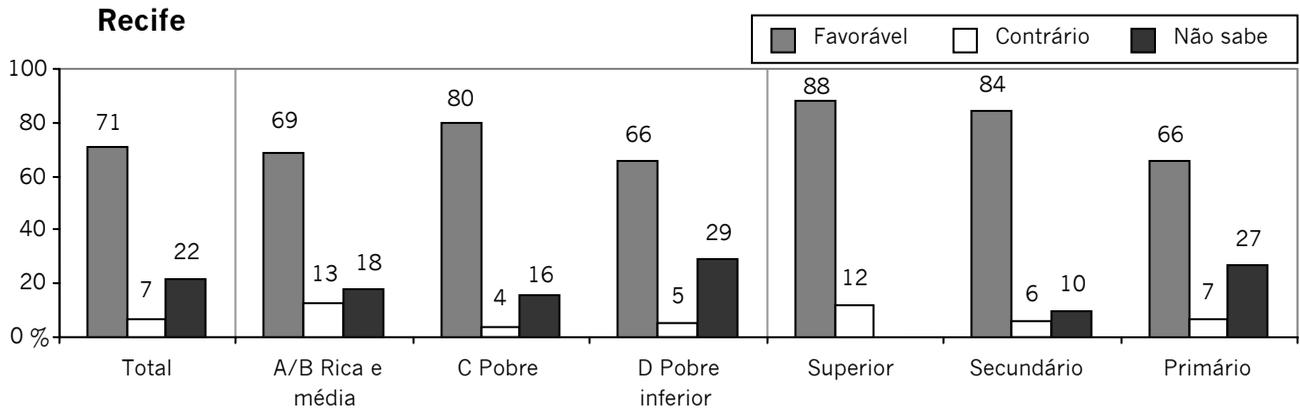
Em 1963, a maioria dos entrevistados em algumas capitais e cidades do interior era “favorável” à reforma agrária



Fonte: IBOPE/AEL, 1963

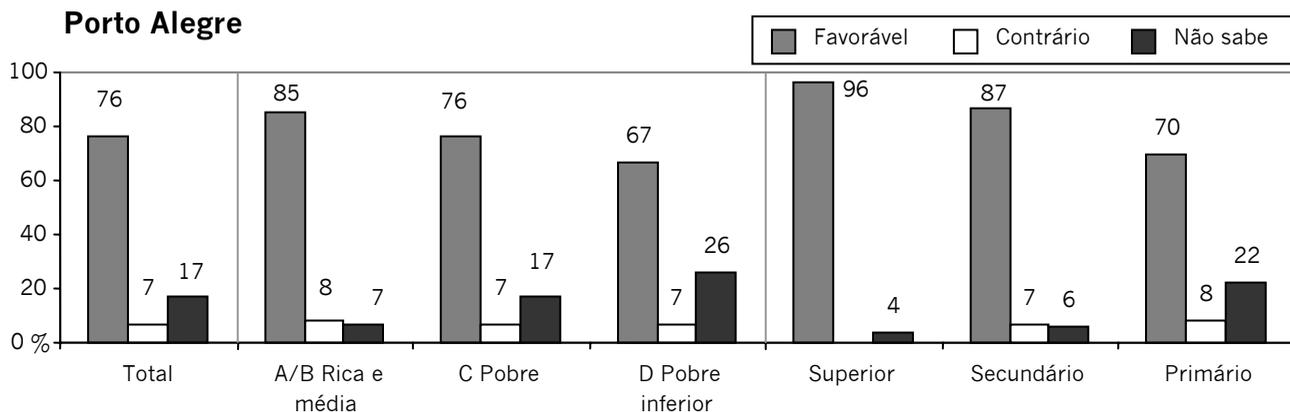
Pergunta: “Em princípio o Sr.(a) é favorável ou contrário a uma reforma agrária?”

**Opiniões por classes sócio-econômicas e grau de instrução em alguns dos municípios sobre a realização da reforma agrária**



Fonte: IBOPE/AEL, 1963

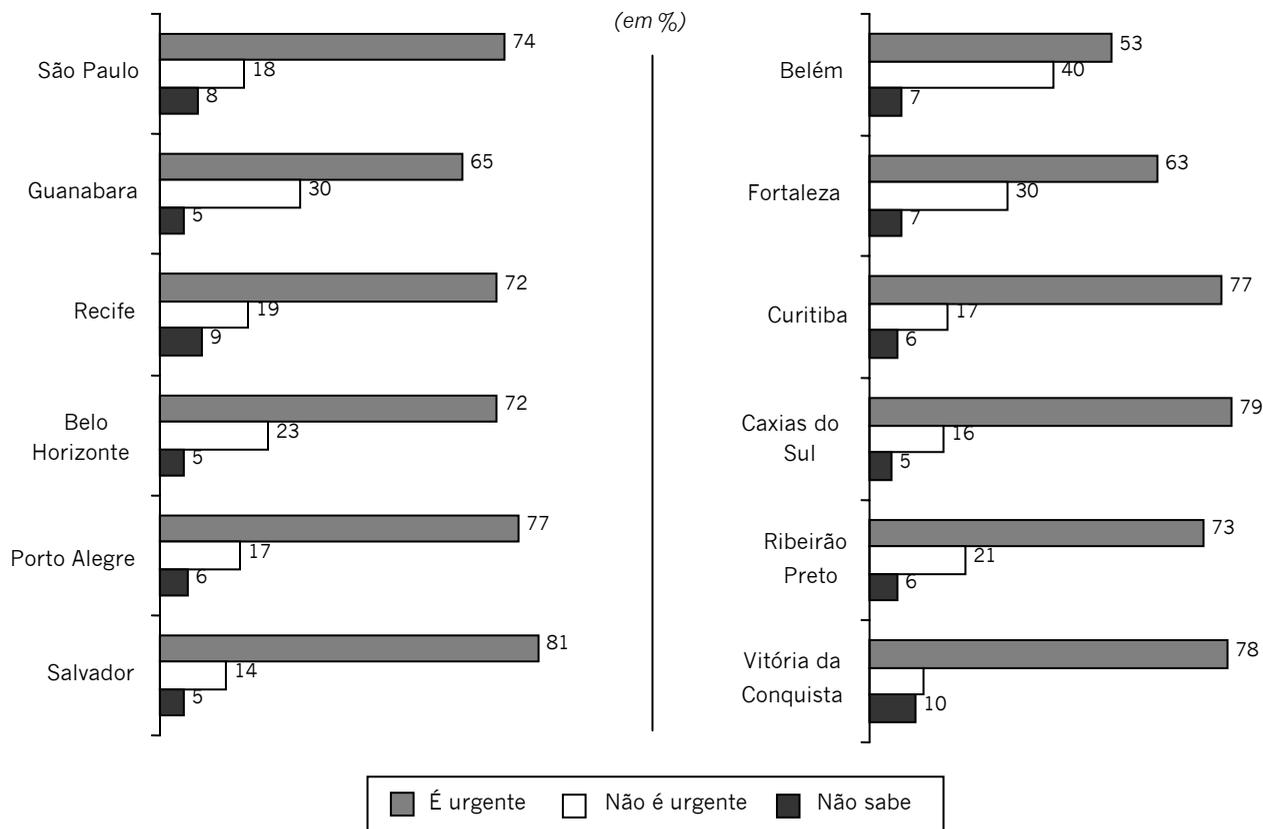
Pergunta: Em princípio o Sr.(a) é favorável ou contra a uma reforma agrária?



Fonte: IBOPE/AEL, 1963

Pergunta: Em princípio o Sr.(a) é favorável ou contra a uma reforma agrária?

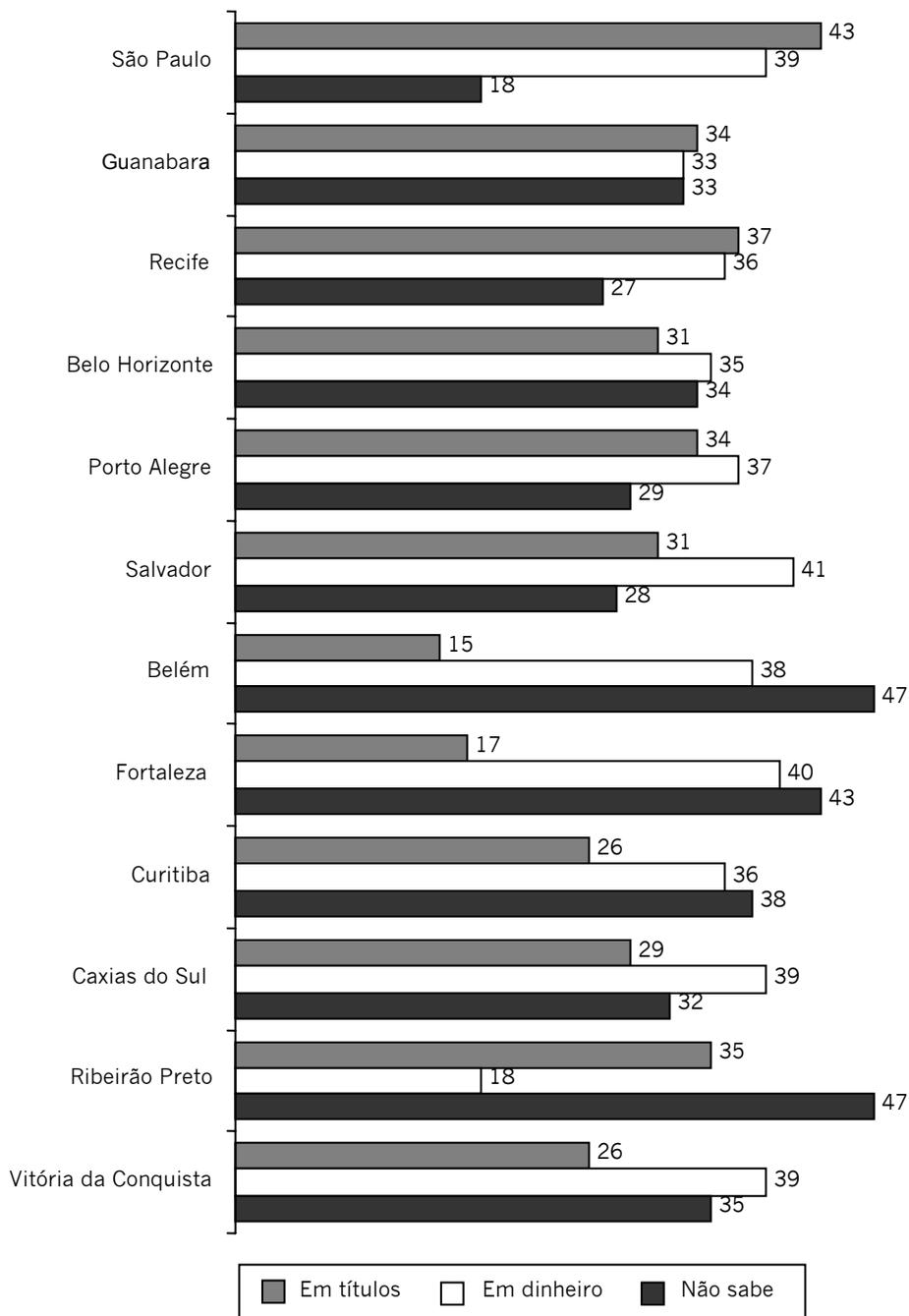
### A maioria absoluta dos entrevistados considerava que a reforma agrária deveria ser feita "urgentemente"



Fonte: IBOPE/AEL, 1963

Pergunta: "(Caso favorável) Considera que essa reforma agrária deve ser feita urgentemente, ou acredita que ela não é urgente e pode ser adiada?"

**Não havia concordância sobre a melhor forma do governo adquirir terras para a reforma agrária: se “em títulos” ou “em dinheiro”**

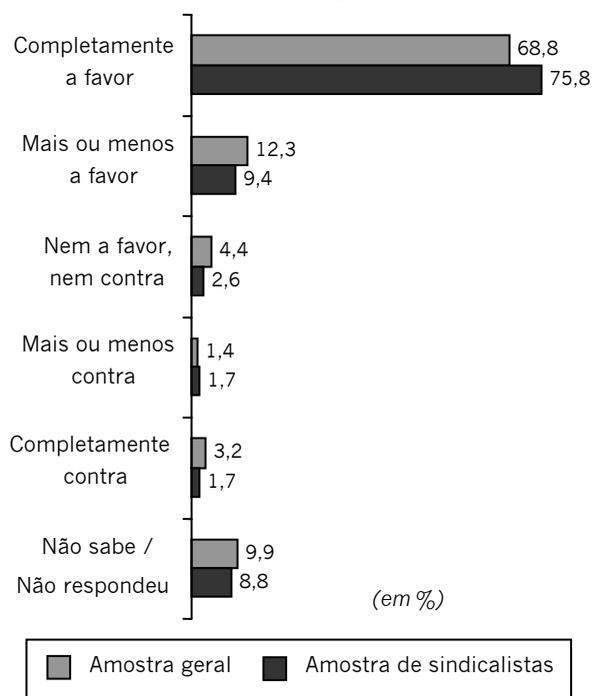


Fonte: IBOPE/AEL, 1963

Pergunta: “Acrescentar que para fazê-la bem feita [a reforma agrária] deve ser emendada a Constituição para que a compra de terras pelo Governo Federal se faça em títulos ou considera que a compra dessas terras deva ser em dinheiro e à vista como na manda a atual Constituição?”

1972

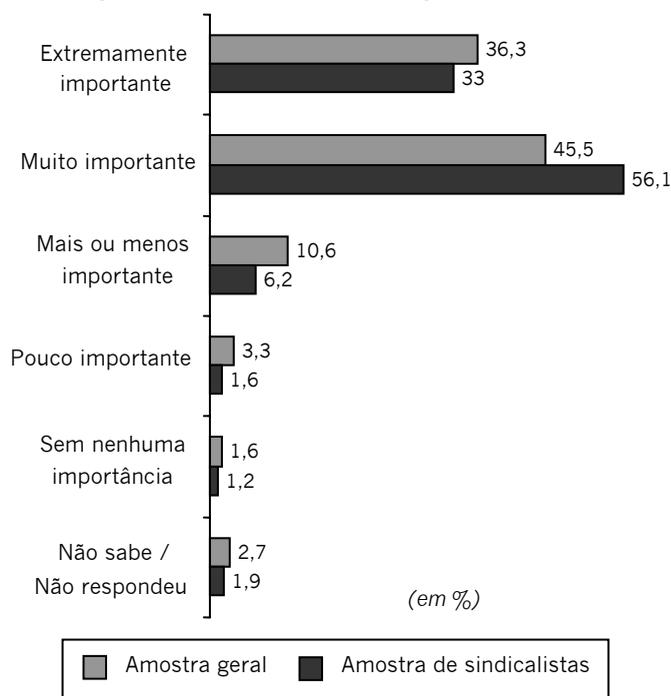
**Em 1972, a maioria dos entrevistados em uma amostra representativa do país e em outra de sindicalista era “a favor” de reforma agrária**



Fonte: ISR/IUPERJ, 1972

Pergunta: “O Sr. está contra ou a favor da reforma agrária? (Dar terra aos trabalhadores na lavoura)”

**A maioria absoluta dos entrevistados nas duas amostras considerava a reforma agrária uma questão “extremamente importante” ou “muito importante”**

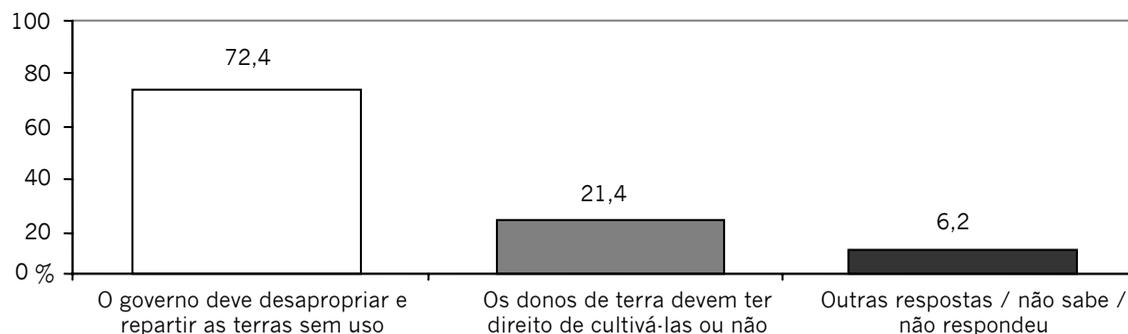


Fonte: ISR/UPERJ, 1972

Pergunta: “O Sr. acha que esta questão é (apenas para quem respondeu a questão anterior):”

1986

**No município de São Paulo, em 1986, a maioria dos entrevistados concordava que as terras sem uso deveriam ser utilizadas para reforma agrária**

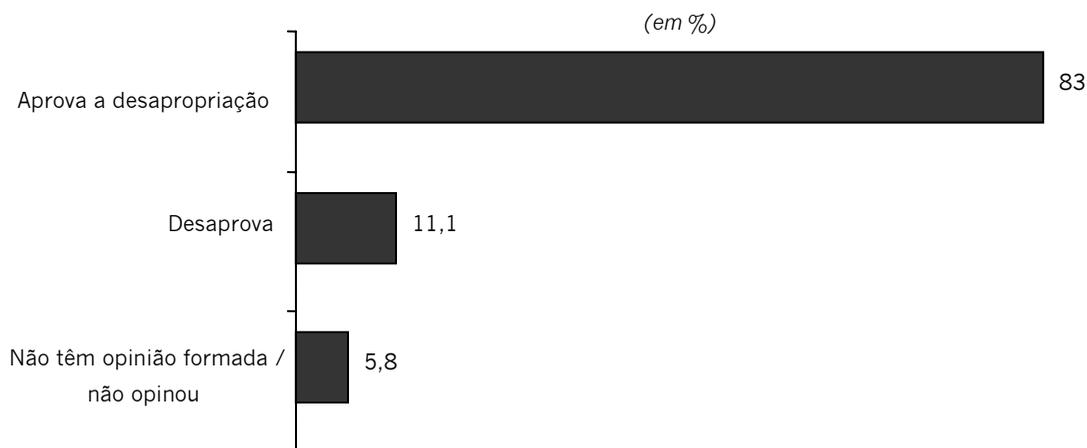


Fonte: IDESP, 1986

Pergunta: “Fala-se muito em reforma agrária. Na sua opinião, o Governo deveria desapropriar e repartir as terras sem uso ou os donos de terra devem ter direito de cultivar ou não suas propriedades?”

1987

**Na pesquisa nacional do IBOPE, em 1987, a maioria absoluta dos entrevistados era a favor da desapropriação de terras que não cumprissem a sua função social**



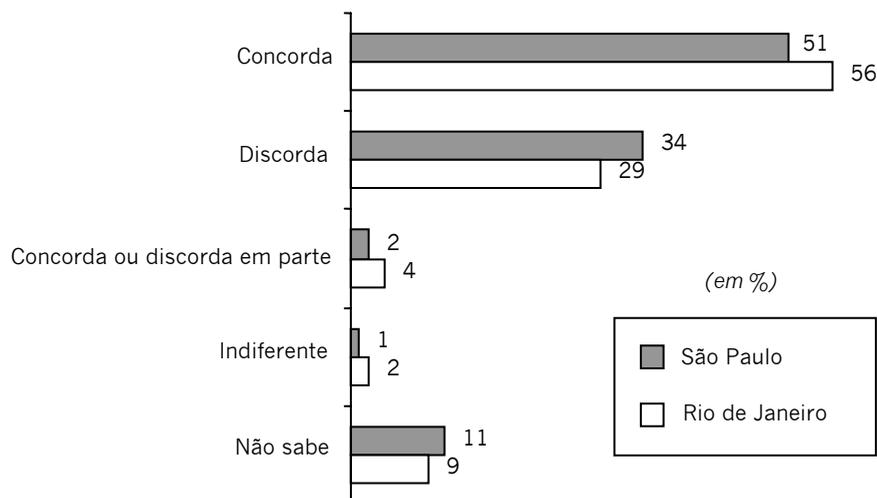
Fonte: IBOPE, 1987

**Pergunta:** "Como o Sr. sabe, a Comissão de Sistematização da Assembléia Constituinte acabou de votar nestes dias, algumas alterações no projeto da nova Constituição. Eu gostaria que o(a) Sr.(a) dissesse se aprova ou desaprova algumas das decisões que foram tomadas até agora: desapropriar grandes propriedades rurais que não estejam cumprindo sua função social?"

1988

**Em 1988, uma pesquisa realizada nos municípios de São Paulo e do Rio de Janeiro, na época da Assembléia Constituinte, mostra que a maioria dos entrevistados concordava com o texto aprovado com relação à reforma agrária**

*A reforma agrária apenas em propriedades improdutivas*

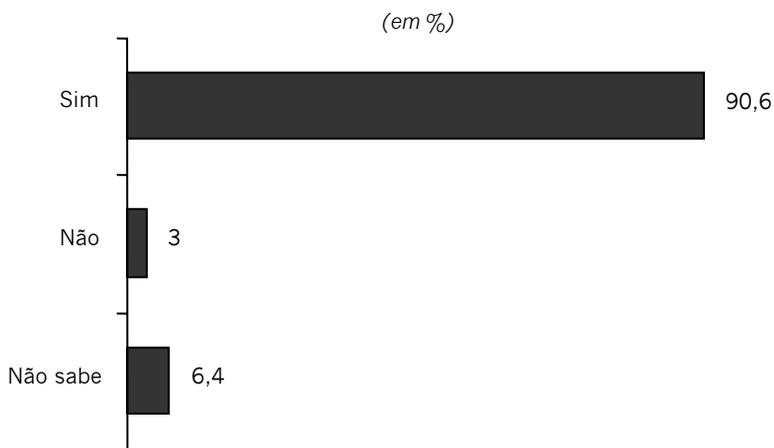


Fonte: Datafolha, 1988

**Pergunta:** "Vou ler algumas leis aprovadas pela nova Constituinte, e gostaria que você me dissesse de cada uma, se concorda ou discorda:"

1995

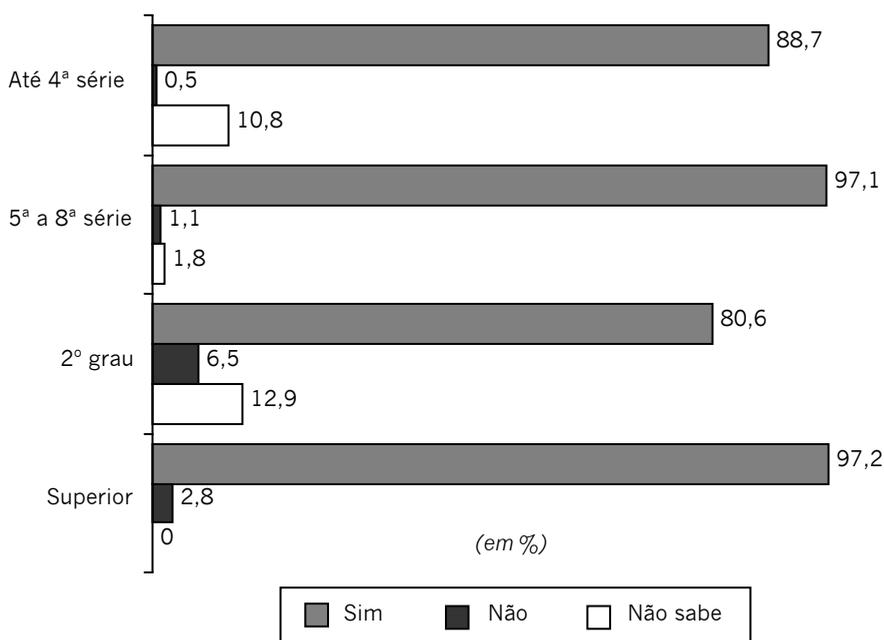
**No município de Campinas – SP, em novembro de 1995, quase todos os entrevistados concordam que “o governo brasileiro precisa fazer uma reforma agrária”**



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: “O governo brasileiro precisa fazer uma reforma agrária?”

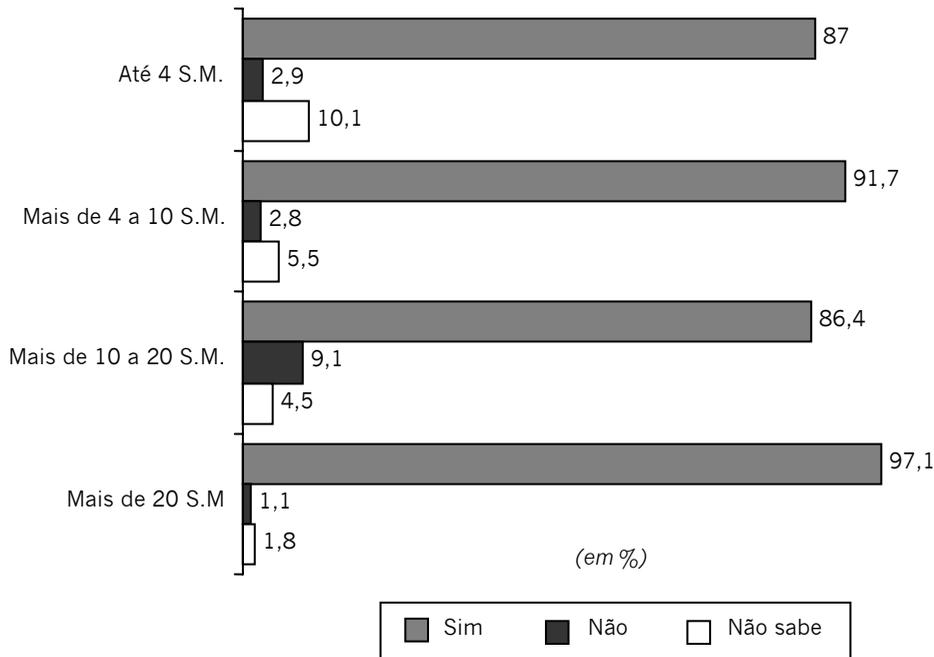
*Opiniões por grau de escolaridade*



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: “O governo brasileiro precisa fazer uma reforma agrária?”

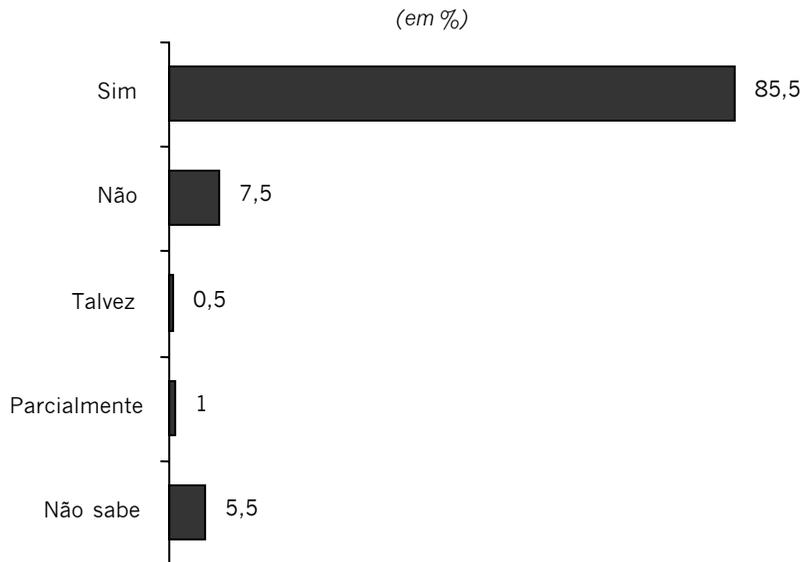
*Opiniões por faixas de renda familiar (em salários mínimos)*



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: "O governo brasileiro precisa fazer uma reforma agrária?"

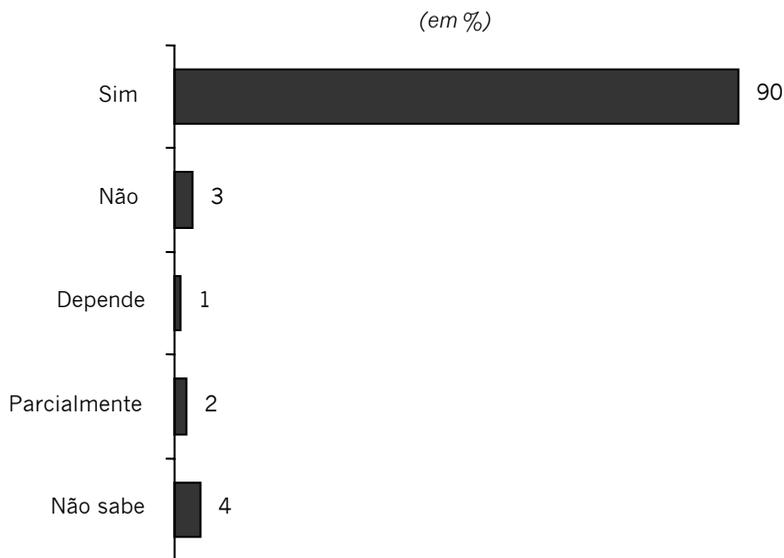
***A maioria dos entrevistados em Campinas acha que "a reforma agrária pode melhorar a vida nas cidades"***



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: "A reforma agrária pode melhorar a vida nas cidades?"

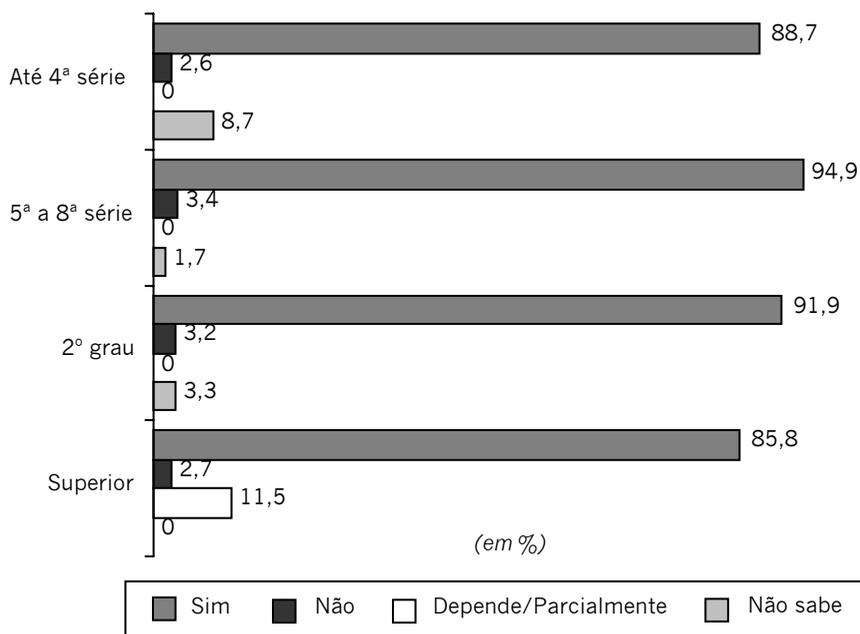
**Os entrevistados de Campinas concordam com a “utilização de propriedades improdutivas para a reforma agrária”**



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: “Concorda com a utilização de propriedades improdutivas para a reforma agrária?”

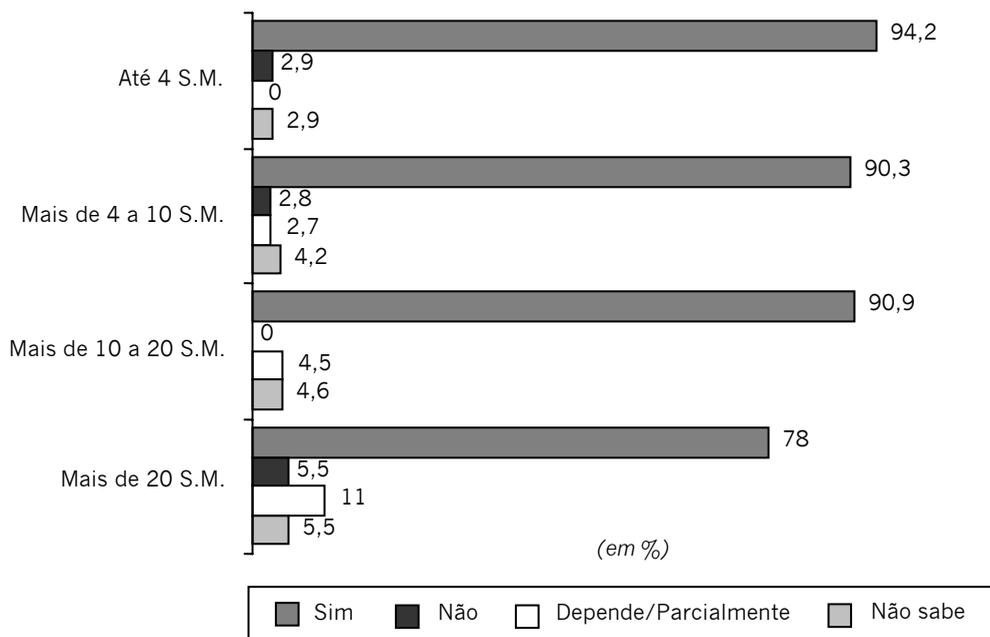
**Opiniões por grau de escolaridade**



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: “Concorda com a utilização de propriedades improdutivas para a reforma agrária?”

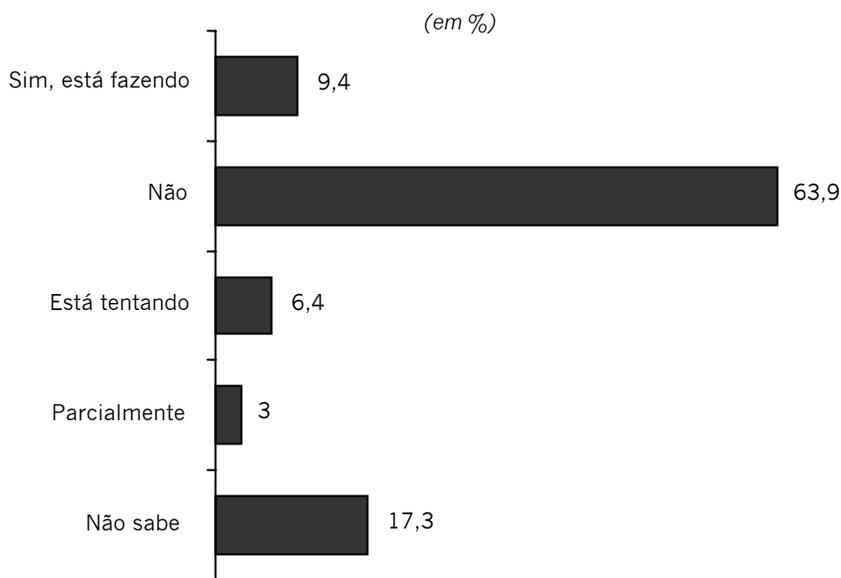
*Opiniões por faixas de renda familiar (em salários mínimos)*



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: "Concorda com a utilização de propriedades improdutivas para a reforma agrária?"

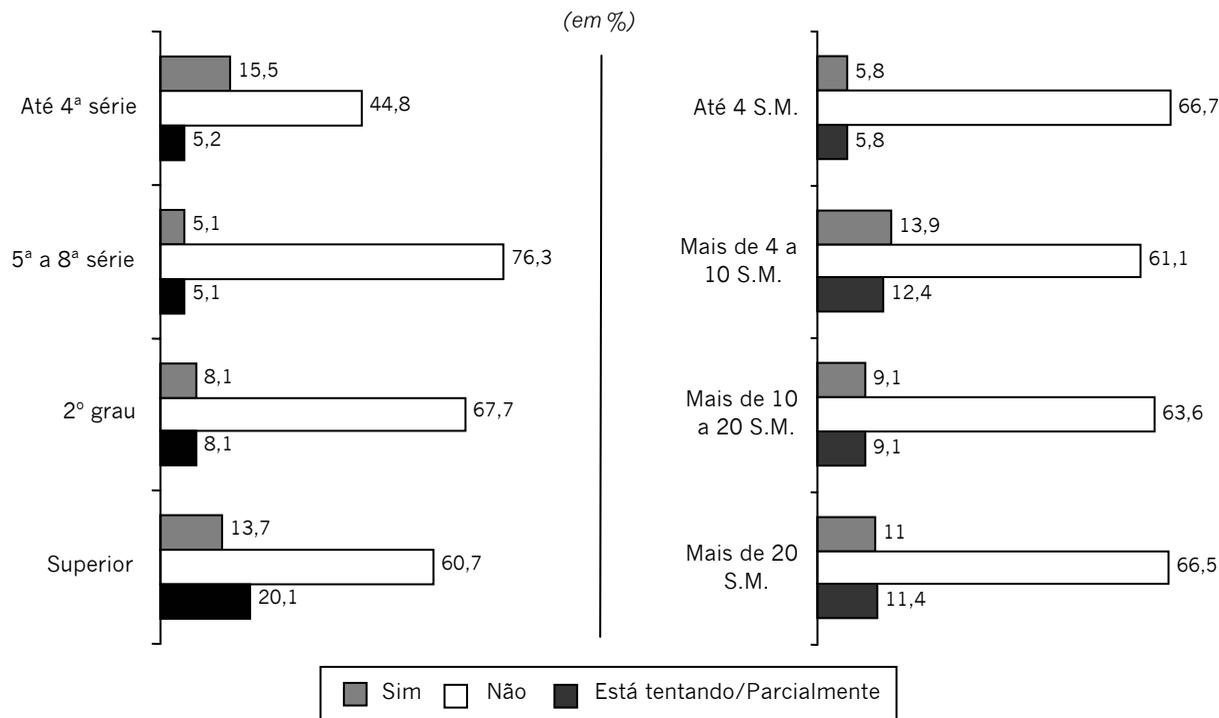
***A maioria dos entrevistados de Campinas em 1995 acha que o governo não está fazendo reforma agrária***



Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: "FHC está fazendo reforma agrária?"

*Opiniões por grau de escolaridade e faixas de renda familiar (em salários mínimos), sobre se o presidente está fazendo reforma agrária*

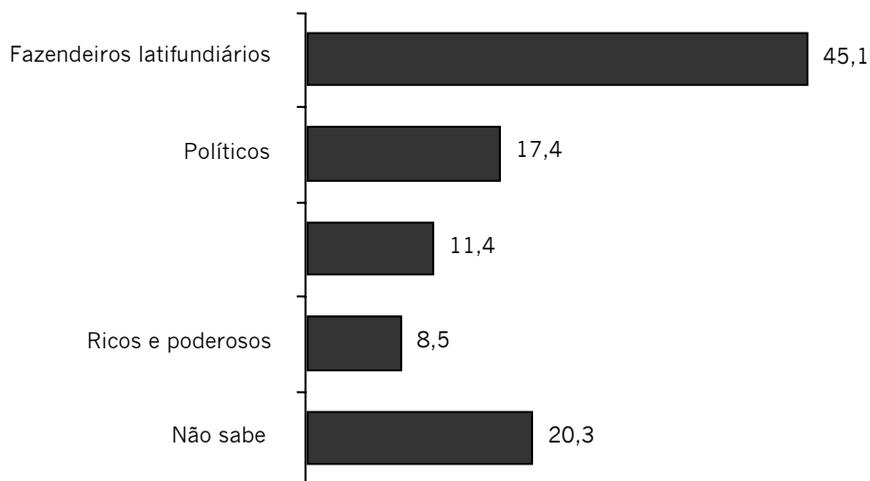


Fonte: ABRA, 1995

Pergunta: "FHC está fazendo reforma agrária?"

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe".

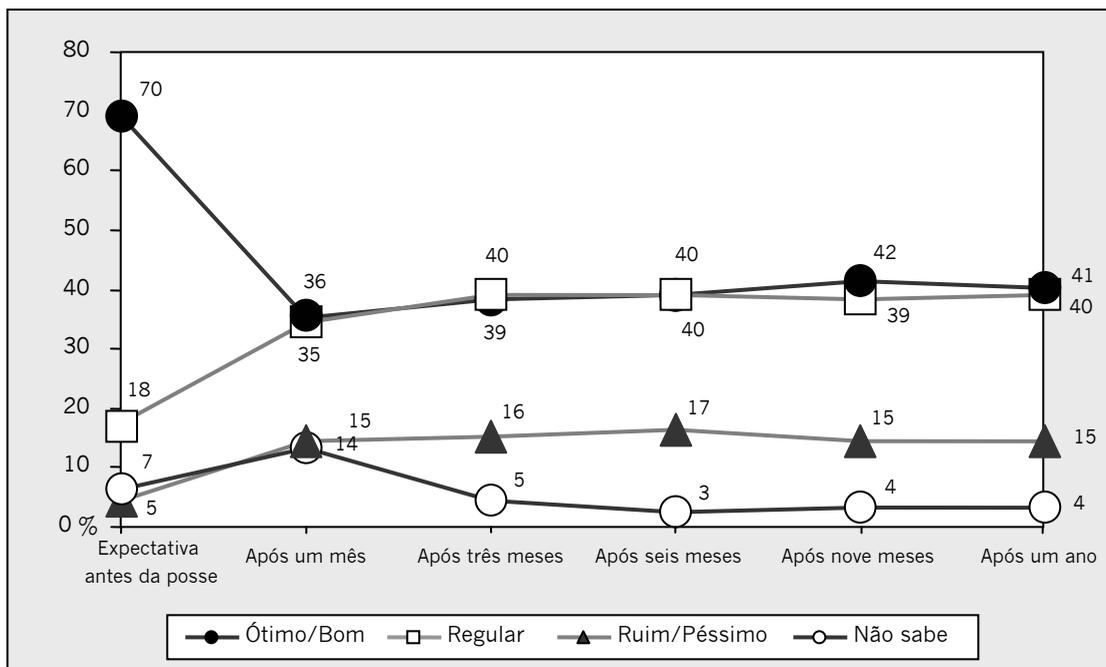
*Os "fazendeiros e latifundiários" foram apontados como os setores mais contrários à reforma agrária pelos entrevistados de Campinas*



Fonte: ABRA

Pergunta: "Quem é contra a reforma agrária?"

### Evolução da avaliação do Governo Fernando Henrique Cardoso

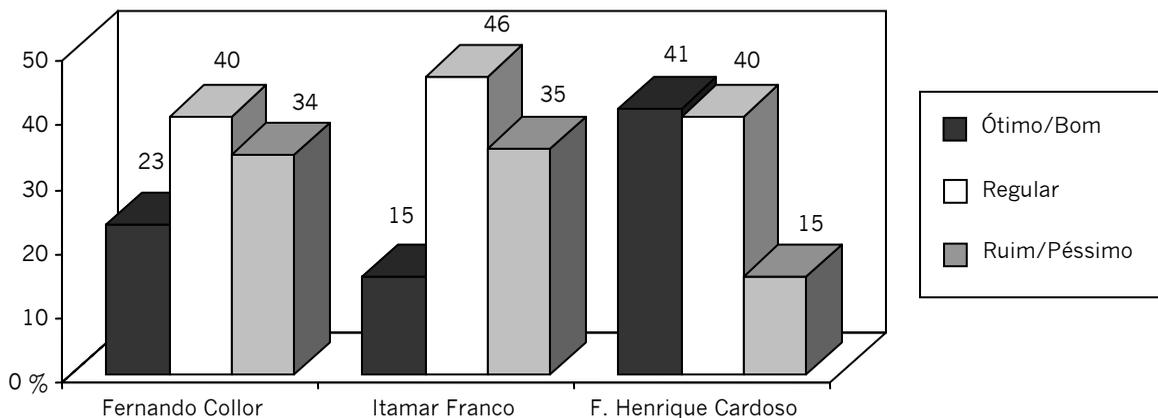


Fonte: Datafolha

Pergunta: “Na sua opinião, Fernando Henrique está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?”

Datas: Antes da posse: 12-14/12/94; um mês: 26-27/01/95; três meses: 21-23/03/95; seis meses: 20-22/06/95; nove meses: 18/09/95; um ano 12-15/12/95

### Avaliação dos governos federais após um ano de mandato 1990 – 1996

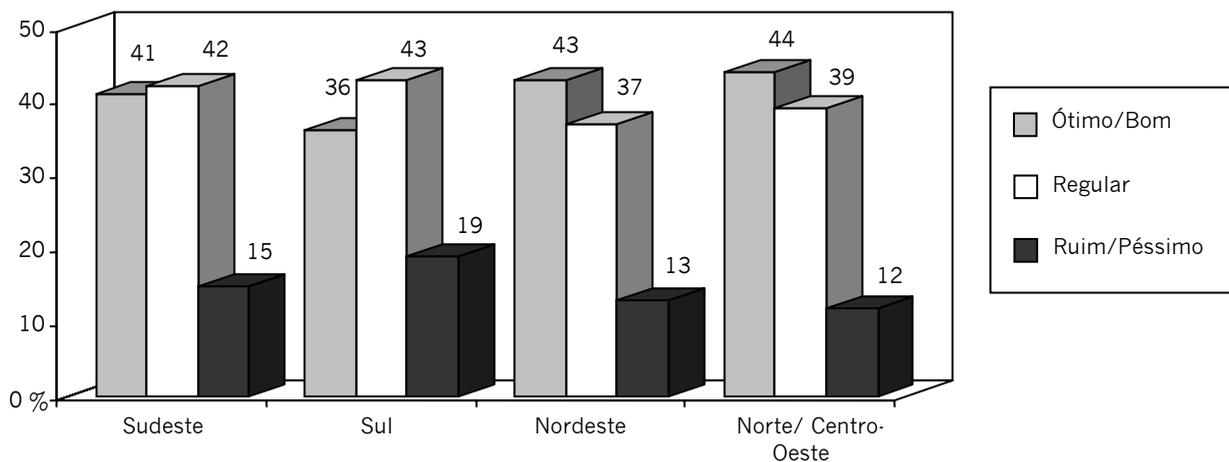


Fonte: Datafolha

Pergunta: “Na sua opinião, [o presidente] está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?”

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta “não sabe”

### Avaliação do Governo Fernando Henrique nas regiões

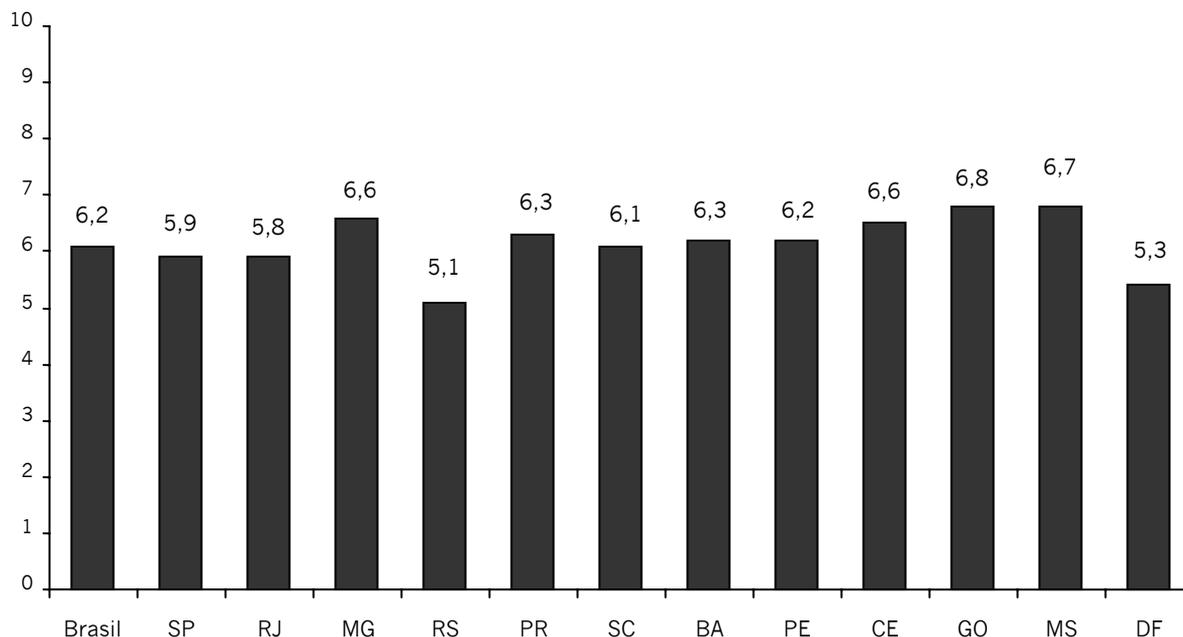


Fonte: Datafolha, 12-15/12/95

Pergunta: "No próximo dia 1º de janeiro, o presidente Fernando Henrique Cardoso completa um ano de governo. Na sua opinião, Fernando Henrique está fazendo um governo: ótimo, bom, regular ruim ou péssimo?"

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe"

### Nota média do Governo Fernando Henrique Cardoso no Brasil e nos estados

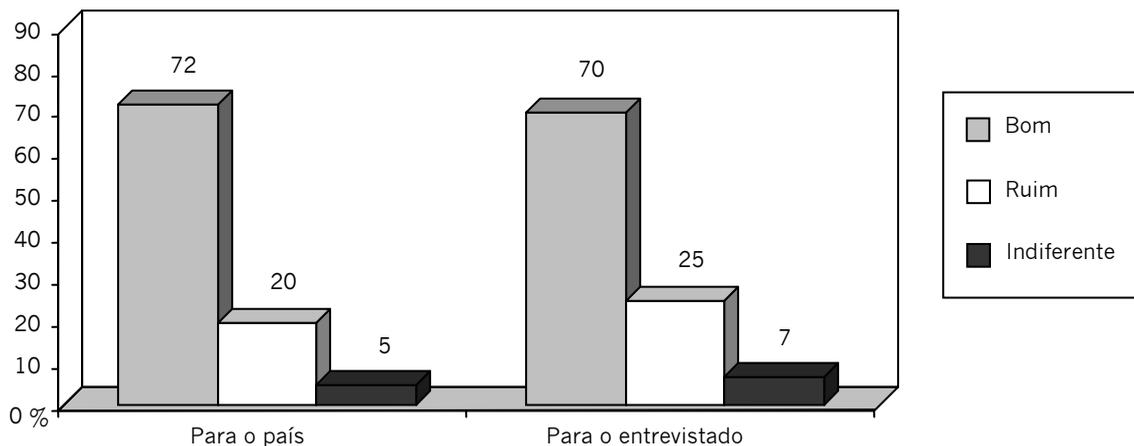


Fonte: Datafolha

Pergunta: "De zero a dez, que nota você dá para o primeiro ano do governo Fernando Henrique Cardoso?"

Data: 12-15/12/95

**Avaliação do Plano Real após um ano e seis meses**



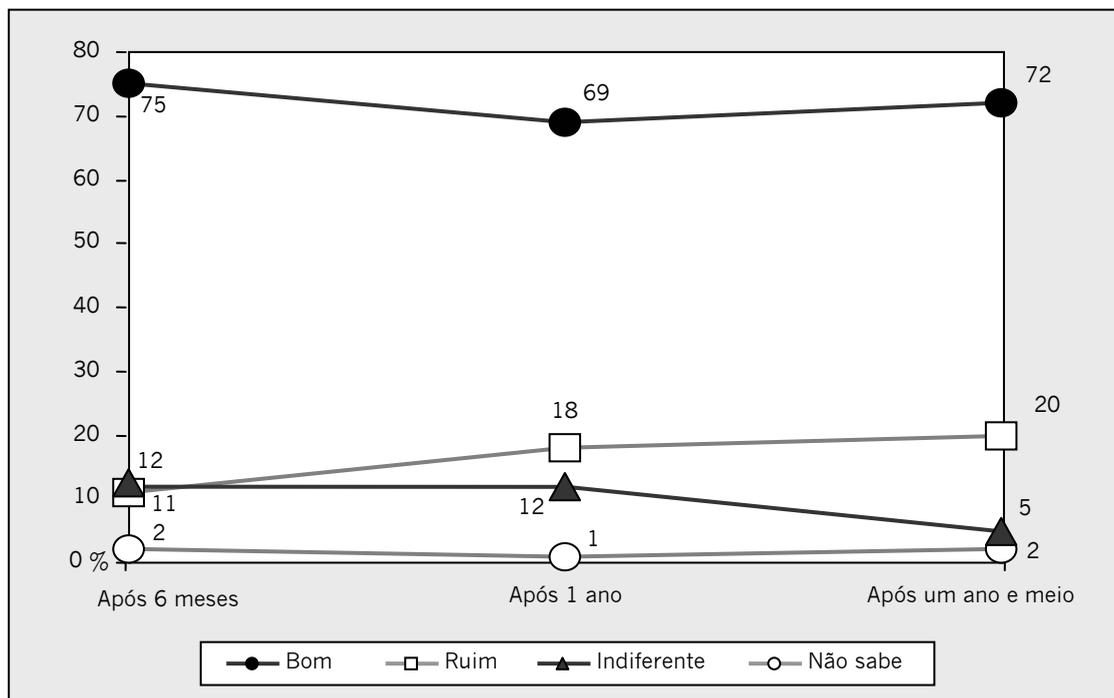
Fonte: Datafolha

Pergunta: "A implantação do Real, que substituiu o Cruzeiro completará, no próximo mês um ano e seis meses. De um modo geral, você acha que o Plano Real está sendo bom ou ruim para o país? E para você?"

Data: 12-15/12/95

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe"

**Evolução da avaliação do Plano Real**



Fonte: Datafolha

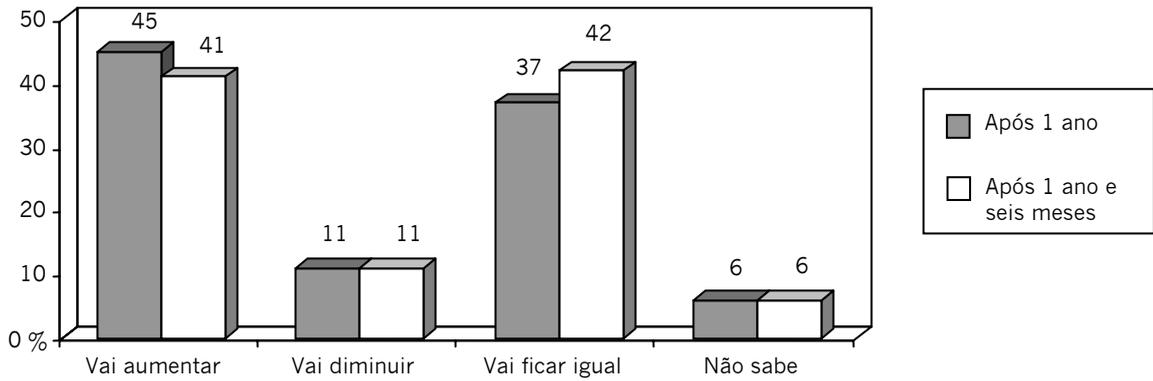
Pergunta: "A implantação do Real, que substituiu o Cruzeiro completou... De um modo geral, você acha que o Plano Real está sendo bom ou ruim para o país?"

Data: -6 meses: 26-27/01/95; 1 ano e meio: 12-15/12/95

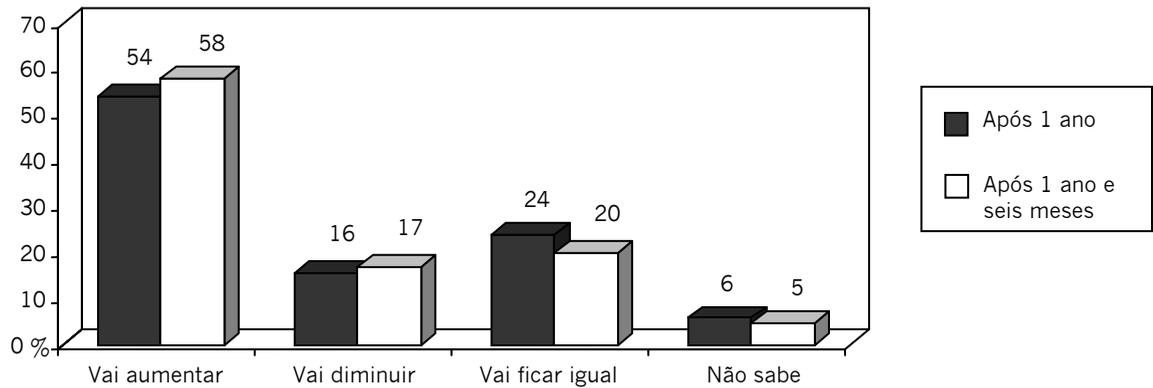
Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe"

Expectativas com relação à inflação, ao desemprego e ao poder de compra

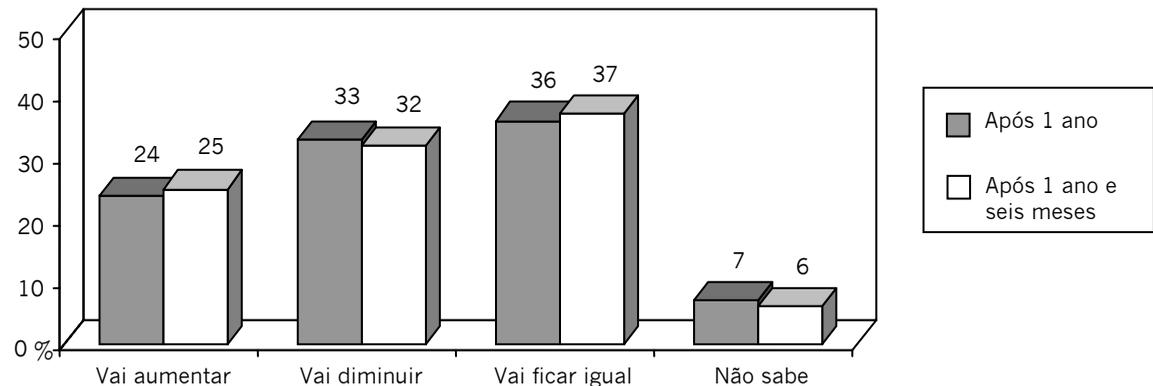
Inflação



Desemprego



Poder de compra

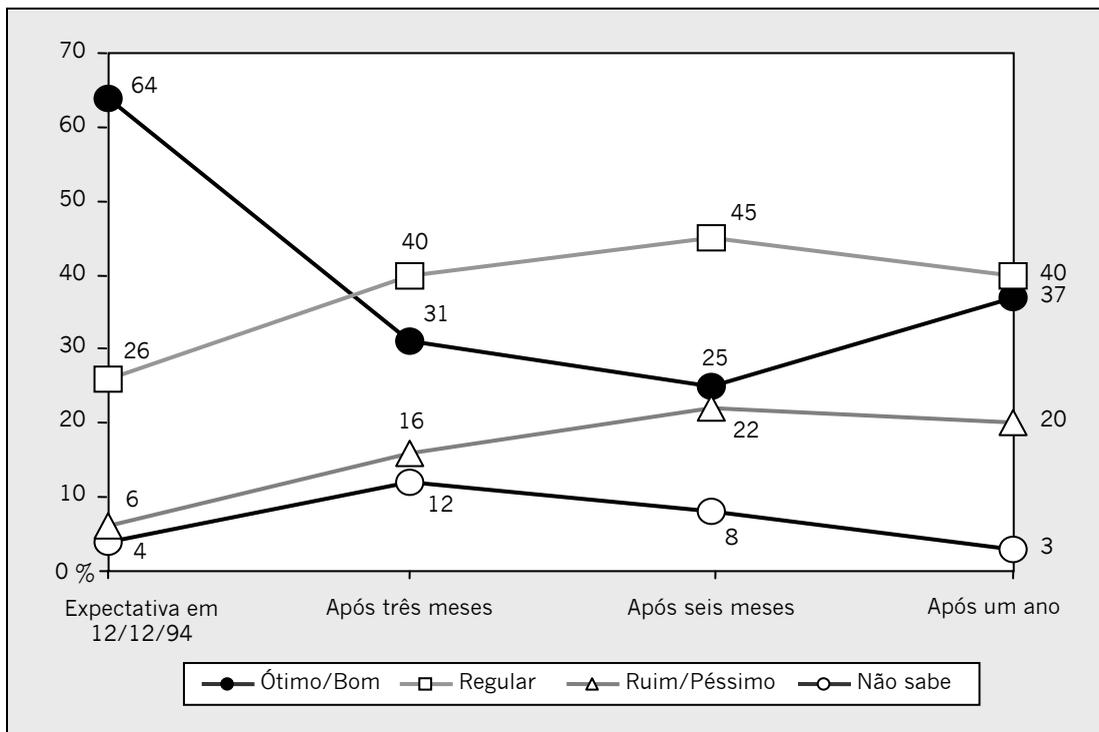


Fonte: Datafolha

Pergunta: "Na sua opinião, no ano que vem, a inflação vai aumentar, diminuir ou ficar como está? E o" desemprego? E o poder de compra?"

Data: 29/06/95 e 12-15/12/95

**Governo do Estado de São Paulo**  
**Evolução da avaliação do governo Mário Covas (PSDB)**

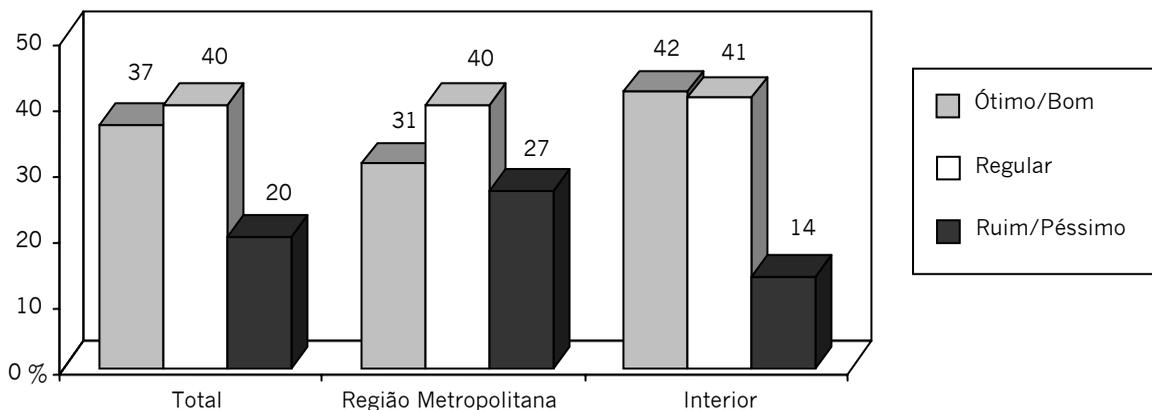


Fonte: Datafolha

Pergunta: "Na sua opinião, o governo Mário Covas está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

Dados: expectativa: 12/12/94; três meses: 22-23/03/95; seis meses: 20-21/06/95; um ano: 14-15/12/95

**Avaliação do governo Mário Covas após um ano de mandato, segundo a localização do município – Região Metropolitana ou Interior**



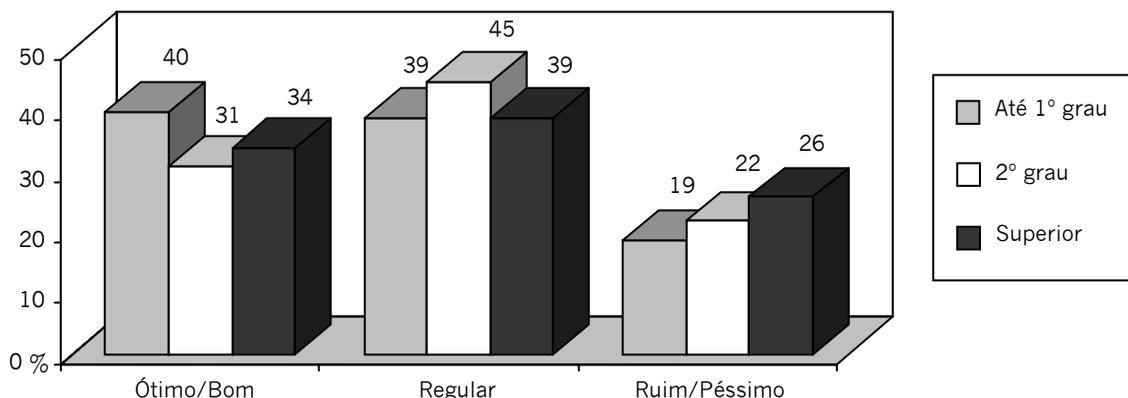
Fonte: Datafolha

Pergunta: "O governador Mário Covas completará um ano de governo. Na sua opinião, ele está fazendo um governo: ótimo, bom, regular ou péssimo?"

Data: 14-15/12/95

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe".

**Avaliação do governo Mário Covas após um ano de mandato, segundo a escolaridade do entrevistado**



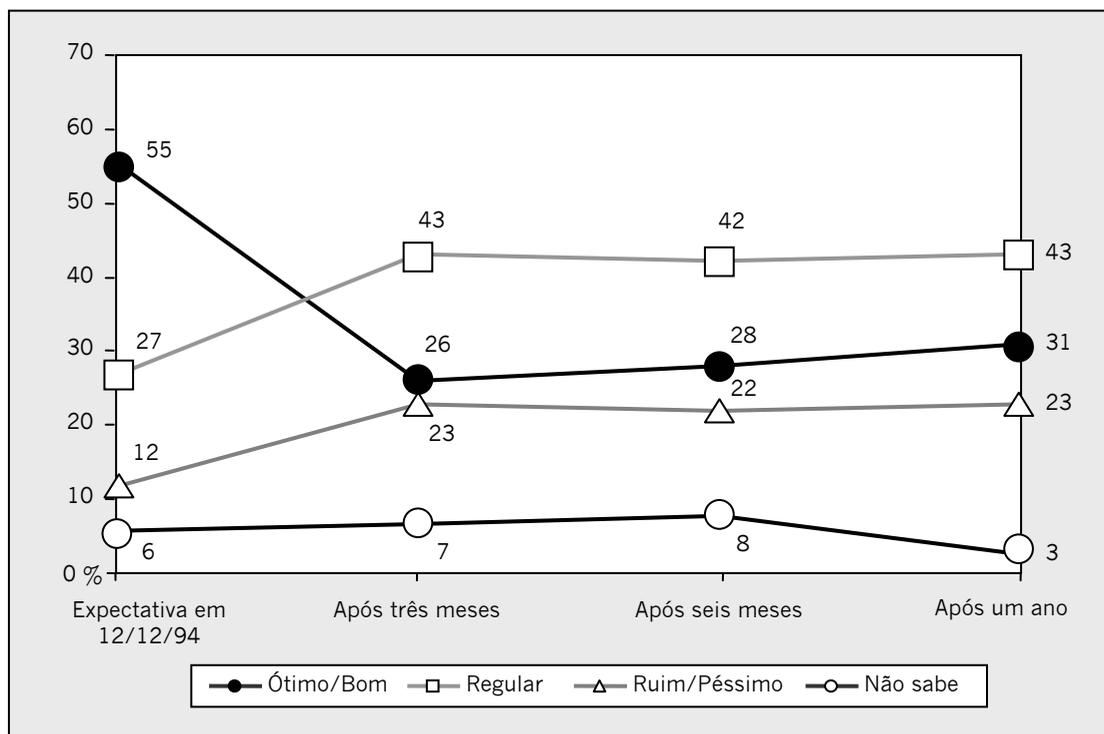
Fonte: Datafolha

Pergunta: "Na sua opinião, o governador Mário Covas está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

Data: 14-15/12/95

Obs.: A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe"

**Governo do Estado do Rio de Janeiro  
Evolução da avaliação do governo Marcelo Alencar (PSDB)**

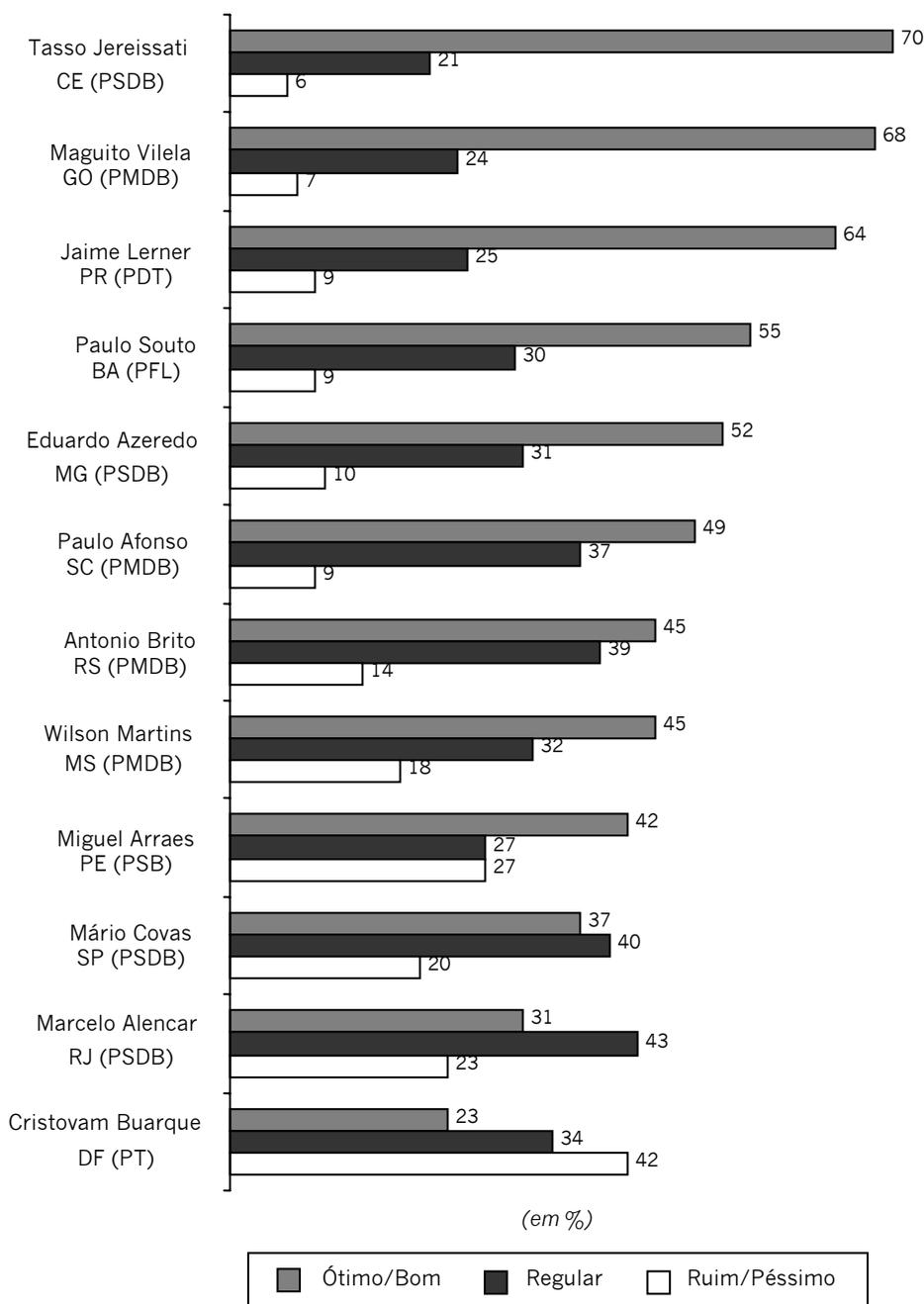


Fonte: Datafolha

Pergunta: "Na sua opinião, o governador Marcelo Alencar está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

Datas: expectativa: 12/12/94; três meses: 22-23/03/95; seis meses: 20-22/06/95; um ano: 12-14/12/95

**Avaliações dos governos estaduais – um ano de mandato**



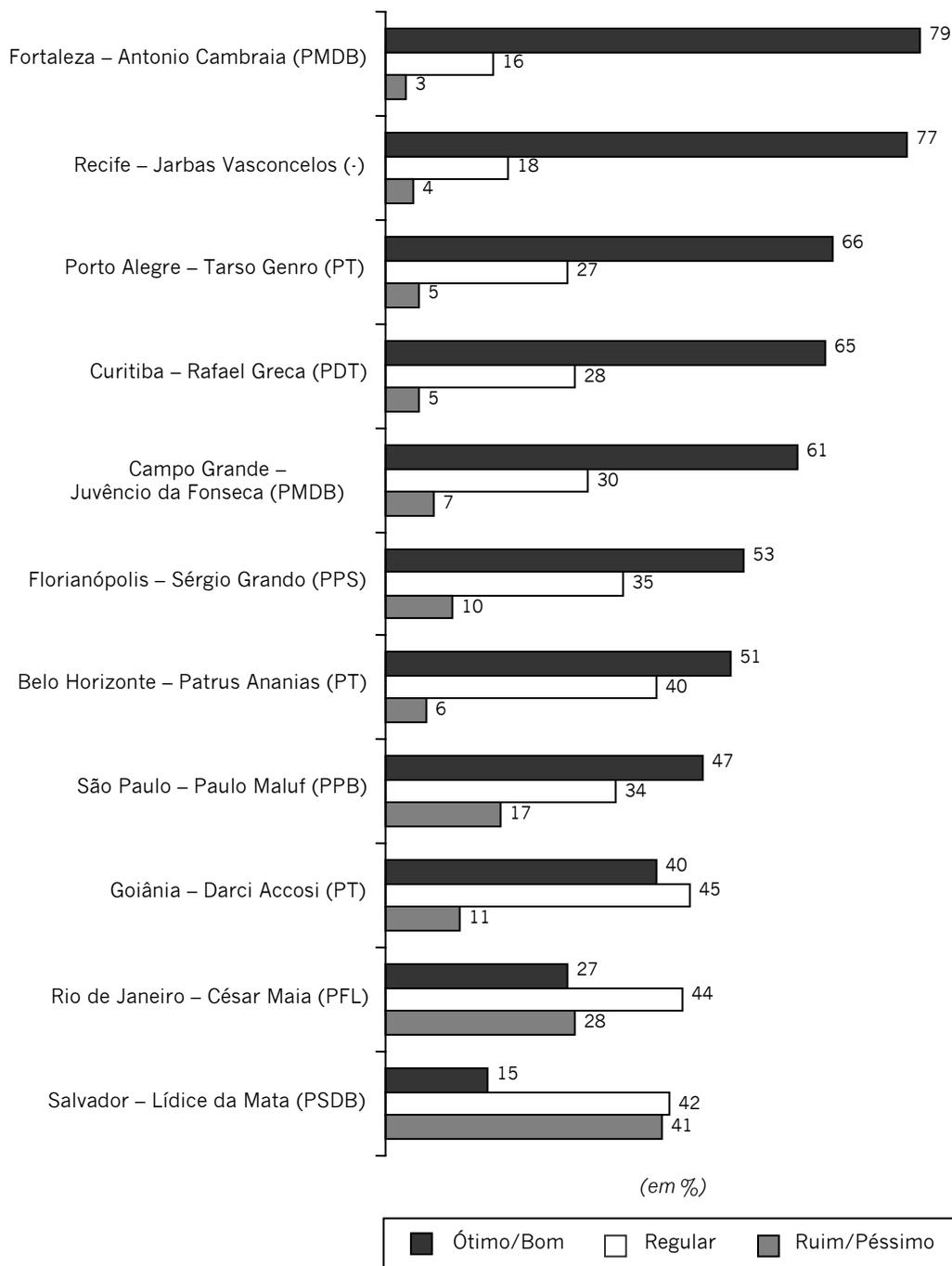
Fonte: Datafolha

Pergunta: “Na sua opinião, [o governador] está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?”

Data: 13-14/12/95

Obs.: A diferença para 100% correspondente à resposta “não sabe”.

### Avaliação dos prefeitos de algumas capitais após três anos de mandato



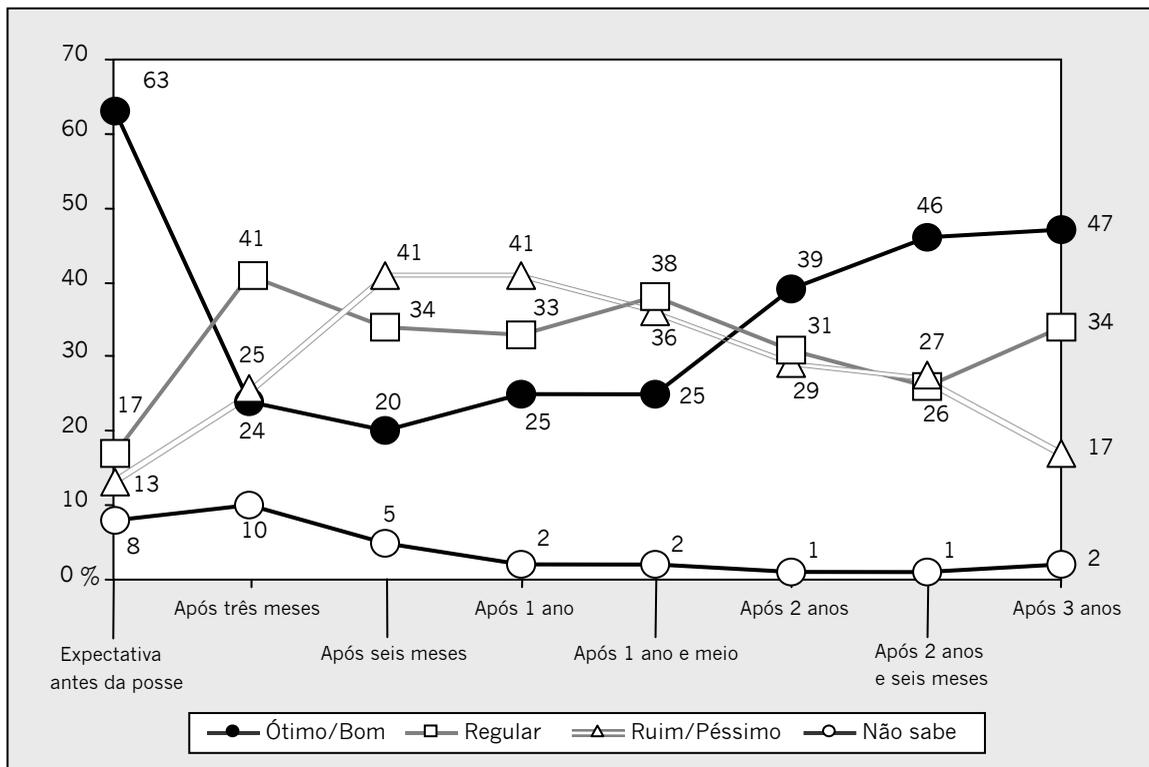
**Fonte:** Datafolha

**Pergunta:** "O prefeito... completará três anos de mandato. Na sua opinião, ele está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

**Data:** 14-15/12/95

**Obs.:** A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe".

**Prefeitura de São Paulo**  
**Evolução da avaliação do prefeito Paulo Maluf (PPB)**



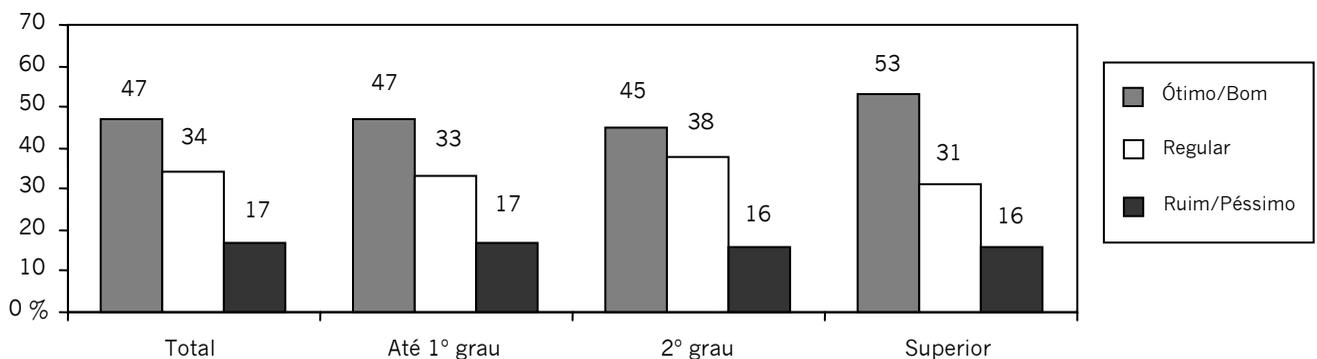
Fonte: Datafolha

Pergunta: "O prefeito Paulo Maluf está completando... de mandato. Na sua opinião, ele está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

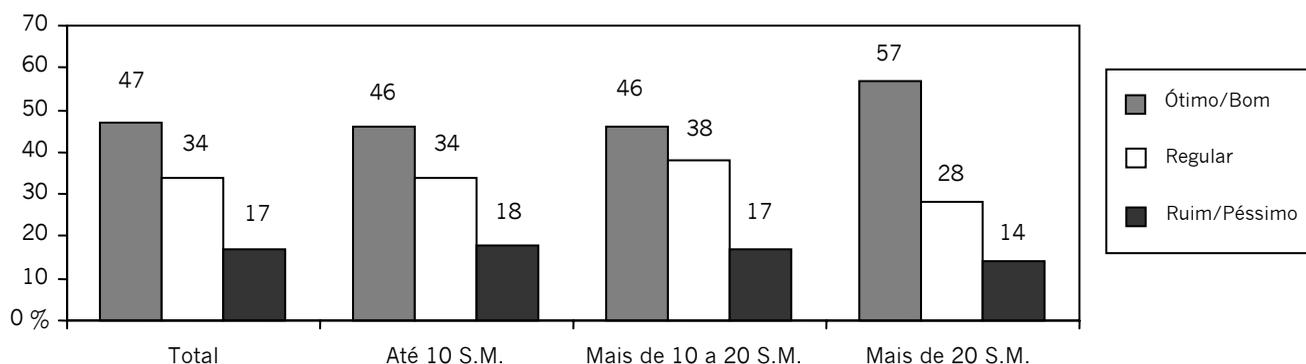
Dados: Antes da posse: 16/12/92; três meses: 30/03/93; seis meses: 22/06/93; um ano: 16-17/12/93; um ano e meio: 9-13/06/93; dois anos: 12/12/94; dois anos e seis meses: 20-22/06/95; dois anos e nove meses: 20-21/09/95

**Avaliação do prefeito Paulo Maluf após três anos de mandato: comparação por variáveis significativas**

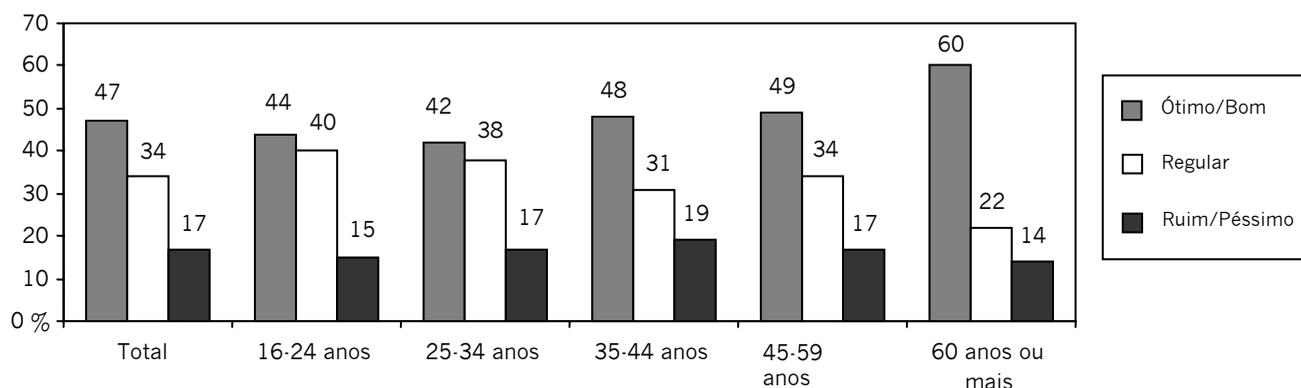
**Escolaridade**



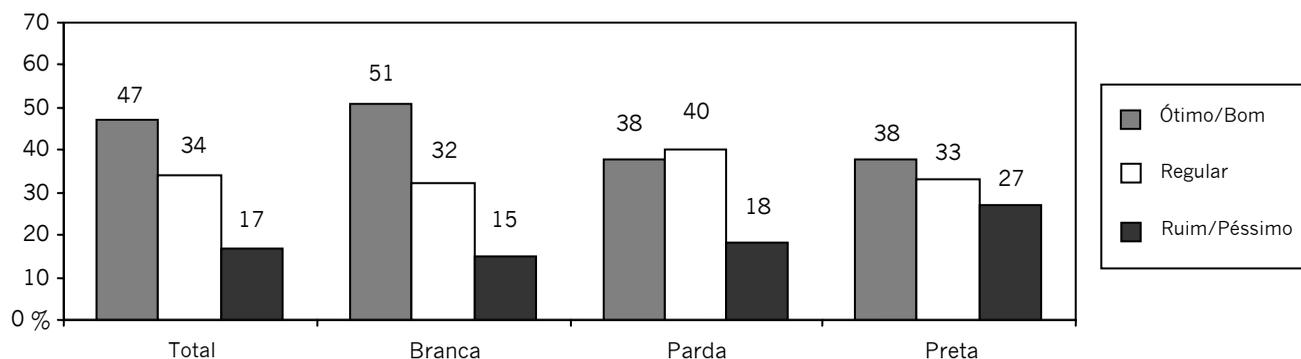
Renda familiar



Idade



Cor do entrevistado (observada)



**Pergunta:** "O prefeito Paulo Maluf está completando três anos de mandato. Na sua opinião, ele está fazendo um governo: ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?"

**Data:** 18/12/95

**Obs.:** A diferença para 100% corresponde à resposta "não sabe".

# Ficha Técnica

## Seção Reforma Agrária

### IPOP – Instituto de Pesquisas de Opinião e Mercado

| Data | Universo  | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas)  | Tipo de amostra  |
|------|---|--|--|
| 1962 | Eleitores residentes nas regiões Nordeste (Pernambuco, Paraíba, Bahia); Centro-leste (Guanabara, Rio de Janeiro e Minas Gerais) e Sul (São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul) | Amostra geral: 1.400<br>Amostras específicas:<br>Guanabara: 600<br>São Paulo: 600<br>Pernambuco: 600<br>Rio Grande do Sul: 600 | Amostra estratificada em estágios múltiplos, segundo o número de eleitores de cada área geográfica e por número de eleitores dos municípios. |

### IBOPE/AEL – Acervo histórico do IBOPE, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, depositado no Arquivo Edgar Leuenroth da Unicamp

| Data                | Universo  | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra  |
|---------------------|---|---|--|
| junho/julho de 1963 | 16 cidades de 10 estados brasileiros: São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Estado do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará. | 6.400                                     | Amostra selecionada de acordo com os critérios: extensão do colégio eleitoral de cada cidade; peso proporcional do eleitorado feminino e masculino; distribuição da amostra em função das classes sócio-econômicas, graus de instrução e grupos profissionais dos entrevistados. |

### ISR – University of Michigan / IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro\*

| Data      | Universo  | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra                              |
|-----------|---|---|--|
| 1972/1973 | População com 18 anos e mais, residente no Sudeste e Sul do Brasil (Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Guanabara) | População: 1.314                          | Seleção probabilística em múltiplos estágios |
|           | Membros de vinte dos maiores sindicatos das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo   | Sindicalizados: 352                       |  |

\* Cohen, Youssef, Philip E. Converse, Amaury G. de Souza e Peter J. McDonough. *Representation and Development in Brazil, 1972-1973* (machine-readable data file). Conduzido pelo Instituto Universitário do Rio de Janeiro e o Institute for Social Research, University of Michigan. 2nd ICPSR, Ed. Ann Arbor, Mich. Inter-University Consortium for Political and Social Research, 1980. 1 data file (1.666 logical records) + 1 codebook (478p).

### IDESP – Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo

| Data                       | Universo                            | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra   |
|----------------------------|-------------------------------------|---|---|
| outubro a novembro de 1986 | População do município de São Paulo | 573                                       | Amostragem probabilística em três estágios: 1º, setor censitário; 2º, domicílio; e 3º, o entrevistado |

### IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

| Data           | Universo                   | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra   |
|----------------|----------------------------|---|---|
| 28/11-17/12/87 | População adulta do Brasil | 5.000                                     | Representativa do eleitorado do país, elaborada por cotas proporcionais em função de variáveis significativas do um universo: sexo, idade. Atividade e posição na ocupação. |

# Ficha Técnica

## Datafolha

| Data        | Universo  | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra  |
|-------------|---|---|--|
| 06-09/09/88 | População dos municípios de São Paulo e do Rio de Janeiro | 1.050 (SP)<br>750 (RJ)                    | Representativa do eleitorado dos municípios, elaborada por cotas proporcionais em função de variáveis significativas do universo: sexo, idade, nível, sócio-econômico. |

## ABRA – Associação Brasileira de Reforma Agrária\*

| Data               | Universo                                | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra  |
|--------------------|---|---|--|
| 25/10 a 10/11/1995 | População do município de Campinas – SP | 202                                       | Amostragem por cotas mistas, segundo dados do Plano Diretor da cidade, estimativa da Fundação SEADE sobre estratificação social, emprego e renda, dados sobre faixas etárias e população do IBGE |

\* Porto, Mayla Yara & Norder, Luiz Antônio Cabello (orgs). *Relatório final sintético da pesquisa realizada na cidade de Campinas no período de 25 de outubro a 10 de novembro de 1995*. Relatório impresso. ABRA.

## Seção Avaliação de Governos

### Datafolha

| Data        | Universo                        | Tamanho da amostra<br>(nº de entrevistas) | Tipo de amostra   |   |
|-------------|---------------------------------|---|---|---|
| 30/03/93    | Eleitores das áreas pesquisadas | 1.080                                     | Representativa da população na área em estudo, elaborada por quotas proporcionais em função de variáveis significativas do universo: zona geográfica, nível sócio-econômico da região, sexo e idade |   |
| 22/06/93    |                                 |   |   |   |
| 16-17/12/93 |                                 |   |   |   |
| 12/12/94    |                                 |   |   |   |
| 20-22/06/95 |                                 |   |   |   |
| 12-14/12/94 |                                 |   |   |   |
| 26-27/01/95 |                                 |   |   |   |
| 21-23/03/95 |                                 |   |   |   |
| 20-22/06/95 |                                 |   |   |   |
| 18/09/95    |                                 |   |   |   |
| 20-21/09/95 |                                 |   |   |   |
| 14-15/12/95 |                                 |   |   | 420 em Belo Horizonte, Campo Grande, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Porto, Alegre recife, Salvador; 630 no Rio de Janeiro; 1.086 em São Paulo |
| 12-15/12/95 |                                 |   |   | 12.495  |
| 18/12/95    |                                 |   |   | 1.086   |

# *Televisão e voto: a eleição de 1992 para prefeito de São Paulo*

---

**Mauro Pereira Porto**

Universidade de Brasília

---

## **Resumo**

Este artigo analisa o efeito dos meios de comunicação de massa em conjunturas eleitorais. Com base em pesquisa de tipo painel realizada em 1992 na cidade de São Paulo, o autor afirma a influência da imagem produzida sobre os políticos pela televisão na formação das preferências políticas dos eleitores paulistanos.

**Palavras-chave:** comportamento político; mídia; eleições

## **Abstract**

This article analyses the effect of the mass media on electoral situations. Based on panel research results, developed in the city of São Paulo in 1992, the author affirms the influence of the image of the politicians produced by the television on the process of formation of the voter's political preferences.

**Keywords:** political behavior; media; elections

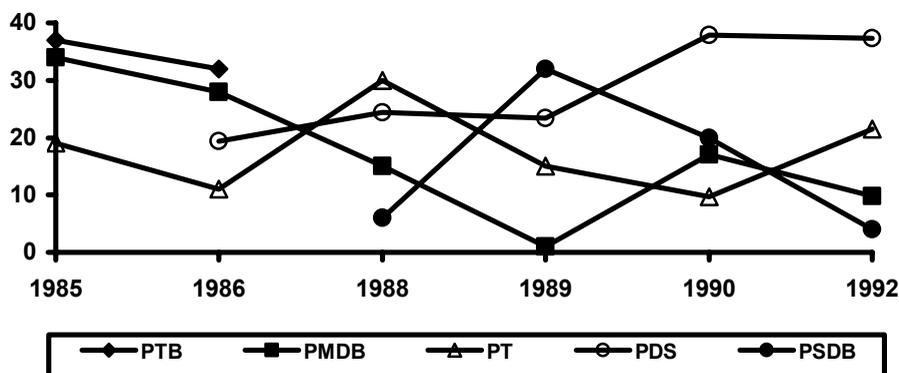
A questão dos efeitos dos meios de comunicação de massa no processo político constitui um campo de trabalho relativamente pouco desenvolvido no Brasil, especialmente na área da ciência política. No caso específico dos estudos sobre comportamento eleitoral, os mídia raramente são considerados um elemento relevante da decisão do voto. Em um levantamento da produção acadêmica brasileira sobre partidos, eleições e comportamento político realizado em 1992, nenhum dos 225 títulos listados incluía os meios de comunicação de massa como tema central (LIMA JR. et al., 1992). Confirma-se assim o diagnóstico do historiador Thomas Skidmore: enquanto políticos e partidos lutam para dominar a televisão, acadêmicos continuam a fixar sua atenção nos aspectos tradicionais do processo eleitoral (SKIDMORE, 1993, p. 2).

O objetivo deste artigo é desenvolver uma análise acerca do papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo, buscando assim contribuir para superar essa lacuna nos estudos sobre comportamento eleitoral. Trata-se, portanto, de um esforço no sentido de compreender o papel dos meios de comunicação em processos eleitorais municipais, através do estudo de caso de uma eleição no maior município brasileiro, a cidade de São Paulo, hoje com mais de seis milhões de eleitores. A análise está desenvolvida a partir dos dados de um estudo de painel realizado com 90 eleitores da capital paulista.

### **O voto na cidade de São Paulo**

Antes de passarmos à análise da eleição de 1992, apresentaremos os aspectos mais gerais do comportamento eleitoral dos paulistanos nos últimos anos, principalmente a partir das primeiras eleições realizadas após o período autoritário (1985). A comparação do desempenho das diferentes forças políticas no município torna-se importante para a compreensão dos resultados de 1992, como veremos a seguir.

**Gráfico 1**  
**Votação dos principais partidos políticos no município de São Paulo (1985-1992)**



Fonte: TRE - São Paulo e Pierucci e Lima, 1991.

O Gráfico 1 apresenta os resultados da votação dos principais partidos políticos no município de São Paulo nas últimas seis eleições. Uma primeira constatação na análise dos dados é o evidente processo de consolidação e expansão da base eleitoral do candidato do Partido Democrático Social (PDS)<sup>1</sup>. Paulo Maluf passa dos 19,4% na eleição para o governo do Estado em 1986 para 24,4% na eleição para prefeito em 1988. No primeiro turno da eleição presidencial realizada no ano seguinte, há uma pequena queda de sua votação (de 1%) que seria compensada por um enorme crescimento de seu eleitorado no primeiro turno da eleição para governador em 1990, quando alcançou 37,9% dos votos na capital. Em 1992, Maluf praticamente repete este desempenho com 37,3% dos votos, garantindo a sua primeira vitória nas urnas para um cargo majoritário no segundo turno desta eleição.

O PDS é, portanto, a única força política com um desempenho eleitoral estável e ascendente no município de São Paulo nas últimas cinco eleições. Quais seriam as bases para estes resultados tão favoráveis a Maluf? Analisando as eleições de 1985 e 1986, Pierucci (1989) constatou diversos aspectos comuns com relação à base eleitoral conservadora de Jânio Quadros e Maluf. As maiores votações destes dois candidatos na capital teriam uma localização geográfica muito

<sup>1</sup> Em junho de 1993, o PDS passa por um processo de fusão com o PDC, constituindo o Partido Progressista Reformador (PPR).

clara: ambos têm o seu melhor desempenho nos bairros intermediários das zonas leste e norte, localizados entre o centro da cidade e a periferia. A base do voto conservador estaria concentrada em um “bolsão geográfico” específico, povoado por populações de “classe média baixa”. Em uma análise posterior sobre o grande crescimento do voto conservador na capital na eleição de 1990, Pierucci e Lima (1991) mostram como a “mancha malufista” se espalha pelo mapa da cidade, incorporando novos bairros à base eleitoral conservadora. O crescimento se dá em direção aos bairros mais ricos das zonas sul e oeste. Este processo se confirma em 1992, quando Maluf obtém suas melhores votações nos bairros mais ricos da cidade (PIERUCCI e LIMA, 1993).

Outra constatação importante com relação aos dados do Gráfico 1 diz respeito à tendência decrescente do eleitorado do (P)MDB. Se entre 1974 e 1982 o partido não perdeu uma única eleição na capital paulista, a partir de 1982 há uma crescente diminuição de sua base eleitoral. Dos 42% atingidos por Franco Montoro em 1982 e 34% por Fernando Henrique Cardoso em 1985, o PMDB chega a 1992 com apenas 9,8% dos votos da cidade.

Dada a tendência crescente do PDS e decrescente do PMDB, o PT e o PSDB passam a disputar o mesmo espaço como alternativa ao crescimento de Maluf. O PT atinge melhores resultados em 1988 e 1992, mas o PSDB, através da candidatura de Mário Covas, obtém melhor desempenho em 1989 e 1990.

## **A eleição de 1992**

A eleição de 1992 teve peculiaridades importantes com relação aos processos eleitorais anteriores da capital paulista. Foi a primeira eleição para a prefeitura organizada em dois turnos<sup>2</sup>. Foi também uma disputa eleitoral que transcorreu no marco do processo de “impeachment” do Presidente da República, fazendo com que os aspectos da conjuntura nacional tivessem preponderância sobre os temas locais. O afastamento do Presidente Collor de Mello contribuiu para a “nacionalização” das disputas municipais de 1992, dominando a cobertura dos mídia e a campanha dos candidatos.

Com relação à escolha dos candidatos, o Partido Democrático Social (PDS) oficializou a candidatura de Paulo Salim Maluf, presidente nacional do partido e candidato derrotado nas eleições de 1986 e 1990 para o governo do Estado, de 1988 para a prefeitura e 1989 para a Presidência da República. Maluf foi nomeado

---

<sup>2</sup> A Constituição de 1988 definiu que, nos municípios com mais de 200 mil eleitores, será organizada uma segunda votação caso nenhum candidato a prefeito obtenha a maioria absoluta dos votos válidos. Participam do segundo turno os dois candidatos mais votados no primeiro (Artigos 29 e 77). Em 1992, o primeiro turno foi realizado no dia 3 de outubro e o segundo em 15 de novembro.

prefeito de São Paulo (1967-1972) e governador do Estado (1979-1982) pelo governo militar, elegendo-se deputado federal em 1982. Em 1985, foi o candidato do PDS na eleição indireta para a Presidência da República, sendo derrotado no Colégio Eleitoral por Tancredo Neves. Em 1992, na cidade de São Paulo, o PDS se coligou com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que indicou Sólon Borges dos Reis como candidato a vice-prefeito, e com o Partido Liberal (PL).

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) optou pelo vice-governador do Estado, Aloysio Nunes Ferreira Filho. Aloysio foi um destacado ativista do movimento estudantil durante o regime militar, tendo militado no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e exilado-se na França, onde permaneceu até 1979. De volta ao país, elegeu-se deputado estadual pelo PMDB em 1982, quando ainda mantinha vínculos com o PCB. Pouco depois, rompe com os comunistas e torna-se líder do governo Franco Montoro na Assembléia Legislativa. Reelege-se deputado estadual em 1986, concorrendo como vice na chapa do PMDB ao governo em 1990. Em 1992, na cidade de São Paulo o partido se coligou com o Partido Democrático Trabalhista (PDT), que indicou o ex-deputado federal Airton Soares como candidato a vice, e com mais oito pequenos partidos (PPS, PSD, PMN, PRP, PTR, PTC, PTdoB, PPN).

O candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) foi o senador Eduardo Matarazzo Suplicy que iniciou sua carreira política elegendo-se deputado estadual pelo MDB em 1978. Com a extinção do bipartidarismo no ano seguinte, participa da fundação do PT e elege-se deputado federal em 1982. Em 1985, candidata-se pela primeira vez à prefeitura de São Paulo, obtendo a terceira colocação, com 19% dos votos. Em 1986, é candidato ao governo do Estado, quando sua votação na capital cai para 11%. Em 1988 é o vereador mais votado na capital, chegando à presidência da Câmara dos Vereadores e elegendo-se senador em 1990. Em 1992, o candidato a vice-prefeito foi Gumerindo Milhomen, também do PT, e o partido se coligou com o PCdoB, PSB e PC.

Dos partidos de maior expressão política e eleitoral, resta o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Com a decisão de Mário Covas, José Serra e Franco Montoro de não se candidatarem, a escolha recaiu no nome do deputado federal Fábio José Feldman. Deputado pelo PMDB em 1986 e PSDB em 1990, Feldman destaca-se por sua militância no movimento ambientalista, tendo fundado diversas entidades não-governamentais. Em 1992, o candidato a vice foi Walter Feldman, também do PSDB. O partido se coligou com o Partido Verde (PV).

## **Metodologia**

Feitas estas considerações, apresentaremos a seguir a metodologia utilizada no estudo de painel realizado com 90 eleitores paulistanos em 1992 sobre a relação entre a televisão e a eleição para prefeito realizada naquele ano. Utilizando questionários com perguntas abertas e fechadas, os mesmos eleitores foram entrevistados em quatro oportunidades: 11 e 12 de julho, 15 e 16 de agosto, 26 e 27 de setembro e 7 e 8 de novembro de 1992. É preciso ressaltar que a amostra de 90 eleitores não é probabilística e, portanto, não se pretende extrair dela generalizações sobre os mais de seis milhões de eleitores do município de São Paulo. Entretanto, os dados serão utilizados como uma rica fonte de informações sobre como a televisão influenciou a decisão do voto.

Buscando refletir a complexa composição social dos eleitores do município de São Paulo, a amostra do painel foi organizada de acordo com a divisão da cidade em “áreas homogêneas” (AH), elaborada pelo DataFolha com base em uma divisão anterior da SEPLAN (Governo do Estado)<sup>3</sup>. Esta divisão, baseada em variáveis como renda familiar, saneamento básico, densidade demográfica e mortalidade proporcional, vai da área homogênea mais rica (AH 1) à área homogênea mais pobre (AH 5). Foi escolhido um bairro de cada área homogênea através dos seguintes critérios: correspondência com as características gerais de cada área homogênea, facilidade de locomoção dos pesquisadores e localização na zona geográfica que concentra o maior número de eleitores. A amostra de 90 eleitores ficou assim dividida, de acordo com a proporção de eleitores de cada área homogênea:

Após a definição dos bairros escolheram-se aleatoriamente algumas ruas e casas para a coleta de dados com os eleitores.

Estes são os aspectos principais da metodologia utilizada. Passaremos a seguir a análise dos dados do painel, buscando identificar as formas pelas quais a televisão influenciou a decisão do voto.

## **Critérios na decisão do voto**

Analisaremos a seguir algumas questões relativas ao processo da decisão do voto nas 11 semanas que antecederam a eleição, período entre a primeira rodada de entrevistas (11 e 12 de julho) e o primeiro turno da eleição de 1992 para prefeito de São Paulo (3 de outubro).

---

<sup>3</sup> A amostra foi dividida também em quotas por sexo. Segundo dados do TRE de São Paulo, 50,7% dos eleitores do município eram homens e 49,3% mulheres. Seguindo essa proporção, a amostra foi composta por 46 homens e 44 mulheres.

Uma primeira questão a ser ressaltada quanto aos eleitores é o forte desinteresse dos eleitores pela política, como mostram os dados da Tabela 2.

**Tabela 1**  
**Composição da amostra de 90 eleitores segundo a divisão por área homogênea, por zona geográfica e por bairros**

| AH:   | Bairro:         | Zona Geográfica: | Número de eleitores: |
|-------|-----------------|------------------|----------------------|
| 1     | Vila Mariana    | Zona Sul         | 16                   |
| 2     | Santa Cecília   | Centro           | 05                   |
| 3     | Alto da Mooca   | Zona Leste       | 21                   |
| 4     | Vila Guilherme* | Zona Norte       | 26                   |
| 5     | Itaquera        | Zona Leste       | 22                   |
| Total |                 |                  | 90                   |

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo.

\*Na AH 4, as zonas geográficas que concentram maior número de eleitores são a zona norte (8,9%) e a zona sul (9,1%) com pequena vantagem para a zona sul. Optou-se, porém, por um bairro da zona norte para que esta zona geográfica também estivesse representada na amostra.

**Tabela 2**  
**Interesse pela política entre os entrevistados segundo as áreas homogêneas da cidade de São Paulo**

| Pergunta: tem interesse pela política? | AH 1     | AH 2-3   | AH 4     | AH 5     | TOTAL    |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|
| Sim                                    | 25%      | 23%      | 27%      | 23%      | 25%      |
| Não                                    | 75%      | 69%      | 65%      | 77%      | 71%      |
| Não respondeu                          | .        | 8%       | 8%       | .        | 4%       |
| Total                                  | 16(100%) | 26(100%) | 26(100%) | 22(100%) | 90(100%) |

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo.

Os dados demonstram que 71% dos entrevistados não manifestaram interesse pela política. Esse desinteresse é maior tanto na área homogênea mais rica (AH 1), quanto na mais pobre (AH 5). O processo da decisão do voto entre os eleitores da amostra ocorreu, portanto, em meio a uma grande indiferença quanto ao processo político. Tal atitude dos eleitores pode ser compreendida, em grande parte, devido à presença constante do tema da desqualificação da política e dos políticos na televisão, principalmente nas telenovelas, como demonstraram vários

estudos sobre a eleição presidencial de 1989 (RUBIM, 1989; LIMA, 1989; WEBER, 1989). Nas novelas, os políticos são sempre corruptos ou se utilizam da política em benefício próprio, construindo generalizações extremamente negativas quanto ao “mundo da política”. Em outro trabalho (PORTO, 1994), ressaltai como uma novela da Rede Globo de Televisão (“Pedra Sobre Pedra”), que antecedeu as eleições de 1992, contribuiu para reforçar esta desqualificação, construindo um terreno propício para a disseminação de atitudes de rejeição à atividade política.

Ao lado desse descaso para com a política, existe uma preferência pelo critério das qualidades pessoais com relação às propostas políticas na escolha do candidato, como mostra a Tabela 3. Trata-se de um processo denominado por alguns acadêmicos como a “ascensão da política centrada nos candidatos” (WATTEMBERG, 1991), quando características individuais dos candidatos passam a ser mais relevantes para o eleitorado do que suas propostas ou programa, principalmente em países cujos sistemas partidários possuem um baixo grau de institucionalização.

Mais da metade dos eleitores (57%) consideravam as qualidades pessoais e somente 31% as propostas políticas como o fator mais importante em um candidato. É importante ressaltar que apenas na AH 1 o número de pessoas que optaram pelo critério das propostas políticas é majoritário, enquanto que a AH 5 foi a que expressou maior preferência pelo critério das qualidades pessoais. Tal diferença pode estar relacionada com o fato de que os habitantes das áreas mais ricas têm maior grau de escolaridade e maior acesso a outras fontes de informação (imprensa escrita, livros etc), reforçando a preferência pelas propostas e programa dos candidatos como critérios definidores do voto.

Um processo eleitoral onde muitas pessoas tendem a votar em um candidato do qual discordam por gostarem de sua personalidade só é possível em uma cultura televisiva (MEYROWITZ, 1989). Em uma atmosfera de desinteresse pela política e de predomínio das qualidades pessoais dos candidatos, o papel da televisão torna-se particularmente relevante por ser um meio que se afirma mais através da imagem/sentimento do que através do argumento/racionalidade.

Mas quais seriam as qualidades pessoais dos candidatos que os eleitores consideravam mais importantes? Buscamos obter informações sobre esta questão apresentando algumas características para que os eleitores indicassem a mais importante em um candidato. Os dados são apresentados na Tabela 4.

As características mais importantes em um candidato, segundo os eleitores da amostra, são a honestidade (40%) e a competência (26%). Assim, ao lado da ênfase nas qualidades pessoais, ressalta-se os temas da honestidade e da competência na decisão do voto.

O tema da honestidade se faz mais presente nas áreas homogêneas 1 e 4, enquanto a questão da competência é a preferida pelos eleitores da área homogênea mais pobre (AH 5). Assim, entre os moradores das áreas mais ricas, há uma tendência maior em favor dos critérios das propostas políticas e da honestidade, enquanto que em áreas mais pobres a tendência geral favorece os critérios da qualidade pessoal e da competência.

**Tabela 3**  
**Fatores mais importantes na escolha de um candidato segundo os entrevistados por área homogênea da cidade de São Paulo**

|                         | AH 1     | AH 2-3   | AH 4     | AH 5     | TOTAL    |
|-------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Propostas Políticas     | 50%      | 23%      | 42%      | 14%      | 31%      |
| Qualidade Pessoais      | 44%      | 62%      | 50%      | 68%      | 57%      |
| Não sabe/ não respondeu | 6%       | 15%      | 8%       | 18%      | 12%      |
| Total                   | 16(100%) | 26(100%) | 26(100%) | 22(100%) | 90(100%) |

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo.

**Tabela 4**  
**Características mais importantes em um candidato segundo os entrevistados por área homogênea\* da cidade de São Paulo.**

|  | AH 1     | AH 2-3   | AH 4     | AH 5     | TOTAL    |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|
| - Honestidade                          | 50%      | 31%      | 54%      | 27%      | 40%      |
| - Competência                          | 12%      | 38%      | 8%       | 41%      | 26%      |
| - Ter programa                         | 19%      | 11%      | 4%       | 10%      | 10%      |
| - Conhecer os problemas da cidade      | 12%      | 8%       | -        | 4%       | 6%       |
| - Experiência                          | 7%       | -        | -        | 4%       | 2%       |
| - Capacidade de realizar grandes obras | -        | 4%       | -        | 4%       | 2%       |
| - Não respondeu                        | -        | 8%       | 34%      | 10%      | 4%       |
| TOTAL                                  | 16(100%) | 26(100%) | 26(100%) | 22(100%) | 90(100%) |

\*Pergunta fechada: "Qual das seguintes características é mais importante em um candidato?".

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo

### **As definições no período da “campanha oficial”**

Outro aspecto relevante com relação aos 90 eleitores do painel é o fato de que a maior parte deles não modificou a sua intenção de voto entre a primeira entrevista (11 e 12 de julho) e o primeiro turno da eleição para prefeito (3 de outubro). Assim, é possível dividir os eleitores em dois grupos, para efeito de comparação, entre os que modificaram e os que mantiveram sua intenção de voto durante o período da “campanha oficial” que antecede as eleições, como mostra a Tabela 5.

Uma expressiva maioria dos eleitores (66%) não modificou sua intenção de voto entre julho e o primeiro turno das eleições (outubro). A análise sobre o papel da televisão no processo da decisão do voto deve considerar as razões da decisão antecipada destes eleitores, adotando, portanto, uma perspectiva de longo prazo<sup>4</sup>. Entretanto, é possível detectar algumas das formas através das quais a televisão influenciou na decisão do voto, mesmo no curto período de 11 semanas que antecedeu as eleições, como veremos a seguir.

**Tabela 5**  
**Mudança e manutenção da intenção de voto dos entrevistados entre 11 e 12 de julho e o primeiro turno (3 de outubro) da eleição de 1992 para prefeito de São Paulo por área homogênea**

| Intenção de voto: | AH 1      | AH 2-3    | AH4       | AH 5      | TOTAL     |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Mantida           | 69%       | 73%       | 50%       | 73%       | 66%       |
| Modificada        | 31%       | 27%       | 50%       | 27%       | 34%       |
| Total             | 16 (100%) | 26 (100%) | 26 (100%) | 22 (100%) | 90 (100%) |

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo

---

<sup>4</sup> Uma das mudanças mais importantes nos estudos da comunicação política nas últimas décadas foi a passagem das pesquisas de curto prazo, centradas apenas na campanha eleitoral, para as de longo prazo, mais preocupadas com os efeitos cognitivos dos mídia (cf. WOLF, 1992, p. 123-156). A tendência em restringir o estudo dos efeitos dos mídia ao curto período que antecede as eleições tem contribuído para que diversos estudos cheguem à conclusão que seus efeitos são “limitados”, principalmente a partir das pesquisas “clássicas” da década de 40 (LAZARSFELD et al., 1944; BERELSON et al., 1955. Para uma interessante crítica da tradição dos “efeitos limitados”, ver CHAFFEE e HOCHHEIMER, 1985). Apesar do presente estudo analisar apenas o período de 11 semanas que antecedeu o primeiro turno da eleição de 1992 para prefeito de São Paulo, os pressupostos teóricos da pesquisa ressaltam que os efeitos da televisão são de longo prazo (cf. PORTO, 1994).

A Tabela 6 contém informações sobre a intenção de voto nos meses de julho, agosto, setembro e a decisão do voto no primeiro turno da eleição (3 de outubro) entre os entrevistados da amostra. Em primeiro lugar, vale ressaltar que os resultados do primeiro turno entre os eleitores da amostra não diferem muito dos resultados oficiais (entre 1 % e 5% de diferença), o que indica que a amostra refletia a tendência geral do eleitorado paulistano. No que se refere à evolução da intenção de voto, os três principais candidatos tiveram o mesmo percentual de crescimento entre julho e o primeiro turno (6%). Mas, quais teriam sido as razões que levaram alguns dos eleitores a se decidirem por um candidato, ou mudar sua intenção de voto nesse período (julho a outubro)? As razões dos eleitores para cada opção são apresentadas a seguir<sup>5</sup>:

a) *Paulo Maluf (PDS)*

Os motivos alegados pelos nove eleitores que aderiram à sua candidatura entre julho e outubro variaram da seguinte forma: três alegaram a rejeição ao PT ou ao seu candidato, Eduardo Suplicy; três alegaram as qualidades pessoais do candidato (“mais inteligente, mais experiente, é o melhor”); um alegou a má administração da prefeita Luiza Erundina; outro, o fato de que o candidato estava “bem cotado”; e o último, a falta de um outro candidato melhor.

Como a televisão influenciou a decisão desses eleitores? A rejeição ao PT e à administração de Luiza Erundina pode ter sido determinada, ou pelo menos reforçada, pela televisão. Em trabalho anterior (PORTO, 1994), procurei demonstrar como o telejornal “Aqui Agora” do SBT construiu uma cobertura jornalística desfavorável ao PT e à prefeita Erundina, principalmente através de uma ampla campanha contra a “indústria das multas de trânsito”. Os dados do painel com os 90 eleitores demonstram que a exposição ao jornal do SBT dificultava uma avaliação positiva da prefeitura, pois dos 20 eleitores que consideravam como “boa” a administração de Erundina, 17 assistiam o jornal às vezes ou não assistiam, enquanto somente 3 assistiam todos os dias ou quase todos os dias. A cobertura jornalística negativa da prefeita não ocorreu apenas no jornal “Aqui Agora”. Kowarick e Singer (1993, p. 202) chamam a atenção para o fato de que no primeiro ano do mandato de Erundina houve “a vigilância que boa parte da imprensa falada e escrita exerceu sobre o governo do PT: o lixo, a sujeira, os vendedores ambulantes, os buracos nas ruas, a ocupação de terras e as posições 'incendiárias' da prefeita eram manchetes recorrentes”. Não se trata aqui de julgar se a administração de

---

<sup>5</sup> As respostas foram obtidas a partir de uma pergunta aberta que era apresentada aos entrevistados quando estes modificavam sua intenção de voto manifestada na entrevista anterior, ou quando o eleitor indeciso optava por um dos candidatos.

Luiza Erundina foi boa ou má, mas simplesmente de chamar a atenção para o fato de que os mídia, e particularmente a televisão, são um fator decisivo na formação da imagem dos administradores públicos.

**Tabela 6**  
**Intenção de voto entre os entrevistados nos meses de julho, agosto, setembro e votação no primeiro turno da eleição de 1992 para prefeito de São Paulo\***

|                 | Julho    | agosto   | Setembro | Como votou no 1º turno | Resultado Oficial |
|-----------------|----------|----------|----------|------------------------|-------------------|
| Maluf           | 36%      | 37%      | 39%      | 42%                    | 37%               |
| Suplicy         | 18%      | 19%      | 20%      | 24%                    | 23%               |
| Aloysio         | 2%       | 5%       | 8%       | 8%                     | 10%               |
| Feldmann        | 1%       | 1%       | .        | .                      | 4%                |
| Silvio Santos** | 9%       | 1%       | .        | .                      | .                 |
| Faria de Sá**   | 2%       | .        | .        | .                      | .                 |
| Indefinido      | 12%      | 17%      | 9%       | .                      | .                 |
| Branco/Nulo     | 20%      | 20%      | 24%      | 26%                    | 23%               |
| TOTAL           | 90(100%) | 90(100%) | 90(100%) | 90(100%)               |                   |

\*A Intenção de voto foi induzida. Apresentou-se um cartão circular com os nomes dos candidatos para que os eleitores indicassem o de sua preferência.

\*\*Arnaldo Faria de Sá e Silvio Santos, que disputavam a indicação pelo Partido da Frente Liberal (PFL), tiveram suas candidaturas canceladas pelo TSE no dia 8 de setembro. A partir da terceira entrevista os nomes dos dois candidatos não constavam mais do cartão circular utilizado para verificar a intenção de voto.

Fonte: Painel sobre o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo.

Isto principalmente quando, como no caso da administração petista, havia um importante paradoxo: “Enquanto os serviços da prefeitura nas suas áreas de competência - limpeza urbana, pavimentação, educação, saúde, cultura, etc - recebiam uma avaliação muito boa, a avaliação dada à prefeita Luiza Erundina e ao Partido dos Trabalhadores era ruim ou sofrível” (BOLAFFI, 1993, p. 239).

Pesquisa realizada pelo instituto Gallup sob encomenda da prefeitura entre os meses de maio e junho de 1992 com 1.170 entrevistados demonstrou que entre 61% e 88% das pessoas consideravam os serviços de educação e saúde da prefeitura como “ótimos” ou “bons” (*Estado de São Paulo*, 26.06.1992), Esse paradoxo entre a boa avaliação dos serviços e a má avaliação da administração só pode ser explicado a partir do processo de construção da imagem dos administradores públicos, processo este determinado de forma importante pela televisão.

O eleitor que mencionou como uma razão do voto o fato de Maluf estar “bem cotado” indica o importante papel das pesquisas eleitorais para alguns indivíduos<sup>6</sup>. Um dos aspectos constitutivos desse processo é o modo pelo qual muitas pessoas tendem a identificar e seguir o que acreditam ser a opinião majoritária, ou o candidato melhor colocado nas pesquisas. Para conferir esta tendência, perguntamos aos eleitores se eles votariam em um candidato que não tem chances de vencer as eleições: 52% disseram que sim e 47% não. Ou seja, quase metade dos eleitores da amostra considerava as chances de um candidato como um fator importante na decisão do voto. E são exatamente as pesquisas eleitorais que têm a função de dizer “quem tem chances”.

*b) Eduardo Suplicy (PT)*

Os sete eleitores que optaram por Suplicy no período alegaram as seguintes razões: três, a sua honestidade; um, as provas apresentadas por ele no Horário Eleitoral Gratuito contra Maluf; outro, o melhor plano de governo; o seguinte, a rejeição a Maluf; e o último não respondeu.

A importância do critério da honestidade para os eleitores de Suplicy está certamente relacionada com o processo de “impeachment”, quando a questão da ética na política constituiu um elemento central da conjuntura nacional. Suplicy buscou aproveitar esse cenário organizando sua campanha em torno do tema da honestidade. Entretanto, a campanha do PT foi excessivamente personalizada e vazia de conteúdo político. Isto permitiu a Maluf construir a idéia de que o problema não era o candidato, mas a incompetência do PT para governar a cidade. Esta foi a base de um dos principais motes da campanha malufista: “a gente não tem nada contra o Suplicy; a gente só não quer o PT mandando aqui”. O programa de televisão de Maluf buscou ainda desmontar a estratégia de Suplicy, afirmando que não basta ser honesto, mas é preciso ser também um bom administrador. Estes motivos certamente contribuem para explicar por que o critério da honestidade não possibilitou a Suplicy um desempenho eleitoral maior. Com relação ao papel da televisão, a menção ao Horário Eleitoral como motivo do voto evidencia a importância deste espaço para a decisão de alguns eleitores.

---

<sup>6</sup> É preciso ressaltar que é através da televisão que os institutos de pesquisa ganham projeção nacional, sendo o principal meio através do qual os dados chegam aos eleitores.

*c) Aloysio Nunes (PMDB)*

O candidato do PMDB obteve a adesão de cinco eleitores da amostra que alegaram as seguintes razões para suas opções: dois, o fato de que Maluf estava envolvido em corrupção; um, o bom desempenho das administrações do PMDB; outro, o conflito entre Faria de Sá e Silvio Santos; o último não respondeu.

A transferência de votos de Maluf para Aloysio possivelmente não foi maior devido à já mencionada desqualificação dos políticos e da política promovida pela televisão. Em um cenário de representação da política<sup>7</sup> em que há uma generalização de qualidades extremamente negativas a toda a classe política, talvez a única distinção possível fosse a competência para administrar. Por este motivo, muitos eleitores votam em Maluf, mesmo reconhecendo a sua desonestidade: dos 38 eleitores de Maluf na amostra, 7 (18%) acreditavam que ele esteve envolvido em corrupção e 4 (10%) não souberam responder. Um eleitor chegou a afirmar que sabia que Maluf também roubava, mas que ele “trabalhava e fazia alguma coisa”.

O eleitor que optou pelo candidato do PMDB falando do “papel que Faria de Sá fez com Silvio Santos” na convenção do PFL, quando ocorreram graves conflitos, evidencia o papel da televisão. Perguntado sobre onde havia obtido informações sobre o que havia ocorrido na convenção, o eleitor mencionou a televisão, apesar de não recordar o programa. O eleitor certamente se referia à reportagem do telejornal “Aqui Agora” do SBT do dia 29 de julho de 1992, sobre os conflitos na convenção do PFL, onde se culpou diretamente o deputado Faria de Sá pelas agressões ocorridas, defendendo explicitamente a candidatura do proprietário da emissora, Silvio Santos.

*d) Votos em branco e nulos*

Finalmente, um dado relevante sobre os motivos mencionados pelos dez eleitores que decidiram anular o voto ou votar em branco: nove deles alegaram não confiar mais nos políticos e um não respondeu. A desqualificação da política e dos políticos promovida pela televisão parece ter construído um terreno propício para uma maior disseminação de atitudes de rejeição à classe política, reforçando assim o voto em branco ou nulo.

---

<sup>7</sup> O conceito foi formulado por Venício A. de Lima (1994; 1995), e foi aplicado nas análises da eleição de 1992 para prefeito de São Paulo (PORTO, 1994) e da eleição presidencial de 1994 (PORTO, 1995).

### **Considerações finais**

No decorrer do presente trabalho, ressaltamos algumas das formas através das quais a televisão condicionou a eleição de 1992 para prefeito de São Paulo. Analisando o processo da decisão do voto de 90 eleitores paulistanos, foi possível obter informações relevantes sobre o complexo processo pelo qual a TV coloca limites específicos ao processo político. Verificamos alguns aspectos relevantes deste processo, como, por exemplo: a desqualificação da política e dos políticos; a ascensão de uma política centrada nos candidatos; a formação da imagem dos administradores públicos; a influência das pesquisas eleitorais; o papel do Horário Eleitoral Gratuito, etc.

Apesar de não serem o único fator a determinar os resultados da disputa eleitoral, os meios de comunicação de massa - e particularmente a televisão - estão impondo importantes transformações à própria natureza da política. Sem o reconhecimento do papel crescente dos mídia nas sociedades contemporâneas, será cada vez mais difícil compreender o processo político em sua plenitude, incluindo uma de suas práticas institucionalizadas mais importantes: as eleições.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CHRISTIANS, C. G.; CAREY, J. W. The logic and aims of qualitative research. In: STEMPEL, G.; WESTLEY, B. (ed.). *Research methods in mass communication*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1981.

DURKHEIM, É. Sociedade como fonte do pensamento lógico. In: RODRIGUES, J. A. (org.). *Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1993. p. 166-182.

GRAMSCI, A. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

HALL, S. Encoding/ decoding. In: HALL, S. et al. *Culture, media, language*. London: Hutchinson/ CCCS, 1980. p. 128-138.

\_\_\_\_\_. New ethnicities. In: MERCER, K. et al. *Black film, british cinema*. London: ICA, n. 7, 1988. p. 27-30.

LANG, K.; LANG, G. E. Los 'mass-media' y las elecciones. In: MORAGAS, M. (ed.). *Sociologia de la comunicación de masas*, v. III. Barcelona: GG Mass Media, 1993. p. 66-94.

LIMA, V. A. Televisão e política: hipótese sobre a eleição presidencial de 1989. *Comunicação & Política*, v. 9, n. 11, p. 7-27, abril-junho 1990.

\_\_\_\_\_. Televisão e poder: a hipótese do cenário de representação da política; CR-P. *Comunicação & Política*. Nova Fase, v. I, n. 1, p. 5-22, agosto-novembro 1994.

MATTELART, M.; MATTELART, A. *O carnaval das imagens*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MILLS, W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOORE JR., B. *O poder político e teoria social*. São Paulo: Cultrix, 1972.

PORTO, M. P. Meios de comunicação e hegemonia: o papel da televisão na eleição de 1992 para prefeito de São Paulo. *Dissertação de Mestrado em Ciência Política*. Universidade de Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. As eleições municipais em São Paulo. In: MATOS, H. (org.). *Mídia, eleições e democracia*. São Paulo: Scritta, 1994.

\_\_\_\_\_. *Telenovelas e imaginário político no Brasil*. 1994a. Trabalho apresentado no III Encontro Anual da Compôs, Campinas, 21-27 de agosto 1994.

REIS, E. P. Reflexões sobre o Homo Sociologicus. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 11, p. 23-33, outubro 1989.

RUBIM, A. A. C. Comunicação, espaço público e eleições presidenciais. *Comunicação & Política*, v. 9, n. 2-3-4, p. 7-21, 1989.

SARTORI, G. Videopoder. In: SARTORI, G. *Elementos de Teoria Política*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

SKIDMORE, T. (ed.). *Television, politics and the transition to democracy in Latin America*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1993.

WEBER, M. H. Pedagogias de despolitização e desqualificação da política brasileira: as telenovelas da Globo e as eleições presidenciais de 1989. *Comunicação & Política*, v. 9, n. 11, p. 67-83, abril-junho 1990.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. v. 1. Brasília: EdUnB, 1991.

WEFFORT, F. *Qual democracia?* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1992.

*Recebido para publicação em outubro de 1995.*

